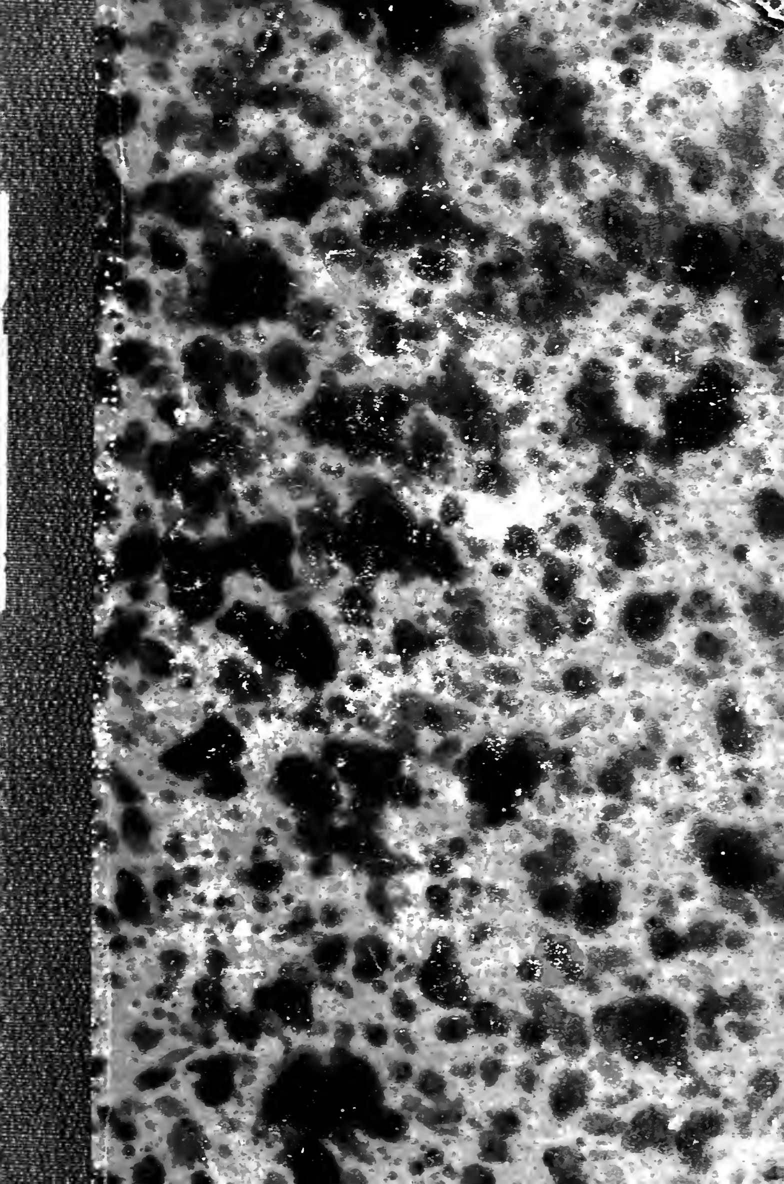


Este volume contem as seguintes obras:

Branca de Rossio

D. Luiz d'Ataide, ou a tomada de Dabul

O Sebastianista

O vicio sem mascara

1.as edições



BRANCA DE ROSSIS.

TRAGEDIA.

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.



LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO 1819.

Com Licença.

PERSONAGENS.

EZELINO	. . . .
BEATRIZ	*Mulher de Ezelino.*
BRANCA DE ROSSIS	. . . .
ALBERTO	*Filho de Branca.*
GERARDO	*Tio paterno de Alberto.*
ALDOVRANDO . .	*Confidente de Beatriz.*
GORGIA	*Capitão d'Ezelino.*

Soldados , e Guardas , que não fallão.

A Scena representa Bassano.

ACTO I.

SCENA I.

Atrio de Palacio Real. Em cada hum dos lados se descobre o exterior de hum Templo com a porta aberta, que deixa ver no interior hum sepulcro. Torres em distancia com as Bandeiras de Ezelino.

Ezelino, Aldovrando, Gorgia.

GORGIA.

Porque razão, Senhor, neste momento
Em que a mais nobre das virtudes tuas
Se acclama, e se bemdiz, turbido, e triste
A teus Vassallos o semblante mostras?
Já cede tudo ás tuas armas, tudo.
Estão dispersos os rebeldes: nestas
Excelsas torres de Bassano ondeão
Teus estandartes triunfaes aos ares.
Debalde alçar a temeraria frente
Se hão de atrever os destroçados restos
Dos inimigos teus. D' horror se cobre
Todo o Dominio Paduano, ouvindo
Os eccos de teu nome; e arrependido
(Mas tarde, e em vão) da muito audaz empreza
Será desbaratado, e até sujeito.

EZELINO.

Da vingança o desejo arde em meu peito,
Me agita, e me commóve, eu paz não tenho
Em quanto, em quanto não prostrar de todo,
E humilhada não vir ímpia Cidade,
Que fomentar rebelliões se atreve
Ainda contra mim. Vamos, amigos,
Vamos de novo ao Campo, e morrão todos
Quantos rebeldes cidadãos se atrevem
Contra mim, seu Senhor; seja hum delicto
Hum rasgo só de piedade. Soffrão
Dos crimes seus a merecida pena.

ALDOBRANDO.

Senhor, perdôa, se me atrevo a expôr-te
Meus sentimentos; ao rancor que nutres
Contra infelices taes, hum termo, hum freio
Em fim deves impôr: se ao Sceptro aspiras
Faze que o povo se sujeite, e dobre
A cerviz com prazer ás Leis que dictas
Com doçura e amor. O estrago, o sangue
Farão qu' incerta, e vacillante seja
A estrada das conquistas . . .

EZELINO.

Que conselho
Incauto me propões? Quem para o Sceptro
Nascido se julgou, deve com força,
Deve ter com vigor sujeito o povo.
Util foi sempre ao Vencedor aos povos
Descobrir seu poder. Dize, que susto,
S'impune deixo seu delicto, os homens,
E meus indóceis inimigos, podem
Da minha espada ter? Sempre inclinados

A' sedição, recusarão constantes
Homenagem prestar-me, e acatamento.
Tu sabes já que duas vezes Padua,
De meu Imperio o jugo sacudira,
Em quanto, novas palmas conquistando,
N'outro paiz o exercito eu guiava.
Quantas mortes crueis, e estragos quantos
Aos arrazados inimigos muros
Não levou meu poder? Que grão castigo
Não soffrêrão d'audacia os vís rebeldes?
Eu, o Duque de Porta, o Chefe indigno
Dos rebelados, a supplicio infame
Neste lugar sentenciei; mandando
Que a troncada cabeça exposta fosse,
No ferro d' huma lança, aos inimigos,
Dest' arte o peito de terror enchendo.
Assim julgava que ficasse extincto
Da vil rebelião o infausto germen;
Porém eu m'enganei, sua esposa Branca,
Do sexo debil a despeito, armada
De virtude guerreira, em odio aceza
Contra mim suscitou aos Paduanos
O temerario ardor; e em fim vencida,
Depois de longa, e sanguinosa guerra,
A tenho em meu poder; e a bellicosa
Sua audacia cruel, qu' incendio immenso
De amor no peito meu me atêa, ó Gorgia!
Quando no Campo a vi, de estrago, e sangue
Cobrindo meus exercitos, de todo
Eu m' esqueci de mim: lisonjas, rogos
Nada poupei, para vencer-lhe o peito.
Oppôz-se sem conselho aos meus desejos,

Aquelle insano amor, e os meus primeiros
Amorosos transportes se mudárão
Em profundo rancor . . .

GORGIA.

Suas repulsas
Conhecidas me são, e ingrata, e dura
Se oppôz ao teu amor. Como de antigos
Ultrages, semrazões, inda lembrar-se
Póde o teu coração . . .

EZELINO.

Presente o tenho.
Quem de offensas s'esquece, ou não tem força,
Ou cobardia tem: pedem vingança
Meu odio, meu amor; seja cumprida.
Venha a meus pés a ingrata, envolta em ferros,
Aviltada, submissa, observe, e sinta
Que poder tenha o desprezado amante;
Veja-me vencedor, temido, e grande,
De raiva se penetre, e s'arrependa!
Porém de balde; da soberba sua
Soffra o mesmo supplicio a que sujeito
O seu espozo vio. Corre, Aldobrando,
Traze-me a indigna prisioneira . . .

ALDOBRANDO.

E pódes,
Ind' antes d'ultimar os teus triunfos,
D'hum desprezado amor tomar vingança?
Suspende o teu furor, té que acabada
Tão digna empreza seja, e que vencido
De teus Vassallos o ardimento seja.
Deixa aquella infeliz no temeroso
Horror d'huma prizão, deixa nos braços

D'hum tormento cruel, c'o filho amado,
E com Gerardo o confidente, seja
Envolta em mágoa, o seu castigo espere.

EZELINO.

Não quero demorar minha vingança,
Cumpre o qu' eu mando, vai, e a morte sua
Ha de servir de exemplo aos vis traidores.

(*Aldobrando parte.*)

SCENA II.

Ezelino, e Gorgia.

EZELINO.

DIZE, amigo fiel, que sentimentos
Me mostra o povo, de prazer, ou mágoa,
Neste dia fatal? . . .

GORGIA.

Todos applaudem
Tua illustre victoria, em seu semblante
Se descobre o prazer. Mas sabes quanto
Nos homens seja o coração diverso
Daquillo mesmo que lhe mostra o rosto!
Mas ainda antes que feneça o dia
De teus guerreiros sustentando o esforço
Contra inimigos teus, podes de todo
As iras saciar, e já seguro
Tu tens o teu triunfo; apenas restão
Para vencer huns esquadrões dispersos,
Sem força já, e de terror seguidos.
O inflexivel rigor que a teus contrarios

Mostrado tens, e o derramado sangue
De tantos, tantos Cidadãos, naquelle
Valle que cérca a subjugada Padua
Os faz tremer, Senhor, são teus vencidos,
Entre si já murmurão, ledo instante
Appetecem da paz, e o grave risco
Em que todos estão por ti combate.

EZELINO.

Aquelles monstros rebelados, todos
Igual ao crime seu terão castigo,
A meus pés humilhando a altiva fronte
Piedade pedirãõ . . . mas eis se avança
A prisioneira para nós! Oh Fados!
Que gentil rosto! Ignoto sentimento
Me assalta o peito! Oh Ceos! A antiga chamma
De novo em mim se accende, em mim se atêa!

SCENA III.

Branca encadeada no meio das Guardas: entra volvendo os olhos para a parte do Templo, sem advertir em Ezelino. Aldovrando, e os ditos.

BRANCA.

Eis o Templo! o Sepulcro!..Oh vista horrenda!
Oh Sepulcro! Oh Sepulcro! Infausto objecto
De ternura, e de dôr! Meu desditoso
Doce esposo alli jáz . . . Com pranto inutil
Te mostro a minha dôr! . . . Féros Ministros
(*Para os Guardas.*)
D'hum barbaro Tyranno, hum pouco ao menos

Desafogar no Mausoléo deixai-me
Meu triste coração ... Eis Ezelino.
(Vendo o Tyranno.)
Impio homicida ! Quando o vejo, toda
Sinto em fogo abrazar-me. E posso acaso
Fitar meus olhos no odioso aspecto?

ALDOVRANDO.

Olha, Senhor, de que crueis tumultos
Combatida a infeliz se te apresenta !

BRANCA.

Inda farto não he de atormentar-me
O meu destino barbaro! Tyranno,
Dize, que queres mais? Queres tirar-me
Esse amargo prazer qu' inda me resta
De carpir meu esposo ? Inda tens sêde
Talvez de sangue meu? A aborrecida
Vida me tire teu furor extremo!
Eu mesma o quero assim! Cruel, ao menos
A raiva atróz, que te atassalha o peito
Contra os tristes oppressos Paduanos,
Desafoga em mim só! Então só tinha
Apenas de deixar filho innocente,
Privado aqui do maternal soccorro.
Deste infeliz, e misero menino
Tem dó, tem compaixão, se a mão da morte
Deve cortar da minha vida a têa.
E minhas frias, e caladas cinzas,
De meu esposo ás cinzas misturadas,
Manda qu' hum mesmo tumulo as esconda.
Eu supplico isto só . . . .

EZELINO.

Mais do que julgas

Me penetro de dor! D'alma desterra
Esse susto cruel, que assim te opprime,
Modéra o teu furor! . . .

BRANCA.

De que maneira
Eu me posso dar paz? De toda a parte
Contra meu coração se vibrão golpes
D'hum homicida vencedor! Tu sentes
Piedade de mim! Queres que o creia?
Dize, dize cruel, quem te obrigava
Meu esposo a matar? Inda cumprido
O claro Sol não tem seu annuo gyro,
Em que em tudo espalhando alta ruina
Entraste nestes desgraçados muros.
Abrirão teu caminho armas, e enganos.
Neste dia fatal ao caro esposo,
Como a vil malfeitor, no cadafalço
Foi a illustre cabeça decepada.
Então viuva, afflicta, e não temendo
Ou transe, ou risco algum, o estrago, a mort
Eu destinei levar aos teus soldados,
Minha patria vingar, vingar o esposo
Derramando teu sangue... Oh Ceos! De balde!.
Não foi propicio o fado, e envolta em ferrc
A huma obscura prizão fui conduzida.
O horror, o luto, as lagrimas, o espanto
De tantos infelices cruelmente
Consumidos da fome, e do pezado
Dubio destino seu, que duros golpes
Derão no peito meu! Quando a meus olhc
Vi conduzir o misero Gerardo
Com meu tenro filhinho, oh! que torment

Então senti, que dor! Elle fazendo
Ressoar as abóbadas com pranto,
Por seu pai perguntava a cada instante;
De mil affectos combatida, oppressa
Só com meu pranto responder podia;
Nossas magoas em fim, nosso martyrio,
Ah! Cruel Ezelino, de teus olhos
Algumas ternas lagrimas tirárão.
Mas que tormento o coração no peito
Me fere, e despedaça! Oh Ceos! té quando
Tantas maldades soffrereis na terra!
Teme os raios de hum Deos: sua vingança
Quanto mais se detem, mais he pezada.
Pede vingança o sangue derramado
D'infelices a quem por vãs suspeitas
Tiraste a vida com tormento estranho;
Bráda inda aos Ceos de Padua, e de Verona,
De tantas povoações, o acerbo estrago,
Que o teu furor .... Tyranno! Eia, que pensas?
Por qu'incerto, e confuso os olhos fitas
Nos tristes olhos meus? Por que arde, e córa
Com minha voz teu rosto? Não respondes?
Volves acaso n'alma hum novo crime?

EZELINO.

A muito chegas, Branca! o teu perigo
Não s'evita dest'arte, antes s'augmenta,
E se acceléra mais! Quando te observo
De tantos males combatida, esqueço
Já passadas offensas; tu modéra
O féro orgulho, e desterrar procura
Do pensamento imagens de tristeza.
De mim porque te queixas? Constrangido

Eu da razão d'Estado a teu consorte
Mandei tirar a vida, e tu conheces
Quantos já contra mim se rebellárão.
Em mim que crime, ou que delicto encontras?
Tu me reprendes, Branca, e não conheces
O qu'eu sinto por ti! Se neste peito
Ah! tu podesses lêr! ou se a mim dado
Fosse agora explicar-me! ... Oh lá, Soldados,
Estes ferros soltai, e a liberdade
Hoje seu filho, com Gerardo, tenha.
E tu modéra a tua dor; teus passos,
Onde quizeres, livremente guia;
Só te védo sahir dos patrios muros.

BRANCA.

Eu devo acreditar-te? E não m'enganas?
E sentes dó das minhas desventuras?
Socegou teu furor? Meu caro filho
Devo tornar a ver? . . . .

EZELINO.

Sim, Branca amada,
A tua dor me desarmou! . . .

BRANCA.

Consente,
Que aquellas graças eu te renda ao menos,
Que esta viuva misera só póde
Dar-te em tamanha dôr! Tanta clemencia
N'hum inimigo! Oh Ceos! ... Oh filho amado,
Em tantos males unico conforto!
Tu me tornas mais doce a liberdade,
Mais dôce a vida! Oh suspirado filho!
E devo ver-te em fim dos ferros solto?

EZELINO.

Eu to permitto, sim . . .

BRANCA.

E he certo? Em pouco
Eu o devo abraçar? Oh filho amado!
Oh Ceo piedoso! para mim năo foste
Tăo avaro, e cruel; meus duros males
Te merecêrăo dó!... Mas que suspendo?
Eu vou buscar meu filho... E tu que dentro
(*Volta-se ao Tumulo.*)
Dessas pedras estás, ó cinza fria,
Tu me perdoa se occultar procuro
Hum odio atroz, que devo ao teu contrario.
O' Alma grande, do estellante assento
Onde sentado estás, tu bem conheces
Que aceito a vida, porque salvo o filho...
Ezelino, eu me aparto, eu sempre grata,
Sempre lembrada da clemencia tua
Para sempre serei; e tu prosegue
A ser benigno como foste agora,
Aos vencidos será teu jugo leve.

EZELINO.

Vai com ella, Aldovrando . . .
(*Branca sahe acompanhada de Aldovrando.*)

SCENA IV.

Ezelino , e Gorgia.

EZELINO.

Em fim tu viste
Quão estranha mudança em mim fizera
Desta mulher o lisongeiro aspecto.
As queixas, o lamento, a dor, as iras
Não excitárão meu furor tremendo.
Era do odio, e da vingança objecto,
Hoje intentava derramar seu sangne:
Não sei que compaixão n'hum só momento.
Porque a quiz inda vêr? Sinto mudado
Em suave ternura o odio antigo.

GORGIA.

Tu que dizes, Senhor? ... Pois Branca póde..

EZELINO.

Tu com razão te assombras, e eu conheço
Quanto indigno de mim seja este fogo
De novo aviventar: mas sinto, ó Gorgia,
Que cede o meu valor; força bastante
Para lhe oppôr não tenho. De meu peito
Achou da prisioneira o fero orgulho
Modo de ser senhor . . .

GORGIA.

Eu, que t'escuto,
Não conheço Ezelino! Onde se occulta
Teu coração tão grande, e valoroso?

E terá tanto imperio amor tyranno,
Que opprima a tua gloria! Ouve, Ezelino,
Ella ao triunfo te convida, e manda
Qu' em fim destruas a Cidade infida,
E que teus Campiões no Campo esperem
Teus acenos, Senhor . . .

EZELINO.

Gorgia, não valem
Conselhos em amor, debalde busca
Razão oppôr-se a meu affecto antigo;
Já n'outro tempo suspirei por ella.
Fiel ao esposo seu, tentei debalde
Seu coração vencer; foi passageiro
Aquelle affecto então: guerras, cuidados,
E o tempo (que mais póde) o desterrárão.
Hoje se avivão mortas esperanças,
Mais em meu peito se renova a chaga:
Hoje agradar-lhe intento, e seus desvios,
Qu' eu tanto temo, supportar não posso!

GORGIA.

Mas qu' esperança conservar tu pódes,
Que teus transportes reduzir consigão
Aquella alma inflexivel? Tu cortaste
De seu esposo os desgraçados dias! . . .
Cuida em reinar, Senhor, cuida em triunfos,
Cuida em vencer os inimigos, nunca
De hum baixo affecto seduzir te deixes.

EZELINO.

Eu não pertendo indignamente amalla.
Escuta, eu quero expor-te alto segredo;
Cinco lustros ha já, que o sacro laço
Do Matrimonio a Beatriz me liga

Sem poder ter hum successor no Imperio.
Nella a idade declina, e já de todo
Tal esperança em mim se desvanece.
Que meio posso achar? Ah! Branca, Branca
Sómente poderia; . . . mas receio
Qu' irada, qu' orgulhosa, e altiva negue
Remedio á chamma, que minha alma abraza.

GORGIA.

Tu te illudes, Senhor . . .

EZELINO.

Mas sem esposo,
Sem ter soccorro humano, e prisioneira...
Tu m'entendes, amigo! Em fim eu reino,
E que não póde huma ambição d'Imperio?
Verás, verás ceder sua alma fera,
Quando amada se vir, no Solio posta
De seu conquistador. Ella ama a Patria,
E seus Concidadãos, seu filho adora,
E tanto basta; meus triunfos mesmos
Podem nella operar mudança estranha.
Determinado meu divorcio tenho
Com Beatriz, e o coração de Branca
Prender, se lhe offertar d'esposo a dextra.

GORGIA.

Tu confias debalde, he muito austéra
A virtude de Branca, a dextra tua
A verás recusar, e invicta, e forte
Pizar o resplandor do Sceptro, e Throno.
Porém se a força, e violencia empregas,
Que fé tens d' esperar d'huma inimiga?
E cuidas qu' indolente hum tal divorcio
Beatriz soffrerá? Muda, Ezelino,

Muda hum projecto tal . . .

EZELINO.

Em vão procuras
Este incendio apagar, que assim m'inflamma.
Docil Branca será ; e obediente
Deve soffrer Beatriz o seu destino :
Tu corre a expôr-lhe já minha vontade;
Tu mesmo a exhorta a dissolver o laço
Inutilmente conservado . . .

GORGIA.

Eu parto
A cumprir tuas leis ; porém devêras
Outro tempo esperar mais opportuno.

EZELINO.

Impaciente estou, tudo me aggrava
O duro mal que soffro ; e neste dia,
Antes que o Sol s'esconda, á nova esposa
Me determino unir, meu peito afflicto
De todo socegar ; tu prestes busca
A Beatriz, e minha lei lh' intima :
Emprega o artificio, emprega o medo,
Convencella procura ; eu parto em tanto
A vêr o rosto que d' amor me abraza.

(*Sahe.*)

SCENA V.

GORGIA.

Como hei de expôr a Beatriz o feio
Projecto abominavel ? Que tormento
Deve sentir esta infeliz ! He certo ,
Qu' esses heroes , d'amor victimas tristes ,
Sem magestade , e sem rubor se aviltão !
Hum ligeiro relampago , hum vislumbre
D'hum vil prazer , e momentaneo , os céga
Vi feróz Ezelino , e triunfante ,
Eu combater o vi ; porém não póde
Vencer no coração hum vil transporte ,
Que a fama lhe obscurece ... Eis s'encaminh
(*Vendo Beatriz.*)
Beatriz para aqui ! Quando a devizo
Me sinto enternecer ! . . .

SCENA VI.

Beatriz , e Gorgia.

BEATRIZ.

Ó Gorgia , he cer
Que medita Ezelino estragos novos ?
Que arrazar quer de todo a minha Patria ?
Que aos meus Concidadãos quer dar a morte
E seus triunfos , seu valor , e força

Só serviráõ de conseguir-lhe o nome
De tyranno, e cruel? Com sêcos olhos
Eu devo contemplar dos meus a morte,
Pizar a terra com meus pés, banhada
De seu illustre sangue inda fumante!
Tu procura applacallo, amansa, e doma
O seu cruel rancor, e as que atassalhão
Furias seu peito, que se apraz da morte.
Talvez que mais o movão os teus rogos
Que as minhas tristes lagrimas!... Suspiras?
Tu te affliges? Oh Ceos!... Falla, que he isto?
Tu me opprimes d'horror...

GORGIA.

Teus tristes males
Despertão em mim dó! Da tua Patria
Tu não tens que sentir sómente o estrago.
Outro mal, outro golpe te ameaça!

BEATRIZ.

E que desastre annunciar-me intentas?

GORGIA.

O mais cruel qu' imaginar tu podes.

BEATRIZ.

Falla Gorgia,... eu desmaio!

GORGIA.

O teu esposo
Muito te preza e ama, e constrangido
Se vê com tudo a dissolver o laço,
O laço conjugal sempre infecundo,
Que comtigo tramou...

BEATRIZ.

Oh Ceos! que escuto!
Meu esposo! Ezelino!...

GORGIA.

Assim do Estado
Quer que valha a razão ; e elle deseja
No Throno hum Successor. Ah! não t'opponhas.

BEATRIZ.

Eu qu' escuto infeliz ! Que accezo raio
Meu coração ferio ! Que horror gelado
Me aperta o seio ! E chega a tanto excesso
Hum pérfido Marido ? Eu não resisto
A tal annuncio . . .

GORGIA.

Imaginar não pódes
Com que amargura a barbara noticia
Eu te venho trazer ! Por mais que chore ,
Minha dor, meu pezar ... tudo he frustrado !

(*Sahe.*)

SCENA VII.

BEATRIZ.

DEST'ARTE me despreza, e assim m'expulsa
Ezelino cruel ? E assim dissolve
O laço marital ? Traidor ! Dest' arte
Pizados hei de ver sagrados votos ,
Que proferira á face dos altares ,
Que a dura morte quebrantar só póde !
E tu , ó Ceo , tão feios attentados
Impunes deixarás ? Com tal infamia
Eu deverei viver ? Serei de todos
Mostrada com a mão ? Mas eu me perco
Nestes inuteis míseros queixumes ! . . .

Vai, Beatriz, desafogar teu odio
Deste traidor no scelerado sangue:
Trahida esposa, o coração lhe arranca,
O coração sem fé, do peito ao monstro,
E aquelle monstro barbaro conheça
Quem intenta insultar. D'injurias tantas
Vingar me saberei! Mas que vingança,
Intentar poderei? Bem que trahida,
No peito escuto amor, qu'inda me falla,
E me falla o dever. Este inhumano
Com minhas dôces lagrimas primeiro
Tentarei abrandar . . . Desesperada
De odio, de amor, de magoa, de ciume
Me veja o esposo indigno: huma esperança
Inda sinto raiar! Talvez suspenda
A sacrilega acção, que os Ceos offende,
Que enche d'espanto a Natureza inteira.

ACTO II.

SCENA I.

Branca, Alberto, Gerardo.

BRANCA.

(Mostrando a Alberto o Tumulo.)

Alli tens, filho meu, eis o Sepulcro
(Oh tormentosa vista!) onde s'escondem
Os ossos de teu pai. Ao cadafalço
O fez subir o barbaro Tyranno,
Qu'entre cadêas te encerrou té gora.

ALBERTO.

Oh desgraçado Pai! Tu sepultado
Aqui jazes ... Oh Ceos! Qu' horror profundo
O cruel espectaculo m' inspira!
E quando apenas conhecí teu rosto,
Eu orfão te perdi . . .

BRANCA.

Quanto, meu filho,
Despedaça minh' alma esse teu pranto.
Ah! queira o justo Ceo, que n'outra idade
O mesmo sintas; que com odio eterno,
Como huma herança paternal, tu vingues
O sangue de teu Pai, da Patria os males;
E já que teu semblante he delle a imagem,

Possas inda imitar suas virtudes !
Procura, ó filho, no mister das armas
Teu braço exercitar, e os teus triunfos
Possão hum dia despertar a inveja
Dos inimigos teus. Nunca te apartes
Das veredas da gloria, e fortaleza,
Que os avoengos teus, teu pai te abrirão . .
Mas ah! devo esperar que a vida tua
Poupe o fero Ezelino ? Oh ! desgraçado
Filho, em tão tenra idade, exposto a tantos
Dezastres tão crueis! Entre estes muros
He tudo para nós perigo, e morte!
A cada instante se me antolha o monstro
Impio tyranno, de furor armado,
Destes meus braços maternaes tirar-te.
Este me altera triste pensamento !
Talvez seja a vez ultima qu' escutes
Tua chorosa Mãi! . . .

GERARDO.

Sempre de magoa
Serás victima triste! E qu' importuno
Fantasma de terror te segue, ó Branca ?
Ora que a sorte variou de aspecto,
Cuidava ver-te mais tranquilla . . .

BRANCA.

Nesta
Torre fatal, e nos lugares tintos
De meu esposo c'o fumante sangue,
Entre lembranças taes da sua morte,
No palacio horroroso onde domina
O Tyranno feróz, tão perto deste
Sepulcro, devo sem terror mostrar-me ?

Gerardo.

Mas Ezelino nossos duros ferros
Em fim quebrou, e respiramos livres.
Que outra mais firme segurança exiges?

Branca.

Tu não conheces d'Ezelino o peito!
He hum monstro, Gerardo, he hum infame,
Cuja barbaridade off'rece horrenda,
Fatal memoria aos seculos futuros.
He detestavel a clemencia sua,
Eu a temo, Gerardo; e se he piedoso,
Porque sahir daqui me veda, e tolhe?
Porque s'intenta separar da esposa
Com divorcio cruel? Talvez se atreva
Inda a amar-me o cruel! Eu temo tudo;
E como poderia n'um momento
Em amor transformar seu odio e raiva?
Tu conheces, Gerardo, que motivos
Tem de odiar-me, e perseguir-me o monstro!
O desprezado amor, e os rebelados
Povos contra seu jugo, os desbaratos
Que tem soffrido, o natural instincto,
Que não conhece o dó, sempre indomavel,
Desperta em mim suspeitas horrorosas:
E contra a nossa Patria hum odio immenso
Conserva aquelle coração de tigre;
Os caminhos tentou mais vís, e iniquos;
Para a tyrannizar medita, emprega
Toda em seu damno a barbara fereza.
Flexivel póde ser quem he tyranno?
Quem estragos quer só, quem sangue anhéla?
Debalde o esperas! Virão-no meus olhos

Cioso, e vacilante n' hum Governo
De hum povo tăo feróz, que recusava
Dobrar a frente á servidăo, e humilde
Obedecer a usurpador medonho.
Tudo, tudo tentou; torres excelsas
Abateo, destruio, e os ornamentos
Da captiva Cidade, á morte dando
Mil e mil Cidadăos; as măis, e espozas,
Tremulos velhos, e innocentes filhos,
Sem ter respeito ao gráo, á idade, ao sexo.
E tu, Padua, Cidade tăo famosa,
Infeliz prêza do Tyranno foste.
De tua antiga Magestade apenas
Resta huma triste lacrimosa imagem!
Depois de tanto estrago, e tanta morte
Que năo devo eu temer? Ah! por piedade,
D'hum monstro tăo cruel, este innocente
A' vingança se roube. Ah! se eu te perco
Como posso existir, misero filho?
Em tanta magoa, e dor... (*Chora.*)

ALBERTO.

Que he isto, choras?
Ah! năo suspires, minha măi, que idéas
Te conturbăo assim? Toda em mim sinto
A alma agitar-se, ao descobrir-te entregue
A tal perturbaçăo, tăo funda mágoa!

BRANCA.

Tu năo percebes, desgraçado filho,
Que tempestade horrísona de males
Sobre ti se condensa!

ALBERTO.

Oh Ceos! que escuto?

Acaso intenta o barbaro Tyranno
Juntar ao sangue de meu pai meu sangue?
Oh consternada măi! Fujamos prestes
Destes lugares detestaveis . . .

BRANCA.

Filho,
Sim, meu querido filho, algum conforto
Podéra ter se te salvasse a vida:
Hes o penhor o mais suave e doce
Que me póde ficar nesta funesta
Situação de minh' alma.

(*Para Gerardo.*)

E tu, que observas
Minha pungente dôr, ah! tem piedade,
Soccorre o filho meu, talvez dependa
De ti sómente a salvação; tu busca
O meio de occultallo aos inimigos.
Eu por mim nada posso, que observando
Satellites crueis meus passos andão:
Tempo opportuno escolhe, inda espiado
Vejo que tu não hes. Tenta, Gerardo,
As Guardas seduzir, seja levado
Occultamente ao valoroso Estense;
Nelle sómente as esperanças tenho . . .

ALBERTO.

Oh minha afflicta măi! Como podéra
Retirar-me sem ti? Nem posso, ou devo
Abandonar-te mais . . .

BRANCA.

Oh! caro filho,
Não permitte meu barbaro destino
O poder-te seguir. Faze que ao menos,

Entre as desgraças que me cercão, possa
Não recear por ti . . .

GERARDO.

À mais tremendo
Perigo o vais expôr; e tu não sabes
Quantos Tyrannos com malignos olhos
Vigião sobre nós? Hum movimento,
Huma palavra só lhe dão suspeitas:
Póde ser perigosa esta fugida;
Inda de mores desventuras causa.
Cessa já de temer, não exasperes
D' Ezelino o furor com vã coragem;
Talvez que o peito, inexoràvel sempre,
Se mude alguma vez . . .

BRANCA.

Tuas palavras
Não podem desterrar negras suspeitas,
Que o coração afflicto me lacérão;
Mas ah! por onde quer que alongo os olhos,
Vejo a morte girar; do fundo seio
Os écos sinto d'huma voz ignota,
Que me manda esconder o amado filho
D' hum perigo inaudito! . . . Ah! para sempre!
He esta a voz do pranteado espozo!
Dentro em minh' alma s'esvaéce todo
O prazer que senti; quando as cadêas
Cahirão destas mãos, toda a maldade
M'esqueceo do Tyranno! Oh Ceos! agora,
Que devo resolver? Com tantas ancias
Eu não posso existir! Tudo se tente.
A fuga disporei para salvar-se
Este filho infeliz, eu não recuso

Expôr a vida a perigosos transes.
Vamos . . . . (*Começa a caminhar.*)

SCENA II.

Ezelino, e os ditos.

EZELINO.

SUSPENDE o passo . . .

BRANCA.

Oh Ceos! Que vejo!

GERARDO.

Que desgraçado encontro! . . .

EZELINO.

He este o filho?
(*Observando attentamente Alberto.*)

BRANCA.

Sim he este, Senhor, mostrar tu deves
Para com este desgraçado infante
Hum rasgo ao menos da clemencia tua;
He digno de piedade . . . Alberto ajuda
De tua Mãi as supplicas ardentes . . .

ALBERTO.

De minh' afflicta mãi, de seus tormentos
(*Ajoelhando.*)
Tende, Senhor, piedade, ella o merece.
Immersa em sua dôr, geme, e suspira.

EZELINO.

Querido filho meu, (desde hoje intento
(*Levantando o.*)
Dar-te este doce nome,) hum pai piedoso

Sempre terás em mim. Talvez qu' herdeiro
Sejas hum dia das emprezas minhas!
Verás mudado teu destino em breve!
Chega, chega-te a mim, e neste abraço
Sente o penhor de meu paterno affecto...
E tu, que tanto teu semblante triste
(*Para Branca.*)
Mostras com tanta dôr, d'alma desterra
D'huma vez o temor.— Todos se ausentem;
E tu, Gerardo, á minha estancia leva
O pequeno menino...

BRANCA.

Ah! que ternura!
Quão excessiva me parece!...
(*Gerardo parte com Alberto.*)

SCENA III.

Branca, e Ezelino.

EZELINO.

Pódes
Por isto conhecer quanta piedade
Os infelices miseros me excitem!
Se alguma vez castigo, e causo astragos,
Crueldade não he, he só justiça
Quem me levanta o braço; eu devo o louro
Cingir na frente, e supplantar rebeldes:
E tyranno por isto eu sou chamado.
Mui differente me verás, ó Branca:
Tanto merece a dôr, e tanto a mágoa,

Que a formosura no teu rosto augmenta.
Surrio-se em teu favor hoje o Destino.
De ti depende só mudar a sorte
D' Alberto, e tua, se o melhor escolhes . . .

BRANCA.

E que devo fazer ? . . .

EZELINO.

Attenta escuta.
Lembra-te, Branca, quanto fost' hum tempo
Amada d'Ezelino ? Eu bem me lembro,
Inda qu' a meu pezar : eu dava accesso
A indevida paixão, á qual se oppunha
Tua virtude, e natural candura.
D'aspecto mudou tudo, a antiga chamma
Mudou de condição ; e tu sem pejo
A podes sustentar. Intento agora
Separar Beatriz do Solio, e Throno.
O divorcio está feito, e a dextra tua
Eu supplico ; do thálamo consorte
Hoje t'escolho, minha mão te off'reço.
Com este laço o odio antigo, e justo,
Qu' eu tinh' á tua Patria, de meu peito
Hoje se arrancará ; vêr-se-ha florente
A suspirada paz . . . Ah ! tu prantêas ?
E a taes promessas tu descóras, tremes ?

BRANÇA.

Qu' escuto ! Que disseste ? Oh Ceos ! Que gêlo
Me corre pelas veias ! E podeste
Tanto esperar de mim? Meu Deos !...Eu morro !

EZELINO.

Falla . . . .

BRANCA.

Que hei de dizer? . . .

EZELINO.

Falla! . . .

BRANCA.

Que escuto!
Tu não foste, Ezelino ... Ah! tu não foste
Do meu esposo o matador? . . .

EZELINO.

Esquece,
Tudo o que já passou. Lembre-te, Branca,
Que vez ante teus olhos supplicante
Hum heróe vencedor, e em toda a parte
Formidavel, temido; este te pede . . .
E poderás negar-me? . . . E não m'entendes?
E chorando, de mim trémula apartas
Teus lacrimosos olhos?

BRANCA.

E não julgas
Tão miserando meu estado, e triste,
Que não mereça pranto? Eia, Ezelino,
Vê quanto a tua pertenção macúla
A tua gloria, e feitos! . . . Mas que gloria
Tu podes ostentar? Hum só vislumbre
Qu'inda em tua alma de virtude houvesse,
D'ella a idéa fatal te desterrára . . .
Não Ezelino, não . . . Dá-me os meus ferros.
Ah! são mais doces que o funesto laço!
Menos espanto me causára a morte!
Tu me off'reces a mão, e tu te atreves
Propôr de Beatriz repudio injusto?
Esperar podes ... Mas qu' horror!... Qu' escuto!

Deixa, Ezelino, que de ti m' esconda,...
E não descubras mais (se honra em ti vale!)
Os teus desejos, e as repulsas tuas...
(*Sahe.*)

SCENA IV.

EZELINO.

Ah! não partas! Qu'escuto? Assim me deixas!..
Assim foge de mim tão vil escrava!
Dest' arte me despreza! Inda isto soffro?
Que aviltamento! Oh Ceos! Mulher soberba,
Tu nunca mais escutarás meus rogos,.
Pedir não devo mais a dextra indigna...
Ezelino, entra em ti! D'alma desterra
A soberba, a cruel... Mas eu que digo?
Tanto não poderei! Que fero impulso
Sente meu coração, que a amar m'obriga!
Ah! que ao vêlla chorosa, absorta, e triste
Mais se accendia a chamma amortecida.
Ouço a voz da razão; mas como posso
O fogo reprimir, que força adquire?
Não tem meu coração valor tão forte;
Em vão o tentarei!... Tudo s'empregue
Para cumprir meus férvidos desejos:
A força empregarei; talvez que ceda
Seu duro coração, sua virtude;
E não se diga qu' Ezelino pôde
Tolerar, sem vingança, huma repulsa!...

SCENA V.

Ezelino, e Gorgia.

EZELINO.

LEVASTE, ó Gorgia, meu preceito, e mando
A Beatriz?

GORGIA.

Senhor, tudo está feito.
Co' a inopinada nova huma improvisa
Palidez, que demostra hum fero orgulho,
A turbou, e cobrio...

EZELINO.

Eu nada disso
Quero agora saber; faze que longe
Fuja de mim, que busque hum novo asylo.

GORGIA.

Como, Senhor! Proscrita, e condemnada
Ha de vêr-se a que já foi esposa tua
A hum desterro fugir! Principe Augusto,
Mil, e mil vezes, do que obrou o homem
S'arrepende, Senhor; porém debalde
Quando insensivel arrastrar-se deixa
D' huma cega paixão. Mas que delicto
Commetteo Beatriz?...

EZELINO. *(Irado.)*

Nada mais digas;
O meu Decreto, subito se cumpra...

GORGIA.

Eu tudo cumprirei... mas vê que afflicta
Ella mesma, Senhor, te busca...

EZELINO.

Venha . . .
Cumpre hum pouco fingir piedade, e magoa

SCENA VI.

Beatriz, Aldovrando, e os ditos.

BEATRIZ.

(*Voltando-se a Aldovrando, e parando até morisada no fundo da Scena.*)

EZELINO alli está, eu gélo, eu tremo! . . .

ALDOVRANDO.

De teu valor te lembra, e da virtude;
Talvez que nelle a piedade encontres.

BEATRIZ.

Esposo, e Senhor meu, porque te turbas
Quando meu rosto vês? Porque delicto
Teus olhos sobre os meus fitar-se negão?
Que me póde tornar insupportavel
A' tua vista? Oh Ceos! Por toda a parte
Ouço uniforme voz, e o mesmo Gorgia
Já ma fez escutar. E intentas firme
Despedaçar indissoluvel laço,
Jurado aos Ceos, á face dos Altares?
E aquella dextra, offerecida hum dia,
Ligar intentas hoje a nova Esposa?
De que culpa sou ré? Que erro te move
A condemnar-me assim? O amar-te muito,
He este o crime atróz, que em mim castigas

EZELINO.

He só, Beatriz, huma razão d'Estado
Quem me força a tal passo, e tu bem pódes
Lêr em meu rosto quanto me atormente
Huma tal divisão. Junto a meu lado
Até gora te amei, dentro em meu peito
Tu só reinaste, nem de mim distante
Eu te queria, se tivesse hum filho.
Eia, socega, Beatriz, e a frente
Dobra ao destino teu imperioso;
Busca feliz habitação tranquilla.
Nestes Paços Reaes junta a meu lado
Mais tormentoso teu martyrio fora.

BEATRIZ.

Emmudece perjuro! Ah! não me ultrajes,
Nem com falsa ternura o meu tormento
Queiras exasperar. Dize, inhumano,
Assim m'expulsas da morada tua?
Como pódes, amando, as minhas mágoas
Desta sorte escutar? Como, insensivel,
Podem teus olhos contemplar meu rosto?
Observa este meu pranto, e pensa, ingrato,
Que prazer esperar dos novos laços
Póde o teu coração! Eu desterrada,
De meu destino victima, meus dias
De clima em clima errante hirei passando;
Mas onde hirei? Que asylo, que morada
Póde prestar-me minha mesma Patria?
Se tu, cruel, sobre ella estragos tantos
Soubeste derramar! Se o povo todo,
Da injusta servidão temendo o jugo
Contra mim, contra ti, seus odios jura!

Dize, que terra, ou regiăo piedosa
Me ha de acolher em si, qu' em si não tenha
Signaes impressos da sevicia tua?
A todos me fará dura inimiga
D' esposa tua o titulo funesto.
Entra em tua alma, se a não tens fechada
A's vozes do dever; tua alma sinta
A desventura que me vai seguindo,
De que hes causa, e author: muda a sentença
Suspenda a minha dôr o atroz desenho.
Lembre-te o dia que me deste terno,
Como penhor da fé, tua regia dextra!
Oh! Que negra traição, que horrendo engano
He este, Esposo meu! E existe aquella,
Que tanto amaste hum tempo, e a quẽ chamavas
Do teu amor, e da ternura objecto?
Doces promessas, que tornadas vejo
Em fonte infausta de temor, e luto!

GORGIA.

(Quem póde resistir a taes lamentos!)

BEATRIZ.

Melhor consulta teu decreto, enfreia
Teus pungentes remorsos...

EZELINO.

Tu conheces
Qu' hum severo dever a novas nupcias
Me força, me constrange...

BEATRIZ.

Se eu tivera
No peito hum coração, qual tens no peito,
Em quem não tem religião dominio,
Que o jugo arroja da virtude, e honra,

Eu saberia desterrar d'est' alma
Todo o remorso que a traição m'inspira.
Porém eu da razão não quebro o freio . . .
Satisfaze teu barbaro desejo ;
Mas sabe , injusto , que em vingança minha ,
Desta iniqua traição tu' alma ingrata
Será preza fatal das furias todas ;
Por onde fores levarás presente ,
Com fero aspecto , teu delicto enorme ;
Teu repudio ... esta esposa...Ceos !... Que disse ?
Ah ! perdoa , Senhor , os meus transportes ,
De meu amor são filhos , e não sejas
Causa d'eterno pranto , e nunca , e nunca
Jámais senti por ti tão doce affecto
Como hoje sinto ! . . .

EZELINO.

Beatriz , abuzas
Da minha tolerancia . . .

BEATRIZ.

Eu te conheço ;
Tira-me , ingrato , o coração do peito ;
Fere , fere , aqui tens ! . . .

EZELINO.

Onde te guia
Teu insano furor ? Com teus lamentos
Funestar meu prazer não venhas hoje ;
Sujeita-te ao destino ; e o meu Decreto ,
Eia , executa , e minhas iras teme . . .

(*Sahe.*)

SCENA VII.

Beatriz, e Aldovrando.

BEATRIZ.

Que abysmo de delictos! E qu' enorme,
Que barbara traição! Sinto o ciume,
Que o coração me despedaça; e onde
Posso os passos volver, que me não siga
Minha desgraça, e dor? Tão deshumano
Póde Ezelino ser! Oh Ceos! não posso
Supportar-me a mim mesma! Antes a mort
Que huma existencia tal! Seu pezo aggrav
Estas, não vistas, barbaras desgraças!...

ALDOBRANDO.

Modéra a tua dôr, talvez que longe
De tão cruel esposo asylo encontres,
Onde tranquilla respirar tu possas,
Talvez que saiba aligeirar o tempo
Esta desgraça, que evitar não pódes.

BEATRIZ.

Em tanto mal, em tanta desventura
Não tem poder o tempo; huma só parte
Jámais diminuirá da dor que sinto!
Horrivelmente m'espedaça o seio
Ciume, indignação, vingança, affecto.
He possivel que Branca a hum monstro indign
Acceite a dextra, fumegante ainda
De seu esposo c'o fervente sangue?
Não póde ser, que a indole conheço

Desta infeliz mulher: nunca da estrada
Soube apartar-se da virtude, e honra;
Mas se louca ambição... Todos sujeitos
Vivem do erro ás illusões!! Saiâmos
Deste transe fatal! Busquemos Branca,
Talvez que a minha dôr, que os meus suspiros
Movão seu coração. Talvez deteste
O furibundo affecto, qu' Ezelino
Agrilhôa, e seduz, que em tanto abysmo
O quer precipitar.... (*Sahe.*)

ALDOBRANDO.

Oh! Nume Eterno!
Tu que vês, desde o Ceo, nossos trabalhos,
Consola a triste, e vinga seus ultrajes.
(*Sahe para o lado opposto.*)

ACTO III.

SCENA I.

Aldovrando, Gerardo.

GERARDO.

Cala, Aldovrando, por piedade. Eu vejo,
Vejo, inda mal, chegar o fero instante,
Que talvez seja o mais funesto a Branca.
Cego, cego d'amor, hoje Ezelino
Pedio a mão daquella desgraçada.
Já se atreveo a seduzir meu zelo,
E me obriga a tentar com vãs lisonjas
Seu casto coração; por isto o monstro
Soltou meus pulsos das servís cadêas.
Mas engana-se o barbaro, se cuida
Que tanto possa em mim da liberdade
O desejo, o amor!... Mas muito disse,
E menos livre na presença tua
Eu devia fallar. Honra, homenagem
Te vejo dar a hum pérfido Tyranno.
Como tranquillo, e socegado pódes
Vêr quasi immersa, em miserando estrago
Nossa Patria infeliz?...

ALDOVRANDO.

Com tal suspeita

Tu me vens offender: tão indolente
D'amada Patria aos eminentes damnos
Em Aldovrando o coração lhe julgas?
Cumpre em silencio disfarçar meu odio.
Dos meus concidadãos o estrago, o sangue
De mágoa, e dor no abysmo me sepultão.
Sempre, Gerardo, o natural affecto,
A honra, a gloria, as leis da nossa Patria
Ao coração me fallão. Nella existo,
Porque sigo a Beatriz: mas pois o monstro,
Impio tyranno com injuria tanta
A despreza, a repulsa, eu testemunha
Não serei mais de tantos attentados.
Onde quer que a levar seu mal, seu pranto,
Junto della estarei....

GERARDO.

Taes pensamentos
São bem dignos de ti; mas de tão fero
Transe nas mãos, e exposta ao vil capricho
Podes Branca deixar? Não, tu não deves!
E pois teu coração conheço agora,
Hum meu segredo descobrir-te intento,
E teu soccorro imploro...

ALDOVRANDO.

E que destinas?

GERARDO.

Quero Branca roubar destes lugares,
E juntamente o desgraçado filho.
Muitos, sujeitos a Ezelino, chorão
Nossos males fataes, e em ira accezos
Contra o Tyranno estão, que só deseja
Dos innocentes derramar o sangue.

Eu com arte os dispuz, e nesta empreza,
Soccorros me darão, ficando livres
D' huma vil servidão; já tem jurado
Nossos passos seguir, e apenas venha
A espessa sombra da vizinha noute
A seu lado hão de ter Branca, e seu filho.

ALDOVRANDO.

Quem poderia não te dar soccorro?
Té eu t'hei de seguir nest' ardua empreza.
Mas se esta fuga do Tyranno fosse
Suspeitada sómente! . . .

GERARDO.

E que mais resta
Que possamos temer? As nossas vidas
Estão na borda d' hum abysmo horrendo.
Cuidas que o monstro sem furor supporta
As repulsas de Branca? O ultimo excesso
Se verá de seu ódio. As almas grandes
Ousão tudo tentar.

ALDOVRANDO.

Que demorâmos?
Com astuto ciume, amigo, observa
Não vá trahir-te alguem n'hum tal segredo.
Vê qu' Ezelino tão tremendo arcano
Não possa descobrir . . .

SCENA II.

Branca, e os ditos.

BRANCA.

Tu, meu Gerardo,
Com tal descuido aqui, quando o meu filho
Nas mãos está dos nossos inimigos!
Tu não conheces que retêm no peito
Hum coração indómito o Tyranno?
Ama-me indignamente, em modo estranho
Confunde com amor, d'hum tigre a raiva:
Furioso, agitado, ora foi visto
Suspirar, e bramir, e em mil affectos
Vacillante ondear; seus pensamentos,
No peito esconde sempre impenetravel;
Terrivel, e feroz na voz, nos olhos
Só nos descobre hum vingador desejo.
Gerardo, eu temo, que não saiba o ímpio...
Ah! corre embusca de meu filho, corre,
Precioso penhor de ti confio...
Em quanto hum golpe proximo prevejo,
Sinto no peito incognito tumulto
Qu' eu não sei perceber! Presagio he certo
De novas desventuras...

GERARDO.

Se tivesse
A mais leve suspeita, oh! como certo
Seria o nosso mal! De que maneira

Tu eximir-te poderás da infame
Vontade do Tyranno? Não te esqueça
Qu'elle fora o cruel que dera a morte
A teu Esposo desgraçado . . .

BRANCA.

Calla,
Não queiras ser cruel. Muito m'aggravão
A minha acerba dôr, memorias tristes:
Tua suspeita meu valor ultraja.
E julgas-me tão vil, que antigo affecto
Deixe esquecer de meu esposo extincto?
Inda que triste gyra a sombra sua
Nas regiões da morte, está presente
Sempre ao meu coração! Seja Ezelino
Deshumano, cruel, clame, ameace;
Minha virtude saberá roubar-me
A seu furor, á violencia sua.
Inda que eu triste victima tivesse
De cahir a seus golpes, expirára
Cheia d'alto prazer, mas não vencida.
Mas o tempo esperdiço em vãos discursos.
Que demoramos mais? Leva meu filho
A seguro lugar, e compassivo
Tem dó da triste mãi dilacerada
Pela mágoa, e temor.

GERARDO.

Tudo confio
Eu da virtude tua, o teu perigo
Meu animo accrescenta. Do Tyranno
Se hão de frustrar os pérfidos desenhos;
Eu vou, que ao zêlo meu, e aos teus desejos
Me parece encontrar fado propicio:

Confiemos no Ceo, que a vida tua
Ha de guardar, e de teu filho os dias.
(*Sahe.*)

SCENA III.

Branca, e Aldovrando.

BRANCA.

Ai de mim! Desgraçada! que tormento
Me assalta o peito, se apartar-me eu devo
Destes lugares em que deixo o filho!
Com trabalho supprimo os movimentos
D'hum amor maternal dentro em meu seio.
A cada passo do Tyranno o aspecto
Me parece encontrar. Entre estes males
(*Encaminhando-se ao Tumulo.*)
Me resta hum desafogo; aquellas pedras
Hir inundar de lagrimas ferventes.
Debil conforto meus pezados males
Só nisto podem ter . . .

ALDOVRANDO.

Todos lamentão
O teu destino miserando, oh Branca!
Mas muito incauta t' enfureces, muito
Diante d' Ezelino; e bem conheces
Qual tenha o coração, que ávida sêde
D'humano sangue abrasa o monstro infando.
Cumpre illudillo, com prudentes modos
De seu furor o ímpeto abrandar-lhe:
Talvez, talvez que assim não seja longe

O momento fatal, que ao teu destino
Faça mudar d'aspecto.

BRANCA.

Mas que queres
Qu' inda possa esperar?

ALDOVRANDO.

Que a noute estend
Seu luctuoso véo; com prompta fuga
Verás como Gerardo então te rouba
A's furias do cruel...

BRANCA.

E a tal ventura
Posso credito dar? He tão contraria
A sorte minha, qu' esperar não ouso.

ALDOVRANDO.

Branca, não temas, não; com meu soccorro
Em mais seguro asylo... Oh Ceos! que vejo!...
Eu descubro Ezelino!...

BRANCA.

Oh Deos! E como
Posso soffrer a detestavel face
Daquelle fero monstro! Eia, fujamos.

ALDOVRANDO.

Não, por que elle te vio.

BRANCA.

Oh Ceos! Eu morro!

SCENA IV.

Ezelino, Gorgia, e ditos.

EZELINO.

Tu de meu pensamento o terno objecto,
Amavel Branca, e poderei contente
Menos dura encontrar-te a meus desejos?
A importuna tristeza em fim deixaste?
Socega o coração, e ao debil vulgo
O pranto deixa, e prejuizo inutil
De guardar fé ás sombras d'hum defunto.
Affugenta de ti negras imagens,
Cuida em satisfazer meu justo affecto
Não ignoto a teu peito; e de teu filho
Cuida em firmar a solida ventura.

BRANCA.

E tu conservas firme o presupposto
D'alimentar o aborrecido affecto
Que a mente te deslumbra? Ah! tem piedade
Desta viuva inconsolavel, sabes
Qual seja a Santa Lei sevéra, e justa
Que me véda querer-te. E como pódes
Quebrar dest'arte o laço inviolavel,
Qu'a Beatriz te liga?

EZELINO.

E inda abuzando
Vais da minha clemencia? Os teus discursos
Já dispertão em mim furor sopito.
Se meu amor desprezas orgulhosa,

E se não mudas obstinado intento,
Verás, ímpia, a que barbaras tormentas
A tua vida expões... Teme o meu braço...
Cuida, Branca, em ti só, jámais te lembres
Do que a mim me pertence, e com repulsas
Não me venhas ferir!... Inda te adoro...

BRANCA.

Deixa, Senhor, qu' eu manifeste em tudo
Meu triste coração, e não te indignes,
Se com sincera voz condemno a tua
Tão indigna paixão, tão cega, e dura!
Como te póde amar esta qu' esposa
Foi d'hum contrario teu? Tu derramaste
O sangue seu no cadafalço; e posso
Lembrar-me disto sem horror? E quanto
Cresce em tua presença! E devo acaso
Desterrar de minh' alma o atroz supplicio?
E dar-te a dextra n'hum lugar, qu' eu vejo
Tinto do sangue do querido esposo!
Considera, Ezelino, qu' eu podia
Pára esquivar-me a teu furor insano
Lisongear com doces apparencias
Tua cega paixão; mas eu não posso,
Eu não devo enganar-te...

EZELINO.

Isto he sobejo.
Falsa! Conheço em fim! Tu me aborreces,
Tu mo dizes assás, se assim descobres
O vil desprezo da clemencia minha.
Olha mudado o meu amor em odio,
Em furor meu affecto; he obra tua;
A importuna ternura, eu já não sinto,

Que m'obrigava a offerecer-te a dextra.
Não he por certo a fé do Esposo extincto
A que te obriga a desprezar-me ; o odio ,
O odio he só que anniquilar não sabes.
Supprimillo julguei com beneficios ;
Oh ! Quanto m'enganei ! Eu de teu filho
Mudar a sorte quiz , e a tua , ingrata.
Tu me ultrajas , cruel ! Tyranno embora ,
Implacavel , atroz me chame o mundo :
Eu me quero vingar , e altas suspeitas
Em tudo desterrar d'occultas tramas
D'intentada traição . . . Que mais demoro ?
(*A's Guardas.*)
Oh lá ! Soldados , conduzi-me promptos
O filho seu , verei se esta obstinada
O ama com verdade . . .

BRANCA.

(*A's Guardas.*)
Suspendei-vos ! !

EZELINO.

Cumpri com meu decreto . . .

BRANCA.

E que pertendes ,
Cruel , do filho meu ? . . .

EZELINO.

Eu dou-te ainda
Hum instante a pensar ; pensa , e responde.
A teus olhos será co' a minha espada
Traspassado teu filho.

BRANCA.

Oh Ceos ! qu'escuto !
Desgraçada , onde estou ? Que duros transes ,

Que desventuras este dia trouxe!
Não tem termo, cruel, tuas maldades?
De que culpas he réo este innocente
Desventurado filho? Eis, inhumano,
Se o teu furor as victimas procura,
Eis tens diante aquella que te ultraja,
Aquella que te illude; eu sou culpada,
Como inimigo te detesto, e odeio.
Dá-me a morte a mim só, se to mereço;
Mas salva hum innocente...

EZELINO.

Com taes termos
Tu provocas o golpe. Eu me confundo
D'amor, e d'odio no contrario affecto:
Não conheço a razão! E em fim decido.
Eu não sinto piedade; o freio he roto
Do meu fero rigor! Eia, contempla,
Contempla o filho teu. Deste meu braço
Elle a morte ha de ter; e tu, mãi terna,
Resistir poderás a tão tremendo
Irreparavel e terrivel golpe...

SCENA V.

Alberto conduzido pelos Guardas.

ALBERTO.
(*Encaminhando-se a Branca.*)

Oh! minha măi!

BRANCA.

Oh Ceos! como te vejo,
Amado filho! A que mortal perigo
Te vejo exposto! . . . O barbaro Tyranno,
O cruel ...ai de mim! ...Que a dôr me opprime,
E aperta o coração . . . fallar não posso . . .

ALBERTO.

Tu choras, minha măi! Que desventura
Tanto t'afflige? Barbaros! deixai-me
Que abrace minha măi . . .
(*Aos Soldados que o segurão.*)

EZELINO.

Já desse nome
Ella digna não he, se nada sente
Vêr derramar teu sangue, ante seus olhos . . .
Falla, ingrata mulher; (*Para B.*) inda te resta
A suspender o golpe hum só instante . . .
Meu transporte sustêm, sustêm meu braço . . .
Docil triunfa em fim d'hum doce affecto,
Que mudado em furor póde . . . responde,
Escolhe inda huma vez . . . De ti depende
A vida sua . . . .

BRANCA.

Oh Ceos! Oh Ceos! Qu'escuto!
Oh! mais que a morte tormentosa e triste,
Barbara escolha! Meu Senhor, tu buscas
Os modos todos de rasgar-me o peito.
Eu tua esposa!.. e o crês...

(*Vendo desembainhar a espada a Ezelino.*)

Oh Deos! Que vejo!
Porque te iraste tanto!... Ah!não!... Perdoa

(*Lança-se aos pés de Ezelino.*)

Aos meus transportes, desta măi tăo triste,
Semiviva, expirante, ah! tem piedade;
Toque-te a minha dôr, refreia as iras,
Qu'indignamente te refervem n'alma,
Salva-me este innocente...

EZELINO.

Em văo derramas
Esse pranto, esses ais... suster năo posso
Por mais o meu furor, morra teu filho...

(*Levanta a espada em acção de matar Alb.*)

BRANCA.

Suspende....

EZELINO.

Suspendo!!...

BRANCA.

O filho deixa...

EZELINO.

Logo....

BRANCA.

Năo posso, oh! Ceos!...

EZELINO.

Morra...

ALBERTO.

Piedade!

BRANCA.

Oh! Deos!... (*Cahe desmaiada nos braços de Ald.*)

ALDOVRANDO.

Oh! que tyranno!

EZELINO.

Oh! que combate
D'affectos tão crueis sente o meu peito!!
Quem me tolhe o vigor? E qu' importuna,
Tardia compaixão minh' alma assalta,
Entre as iras me torna inerme, e fraco!
Devo punir esta ímpia que me ultraja;
Porém que dôr, qu' atrozes sentimentos
Desarmão meu furor! Escuta, ó Branca,
(*Branca torna em si, e olha anciosa se Alberto he vivo.*)
Poucos momentos te concedo ainda,
Não queiras qu' infructifero se passe
Tão precioso tempo; a vida tua,
E de teu filho, d' hum só fio pende;
Tens sobre a fronte inevitavel golpe,
Se a meu querer resistes; em teu filho
Terá principio o maternal castigo;
Eu acharei prazer nos teus tormentos.
Depois qu' eu saciar minha vingança
Em tua acerba dôr, a mesma espada,
Que ha de teu filho traspassar, no peito
Toda ta embeberei. Pensa entre tanto;
Que não he tão medonho o imaginar-se
Da morte o negro aspecto, quanto he grave

E funesto morrer (*ás Guardas*) Oh lá! Soldados,
Após de mim trazei-me este mancebo.
Tu teme o meu rigor. (*Para Branca, e depois sahe.*)

ALBERTO.

Oh! mãi querida,
Dest' arte entre estes barbaros me deixas,
Que a morte me vão dar! Impios, tyrannos,
Deixai por dó, que junto della expire.
(*Parte arrastrado pelos Soldados.*)

BRANCA.

(*Quer seguir o filho, mas he detida, e quasi fóra de si se encosta a hum Bastidor.*)
Ah! meu filho, meu filho!!...

SCENA VI.

Branca, Aldovrando, e Gorgia.

GORGIA.

Estes lamentos,
Este pranto que vertes não defendem
Do infausto golpe teu querido filho.

BRANCA.

(*Caminha sustentada dos lados por Aldovrando, e Gorgia.*)
Oh! Justo Ceo piedoso!!...

GORGIA.

Sem detença
Acceitar deves d'Ezelino a dextra:

De Padua o interesse, e de teu filho,
De todos, e de ti, pede este laço.
Assás torrentes d' espumante sangue
Tem já corrido nesta terra infausta!

BRANCA.

Que susto me acompanha! E que aterrada
Tenho a minh' alma! Trémula, confusa,
Com angustia, e pavor levanto os olhos,
E contemplo os mortaes!! Oh! triste dia!
Oh! negro dia de terror, de lucto!
Que crua guerra me fizeste a hum tempo.
Esposo, e filho com potentes vozes,
Que troão dentro em mim, me agita, opprime
A honra, a natureza; a fria cinza
Do meu esposo está neste Sepulcro,
E junto delle está quem lhe dêo morte.
Este mesmo, oh Ceos!! (*P.ª Gorg.*) Tu, deshumano,
Intentas persuadir-me!.. Impio, t'enganas!
Se eu não soubesse respeitar hum laço
Do Ceo formado, o tramaria ainda,
Só para o dissolver quando em seu peito
No thoro conjugal cravasse hum ferro.
Meu braço então soubéra obter vingança
Da escravidão da patria, e morte injusta,
Que o barbaro tem dado a herões tão grandes.
E tu, Senhor do Ceo, tu que descobres
Esta alma vacillante, ah! Tu me ajuda
Neste encontro fatal!

GORGIA.

Hum corpo exangue
Este sepulcro encerra, e infructuosa
A cinzas frias he tua repulsa.

Não he este o momento em que tu deves
A'quelle ser fiel, que mudo existe
Na região dos mortos: se alli chegão
Os cuidados mortaes, sem que s'indigne,
Hum laço soffrerá, laço qu' em salvo
Põe de seu filho a vida! Ah! foge, ó Branca,
Deste Templo fatal, meus passos segue:
Talvez, talvez socegue o horror funesto,
Que aqui te cerca, e teu pezar augmenta.

Branca.

Qu' eu me parta daqui? E que conselhos
Ousas propôr a huma alma atormentada?
Este lugar tremendo, estes objectos
Espantosos, fataes, me são amaveis:
Livremente aqui chóro, aqui pranteio
Meu acerbo destino... Mas o filho...
Este o bem que me resta; he elle a causa
De meu vivo pezar! Mãi desgraçada,
Em quanto em vãos lamentos te consomes
Teu filho está nas mãos de teus contrarios:
Talvez agora mesmo!!.. Ah! que soccorro
Neste transe... mulher ... inerme!!.. Oh Filho!
Meu innocente filho, a dor, a angustia
Me levão a morrer, toda minh' alma
Sinto partir-se de pezar, de raiva.
Mas ah! meu Deos, meu Deos! negando a dextra
Ao Tyranno cruel, mãi deshumana,
Talvez apresse a barbara sentença!
Tu mesmo pois... ah! não! o acerbo golpe...
Suspendâmos... sou mãi... da Natureza
Escuto, escuto a voz... Amado filho...
Tu venceste ... cedi ... Oh Ceos! ... Que disse!...

Oh escolha!...Oh contraste!...E que!...Tão pouco
Sei honrar meu dever!! Eu hei de Esposa
Viver do indigno matador ao lado
Que me roubara unico bem qu' eu tinha?
Mas que resolvo em fim! D'hum lado a gloria...
D' outro lado me chama amor materno!...
Oh! tu, do esposo meu dilecta sombra,
O terror me arrebata ao teu Sepulcro,
Aguardar, suspirando, o triste instante
A' escolha destinado... (*Entra no Templo.*)

ALDOVRANDO.

E não demóres
Levar soccorro ao desgraçado.---Muito
Immersa está na dor, muitos combates
Sente aquella alma afflicta! Amor, e honra
A fazem vacillar, qualquer que vença,
Igualmente será de magoa opressa.

(Sahe acompanhado de Gorgia.)

ACTO IV.

SCENA I.

Gerardo, e Aldovrando.

ALDOBRANDO.

FIRME recusa, Beatriz, do Esposo
A lei cumprir d'huma partida prompta,
Que o tyranno lh'impoz. De balde sempre
Seus mais fieis amigos a aconselhão,
Que fuja do cruel! Vai delirante
Buscallo sempre; se o descobre, foge.
Merece compaixão, mas se não parte
Antes que chegue ao summo a raiva insana
Temo que a morte...

GERARDO.

Sim quanto seus males
Merecem nossas lagrimas! O susto,
O medo opprime a misera, e nos cerca!
Mas de que sorte a desgraçada Branca
Vai soffrendo o Cruel? Como suspende,
Como rebate os impetos do monstro?

ALDOBRANDO.

A si mesma se vence em tal perigo.
Com que valor, Gerardo, e com que força
Do ímpio a dextra regeitou! Parece

Que do nome de măi té s'esquecia;
Mas depois qu'obrigada o filho amado
Abandonou do déspota ao capricho,
Desesperada, atonita, abatida,
Naquelle Templo s' occultou; chorosa,
Abraçada c'o tumulo do esposo,
De dubias affeições sempre assaltada,
Espera o seu destino . . . .

GERARDO.

E nada póde
De tamanha virtude o quadro augusto
Eternecer o coração ferino?

ALDOVRANDO.

Nem sente compaixão, nem ama a gloria,
Nem s' assusta do crime ao negro aspecto.

GERARDO.

Soffrer não posso, amigo, este inhumano
Monstro atróz, e cruel; se em vão tentada
De nós fosse a fugida, tu verias
Em sacrificio da opprimida Patria
Expor-me a todo o risco, e á mesma morte:
Mas verias tambem como este ferro
No refalsado peito lh' embebia.

ALDOVRANDO.

Socega o teu furor, comigo espera
Tempo mais opportuno . . . Eis Ezelino
Caminha para aqui ! ! . . .

GERARDO.

Do horrido encontro
Do perfido m' esquivo . . .

ALDOVRANDO.

Eu com cuidado
Saberei vigiar . . . (*Vai-se Gerardo.*)

SCENA II.

Ezelino, Gorgia, e Aldovrando.

EZELINO.

Muito hei soffrido
Tão barbara mulher! A meus favores,
Quão mal correspondeo! Do filho a morte!
Ameaçando rispido, esperava
Té do seu coração vencer o orgulho;
Mas mais feróz se torna entre as desgraçadas,
Oppõem-se a meu querer, não comprehende
A imminente ruina: Oh!.. se ella ainda...
O seu affecto!... a sua dextra!... Inutil
He já minha esperança, e só me resta
O prazer sem igual d'huma vingança!
E só vingança da minha alma póde
De meus cuidados desterrar a nuvem...
Quem m' obriga a adorar quem m' aborrece!
Mas eu resolvo em fim... E acabe, expire
De meu penar a causa; inda hum momento
Eu lhe quero fallar, e as minhas iras
Sinta se resistir... A hum desprezado
Amor, tudo convem, licito he tudo;
Mas não!..Talvez que ainda... Eia, Aldovrando,
Vai, conduze-me a Branca.

ALDOVRANDO.

Hum pouco ainda,

Senhor, demora teu Decreto; afflicta,
E quasi morta a misera s'encontra.
Em estado tal, fóra de tempo eu julgo
Fallar-se-lhe d'amor. A desgraçada
Naquelle Templo está; com pranto inunda
De seu Esposo o tumulo; a seus males,
Eia, Senhor, permitte hum desafogo.

EZELINO.

Existe Branca neste Templo!.. Todos,
Todos se appartem já, eu mesmo quero
Fallar-lhe face a face. Os meus guerreiros
Manda, ó Gorgia, qu' estejão sobre as armas,
D'huma occulta traição tenho receio...

ALDOVRANDO.

Que horror medita o barbaro! Qu' ostragos!...
(*Sahe com Gorgia.*)

SCENA III.

Ezelino, e depois Branca.

EZELINO.

INDA hum pouco no peito o odio s'occulte,
Inda póde a cruel dar-me socêgo...
Mas s'obstinada não ceder!... Só isto
Augmenta o meu furor! Tente-se tudo
Por dar fim ao meu mal...Eu busco a Branca...
Mas porque sinto o coração no peito
Palpitar-me, tremer, se busco o Templo?
Tal poder tem amor sobre Ezelino!
(*Abre-se a porta do Templo, descobre-se*

Branca quasi desmaiada, e encostada ao Tumulo.)

He a mesma! ai de mim! quanto circunda
Novo horror a minh' alma! Oh! triste objecto!
Com taes suspiros, com tal pranto cresce
Meu pezar, meu amor! Fero Destino,
E que devo eu fazer para abrandalla?
Porém muito me entrego a vis transporte
Eu não demoro mais... ó Branca, ó Branc
E qu' estranha agonia assim t' opprime?
(*Na porta do Templo.*)
Sahe prestes desta lugubre morada,
Vem, Branca, ao lado meu...

BRANCA.

E quem perturba
Dest' arte a minha dor?

EZELINO.

Deixa o teu susto,
He Ezelino, que dar fim procura,
Dar socego a teu mal; segue-me, ó Branca.

BRANCA.

Que vejo!Oh Deos!Oh Deos!Qu'impio dezenh
Aqui te conduzio?...

EZELINO.

Dezejo ardente...

BRANCA.

Que dezejo? Oh cruel!

EZELINO.

Só de fazer-te
Plenamente feliz. Já resolveste?
Falla... (*Caminhando algum tanto.*)

BRANCA.

Foge, inhumano, de meus olhos . . .

EZELINO.

Queres pois resistir?

BRANCA.

No sacro asylo
Não entres, ó profano! . . . .

EZELINO.

A mim chegada . . .

BRANCA.

Pára, cruel . . .

EZELINO.

O meu furor! . . .

BRANCA.

Suspende . . .
Não irrites a Deos com taes blasfemias . . .

EZELINO.

(*Arrastando-a para fóra.*)
Eia, comigo vem; e allucinada
Tu m'insultas dest'arte! Entendo! . . . Queres
Meu odio, meu rancor; terás meu odio.
Que desprezo! Que raiva! Ah! treme, treme,
Barbara, indigna mãi! Tu condemnaste
O proprio filho á morte. Olha este ferro,

(*Empunha a espada, e segurando a Branca com a mão esquerda, lha mostra cheio de ira.*)

Olha este ferro, iniqua! Da vingança
Instrumento será, vou dar-lhe a morte.

BRANCA.

Ah! Não . . .

EZELINO.

Deixa-me, ingrata . . .

BRANCA.

Neste seio
Primeiro a immerge . . .

EZELINO.

Eu o farei . . .

BRANCA.

Que culpa
Esse innocente tem? . . .

EZELINO.

Elle he teu filho;
E năo basta só isto? . . .

BRANCA.

E tu confundes . . .

EZELINO.

Sim . . .

BRANCA.

Mas suspende!

EZELINO.

Em văo te lisongeas
Qu' huma vil compaixăo suspenda o golpe.

BRANCA.

Hum instante . . .

EZELINO.

He debalde . . .

BRANCA.

Oh! Deos piedoso . . .
Tu vez, Senhor, o horror do meu destino!
Năo ha, năo ha desgraça igual á minha!
(*Ajoelha.*)

À teus pés, ó Senhor, prostrada, humilde,
Por dó . . . se inda he verdade!

EZELINO.

E que pertendes?
Queres com pranto suspender-me o braço?
Nada já temo da belleza tua.
He objecto fatal que em mim desperta
A chamma da vingança . . .

BRANCA.

Oh filho amado!
Quanto me custas! Sim, (*Levanta-se*) teus ameaços
Vencem meu coração! Eia, a teus votos
Eu não me opponho já . . .

EZELINO.

Pois tu? . . . E acaso
Inda devo esperar? . . .

BRANCA.

Sim . . . Sim. Máo grado
O meu cruel pezar . . . Salve-se o filho . . .

EZELINO.

Logo, tu prompta a tua dextra entregas?

BRANCA.

Oh Ceos! Que proferi! . . .

EZELINO.

E inda rebelde
Assim te mostras, e enganar-me queres?

BRANCA.

Eu! . . . .

EZELINO.

Mas qu' escusa ainda resta? Falla . . .

BRANCA.

Oh meu filho! . . . Oh meu Deos! . . .

EZELINO.

Perfida! entendo
De novo o meu furor me arde no peito:
Eu vou Branca, eu vou já...

BRANCA.

O teu desejo
Quero satisfazer... Mas não me negues
Huma graça, Senhor; peço alguns dias,
Em que possa a meu pranto achar socego.

EZELINO.

Não to devera conceder; mas quero
Mostrar-te o meu amor, e o que desejo
Comtigo comprazer: concedo em parte
Quanto me pedes; mas soffrer não posso
Huma longa demora. Hum dia inteiro
Eu te concedo: o suspirado laço
A' manhã cumprirás; em tanto a augusta
Pompa vou preparar. Tu ficar pódes;
Deixo-te em liberdade; mas recorda
Meus beneficios, e as promessas tuas. (*Sahe.*

SCENA IV.

BRANCA.

BRANCA infeliz, e que promessa infame
Fizeste, incauta!... D'Ezelino Esposa!...
Isto he verdade? Ah! Não serás; espero
Aproveitar-me deste infausto dia!
He crédulo este víl. Delle apartada...
Mas se Gerardo não podesse as Guardas
De todo seduzir! E se a esperança

Nos falhar da fugida? E se meu filho
Eu não poder roubar dos tão ciosos
Olhos do meu Tyranno? Ah! sem remedio
A mão lhe devo dar! Que m'aconselhas,
O' soberano Ceo! A tal perigo
Como me devo oppôr? — Fortuna injusta,
Desfecha sobre mim terriveis golpes.
Eu m'opporei constante á dôr, á morte;
Porém a fé, que a meu consorte devo
Manchada não será. E se o malvado
Aquelle sangue de que tão sedento
Ha pouco se mostrou, já derramasse!
Oh Deos! Oh Deos! Já me parece vêllo
Derramar da ferida o quente sangue,
E que chama por mim, que aos ais extremos
Prompto soccorro dê! Oh! feia, horrenda
Triste imagem fatal! Fero Destino!
Oh meu filho! Oh meu sangue! a mãi tyranna
A morte te quer dar! Ella supprime
A voz da Natureza! Ella quer vêr-te
Por hum tyranno assassinado!!... Eu corro
A soccorrer-te, ó filho! Ao menos quero
Hir comtigo expirar, e aonde habita
A cinza de teu Pai, sombras unidas
Existiremos, sim... Mas eu não devo
Mais demorâr-me aqui, busco a Gerardo...
Fugir tentemos com meu filho amado:
Se não poder, inevitavel morte
Se affronte com valor. Oh! Sombra amada
Do meu esposo, que chorosa, e triste
Em torno de mim vais, tu, que me pedes
Do matador vingança, eu vou vingar-te;

O teu valor m'inspira, e tu desperta
Força supita em almas opprimidas,
Escravas do temor... Morra este monstro,
Que o Universo detesta, e não supporta.
(*Vai a sahir.*)

SCENA V.

Branca, e Beatriz.

BEATRIZ.

SUSPENDE o passo, ó Branca, e onde corres
Tão anciosa, e furibunda tanto?

BRANCA.

Não me suspendas, Beatriz, ou junta
Comigo vem; do barbaro Tyranno,
Das mãos do teu esposo, eu tento o filho
Roubar por huma vez; eu, mãi afflicta,
Ah! Tem piedade! Teu soccorro imploro.

BEATRIZ.

Em que abysmo de mal precipitadas
Ambas somos, ó Branca! Mas abraça
Hum conselho melhor, e a dôr modera.
Compadecido o Ceo, o horror profundo
Dissipará, que te circunda, e agita.
Eu só devo ficar exposta, oh sorte!
Aos excessos crueis, e deshumanos
D'hum esposo infiel.

BRANCA.

D'essas palavras
Meu agitado espirito recebe

Algum conforto na miseria sua.
Mas que vislumbre d'esperança resta ?

BEATRIZ.

Escuta, escuta, da fugida tua
Me fez certa Aldovrando, e como queres
Levar comtigo teu querido filho.

BRANCA.

Que segredo fatal, quiz Aldovrando,
O' Beatriz, expor-te ?

BEATRIZ.

Nada temas;
Eu teus intentos ajudar pertendo,
Inda se attende aqui minha vontade;
Eu posso inda entregar-te o filho amado.
Eu sou sensivel ás desgraças tuas,
Conheço que não devo abandonar-te.

BRANCA.

Com tão doce esperança, eis me parece
Que posso respirar! Ah! Se os meus males
Te causão compaixão, se tu desejas
Com Ezelino segurar teus laços,
Dos olhos seus esta rival separa.
Vê qu' eu sou innocente, a causa tira,
Que a taes delictos te conduz o esposo.
Soccorre, ajuda a mãi tão desgraçada.
Se m'assistes em vão, se descuberto
Este segredo fôr, verás aonde
A sêde da vingança m'arrebata.
Por entre as Guardas que o rodeão sempre
Me lançarei intrépida, e no peito
Hum punhal cravarei; a alma indignada
Exhalarlhe hei de vêr entre os meus golpes.

BEATRIZ.

Que ouzas dizer-me, ó Branca? Onde te leva
Hum insano furor, pensas acaso
Qu' eu o posso soffrer? Inda qu' injusto,
He sempre o meu Esposo, e de teus golpes
O hirei defender; essa ímpia idéa
Que ora descobres, me fará continuo
Em torno delle vigiar; embora
Eu derrame tambem todo o meu sangue.

BRANCA.

Oh Ceos! qu'escuto! Hum ímpio, hum homicida
Destruidor da nossa Patria, hum monstro,
Que de seu lado te proscreve, intentas
Desta sorte salvar?...

SCENA VI.

Gorgia, e os ditos.

GORGIA.

Beatriz, tu deves
A Ezelino fallar.

BEATRIZ.

Oh Deos! Qu' intenta?

GORGIA.

Ignoro o que te quer, porém não tardes,
Que he cheio de furor, qualquer detença
O póde irritar mais... (*Parte.*)

BRANCA.

Que raio he este?

BEATRIZ.

Novos males prevejo, e a tal èstado
Tenho chegado em fim, que a mór desgraça,
Fiel amiga, preparada existo... (*Sahe.*)

SCENA VII.

BRANCA.

REDOBRAR-SE o pavor no peito eu sinto!
De certo descobrio o grande arcano
Da nossa fuga: ah! que talvez Gerardo
Ganhar não póde os Guardas! Se assim fosse,
Oh Deos! Sobre meu filho cahiria
Todo o furor do pérfido Ezelino.
Talvez que nunca mais, ó filho, vejas
A tua infeliz mãi! Que novos males
O coração preságo me annuncia?
Como em perigos taes, e em tantos riscos,
Posso ainda viver? E inda demoro?
Que me suspende? Ah! Filho, terno filho!
Eu vôo em teu soccorro, e se he preciso
Vou comtigo morrer...

SCENA VIII.

Gerardo, e Branca.

GERARDO.

Segue-me, ó Branca,
Chegou o tempo da vingança nossa.
Grandes cousas tracei!

BRANCA.

Que voz escuto?
Hes tu, Gerardo? Ah! Sim, talvez tu venhas
Annunciar-me novas desventuras?
Falla; dest' alma tanto horror desterra! . . .

GERARDO.

Chega noticia ao barbaro Ezelino,
Que dos nossos guerreiros fero assalto
Foi dado a seu exercito, e que os nossos
São vencedores já.

BRANCA.

Como, Gerardo?

GERARDO.

Os Paduanos, de rancor levados,
Mal escutárão de Bassano o estrago,
Para vingar em fim tantas maldades
Se armárão todos repentinamente:
Com ímpeto espantoso se arremeção
Contra as hostes do monstro, e alegres cantão
A impensada victoria. Oppresso fica
D'assombro, e de pavor fero Ezelino.

De balde ás armas corre, em vão procurão
Os Chefes animar espavoridos
Dispersos esquadrões; qual vil rebanho
Se deixão degolar do ferro in'migo.
Qu' horrenda mortandade! E quanto sangue
Se derramou na terra! Os Paduanos
Vencedores ficárão...

BRANCA.

Ceo piedoso!
Não permittais que do fatal Tyranno,
A imprevista derrota augmente os males
De qu' eu victima sou!

GERARDO.

Talvez acabem.
E não duvides, que maior victoria
Em pouco mudará da nossa Patria
A deploravel sorte. Ouve-me attenta:
Já tudo á nossa fuga está disposto:
Tu com teu filho partirás de noute;
Comprados d'huma porta tenho os Guardas:
Tudo, tudo he propicio aos nossos votos.
No amor absorto o pérfido Tyranno,
E da derrota oppresso, a nossa fuga
Nos permitte ultimar, em quanto eu tento
Outro golpe maior. Ao grande Estense
Azzo mandei hum mensageiro prompto
A annunciar-lhe que no horror das sombras
Venhão do opposto lado os Paduanos,
Com força d'armas assaltar Bassano;
Em quanto do outro lado, com teu filho,
A fuga tentarás. Já desejosos
De nova sorte, d'Ezelino os socios

Por nós peleijaráõ; do ímpio Tyranno
O sangue apagará tantas offensas,
Tanta ruina, tão injustas mortes,
Que déra a tantos Cidadãos illustres.

Branca.

O Ceo permita, que se cumpra tudo,
Quanto esperar me fazes! Porém sinto
Que desusado horror minh' alma opprime
Nesta arriscada empreza!

Gerardo.

E de que temes?
E qu' importuno susto assim t'afflige?
Branca, temes em vão. Poupemos tempo.
Teu presente destino a todos move
A' mais profunda dôr. Entre estes muros
Muitos amigos tens, nelles desperta
O amortecido ardor; su' alma excita
Para a vingança; rapidos momentos
Não devemos perder: segue os meus passos.

Branca.

Vamos, Gerardo. E vós, ó Ceos piedosos,
Com vosso auxilio soccorrei meus votos
Em tão difficil, tão fatal empreza!!

(*Sahe acompanhada de Gerardo.*)

ACTO V.

SCENA I.

Gerardo, e Beatriz.

GERARDO.

Onde m'escondo! Ai! Misero Gerardo!
Ai! Que será de ti! Forão contrarios
Os Fados, Beatriz, e os nossos males
Chegão ao ponto extremo; descoberta
Foi de Branca a fugida, e foi patente
Nossa conjuração.

BEATRIZ.

Basta, Gerardo;
E Branca aonde está? Onde s'occulta?
Como ficou? Que diz?

GERARDO.

Quem poderia
Descrever seu estado! Confundida,
Desesperada, trémula, corria
Embusca d'Ezelino. Olha a que p'rigo
Manifesto s'expõe a triste Branca
Por amor de seu filho; ella receia
Que não torne de novo o atroz Tyranno
Ao primeiro furor: mas seu soccorro

Muito inutil será! Talvez que o sangue . . .
(*Vendo Aldovrando.*)
Vem Aldovrando . . . Respiremos . . . Branca !!

SCENA II.

Aldovrando, e os ditos.

ALDOVRANDO.

Somos perdidos! O' Gerardo, a mágoa,
O luto, a dôr, que me conturbão, mostrão
De Branca a desventura . . .

GERARDO.

E que? Foi morta?

ALDOVRANDO.

Ella não, mas o filho desgraçado
Victima foi das iras d'Ezelino.

GERARDO.

Como?

ALDOVRANDO.

A morte lhe deo co' a propria espada.

BEATRIZ.

Elle?

GERARDO.

O monstro cruel lhe deo tal morte?

ALDOVRANDO.

Oh Deos! Mal fallar posso d'assustado . . .
(*Voltando para Gerardo.*)
Apenas de Bassano o mensageiro
Sahia a demandar o campo amigo,
Como ordenaste tu, foi prezo, e a Carta

Foi a Ezelino subito trazida.
Eu lha vi lêr, e blasfemar de raiva,
E bramir de furor, vendo que Branca
Era a primeira complice da fuga:
Então se vio que, por fugir c'o filho,
Tinha a Ezelino promettido a dextra.
O perigo previ, confuso, e triste
Penso, e resolvo n'hum momento, busco
De Branca a habitação, e o filho tómo
Para livrallo do eminente transe.
Eis com elle fugindo, encontro, e vejo
O Tyranno cruel, e em vão procuro
Salvar o infeliz; das mãos mo tira;
Não se commove ao pranto, aos gritos delle:
Qual hum raivoso tygre, a espada empunha
No peito do innocente a embebe toda.
Quando delle a tirou, a vida, e o sangue
Perdêo n'hum ponto o misero mancebo!

GERAREO.

Oh! Nunca ouvida crueldade!...

BEATRIZ.

Oh! Monstro!

ALDOVRANDO.

Toda era cheia, e rodeada toda
De Soldados a casa, onde este crime
O monstro executou: confusos todos
Não podérão suster tão ímpio golpe.
Eis que se ouve hum rumor de pranto, e gritos,
Era a misera mãi do extincto moço;
Desesperada a suspender corria
O homicidio exacrando, entrou no ponto,
Em que o cruel, da barbara ferida

O ferro hia tirar ; eis que descobre
O seu Alberto no seu sangue tinto ;
Com mortal palidêz agonizava
No pavimento : a misera, agitada
De dôr, de raiva, e de furor se accende ;
Mas a profunda mágoa a opprime tanto,
Que sem sentidos desmaiada em terra
Cahe sobre o proprio filho, e semiviva
Entre seus braços languidos o aperta,
E sem voz, e sem pranto, unida a elle
No amado sangue envolta permanece.
Que horror este espectaculo excitava!
Immovel, e com rosto, ah! não tão fero,
A contempla o Tyranno, e parecia
Pezar-lhe hum tanto o deshumano golpe!
Em silencio, entre si, todos bramião!
Eu por mais tempo a scena atterradora
Não pude supportar, dalli me aparto.
Cheio de susto, e compaixão, nem posso
O fim dizer-vos do fatal successo!

BEATRIZ.

Oh meu Deos! Qu' escutei!...

GERARDO.

Isto he bastante!
Tu me verás, ó pérfido Tyranno,
De raiva, e d'ira armado...

(*Em acção de partir.*)

ALDOVRANDO.

Onde caminhas?

GERARDO.

Dar a morte ao cruel, vingar a Patria,
E Branca, a Natureza, e quanto hum monstr

Se atreveo a insultar; inda a meu lado
Esta espada me resta, e no vil sangue
Toda a devo banhar; eu mesmo, eu mesmo
Com minhas mãos o coração de fera,
Nascido para o crime, eu vou tirar-lhe! . . .

ALDOBRANDO.

Hirás tu mesmo provocar teu fado . . .

GERARDO.

Quem não teme morrer, já nada teme.

BEATRIZ.

Pára ... Contempla ... Eis Branca s'encaminha ...

SCENA III.

(Branca vagarosamente caminhando pela Scena, palida, com os cabellos soltos pelos hombros, e os ditos.)

GERARDO.

ONDE caminhas Branca, e porque tornas
Outra vez a pizar do horror a estancia?

BRANCA.

Onde estais, onde estais esposo, e filho! . . .
No proprio sangue immersos vos contemplo! ...
Tirai-me, oh Deos! da vista tanto sangue! . . .
Ah! d'horrivel terror m'opprime toda! . . .
Mas não . . . não seja assim . . . uni com elle
Todo o meu sangue... Por que assim te mostras
Oh meu esposo . . . tão feroz na vista? . . .
Teu filho não matei... hũ monstro! ...hũ tigre! ...
Mo roubou,... mo ferio,. Quem dos meus braços

Maternaes me tirou meu caro filho! . . .
Oh Ceos! inda o estou vendo! ..he elle!!. ainda
O vejo palpitar! Languido! Morto!
Mostra rasgado o coração!! Que vista!!..
Horrivel vista!... Ao devizar-te, ó filho,
Eu não resisto...não...Que horror!..Que magoa!..
Eu desfaleço... Eu morro...

(Cahe nos braços de Gerardo.)

BEATRIZ.

A alma agitada...
Socéga, ó doce amiga: abre os teus olhos,
Olha o Ceo, olha a luz! Féro Destino
Não te opprime a ti só...

BRANCA.

Sombras amadas,
Que vejo em torno a mim voar... Depressa
Eu comvosco serei! Poucos instantes
Me faltão já... Meu Deos, porque não posso
Esta vida acabar!... Impio Ezelino,
Essa barbara espada, esse ímpio ferro,
Que meu filho matou, corre, em meu peito
Todo o vem embeber... Eu sinto as vozes
De meu esposo, e filho... Ecos horrendos
Ferem meu coração... Chamais por Branca!!

BEATRIZ.

Que dó, que compaixão, n'alma m'excita
A misera infeliz....

ALDOBRANDO.

O' Branca, deixa
A dôr desesp'rada, que te opprime,
E te offusca a razão.

BRANCA.

Oh luz infausta!
Tu, que foges de mim!! Hum véo sombrio
Me cobre os olhos... Barbaros, deixa-me
Nas mãos da minha dor! Eu mais não veja
Que a terra tinta em sangue, e esse sepulcro;
Oh sepulcro fatal!! Eu já te abraço.
Em ti me acolhe, e tanto mal termina...
Eis Ezelino!... eu morro!...
(Vai, e cahe amortecida nos degraos do Templo.)

SCENA IV.

Ezelino, Beatriz, Gerardo, e Branca no fundo da Scena, não observada; e Guardas.

EZELINO.
(Mostrando Gerardo ás Guardas.)

OH lá! Soldados,
Seja esse monstro envolto nas cadêas,
No mais profundo carcere mettido.
Já neste ponto, ó scelerado, iniquo,
Teus complices terão no cadafalço
Entre supplicios exhalado a vida.
(Para Aldovrando.)
E tu, perfido author da inutil trama,
Terás a mesma pena: ao teu destino
Parte, malvado. *(Para Gerardo.)*

BEATRIZ.

Oh! dia de tristeza!
Miseravel! funesto!

GERARDO.

Sim, Tyranno,
Satisfaze o furor, eu morro, e sabe
Qu' he chegado o momento da vingança.
Contra o teu coração já se alça hum braço;
O opprobrio vingará . . . E vós, sanguineas
Sombras d' altos Heróes sacrificados
A' raiva deste monstro, os seus sequazes
Persegui, atterrai . . . Quebrem o jugo
D' huma vil servidão. No sangue immerso
Seja visto nadar, sirva de exemplo
Memorando, e fatal aos vis tyrannos!

(Parte com os Guardas.)

EZELINO.

Vai, furioso, e desafoga inutil
N' outra parte o rancor; todos aprendão,
Que pena guardo aos perfidos traidores.

ALDOVRANDO.

Quando esta fera deshumana a tantos
Delictos porá fim? . . .

SCENA V.

Beatriz, Ezelino, Aldovrando, Branca no fim da Scena sem ser ainda observada.

EZELINO.

EM que perigo
Estive de acabar! se prevenido
Com ciosas suspeitas não tivesse
A trama iniqua! (*vendo Beatriz.*) Mas q'vejo? ainda
C' os inimigos meus nestes lugares
Descubro á Beatriz! Tão pouco curas
Dos meus Decretos? Da presença minha
Prestes te aparta, que a presença tua
Augmenta o meu furor! Conheço, infida,
Que soccorros...

BEATRIZ.

Cruel! eu firme espero
A vingança. He verdade, eu to confesso;
E neste estado em que me vês, já nada
Me assusta o teu furor, nem 'spanta a morte.
Eu mesma promovi dos infelizes
A mallograda fuga, eu quiz rouballos
A teu rancor iniquo; e porque tardas?
Vinga em mim seu delicto...

EZELINO.

E como ainda
Ouzas jactar-te de traição tão negra?
Oh! mulher infiel! e inda respiras?

Quem meu braço detem? Perfida, o mesmo
Golpe te quero dar.
(Em acção de tirar a espada para a matar.)

BEATRIZ.

Sim, nenhum crime
Te resta mais que assassinar a esposa;
Immerge a espada neste seio imbelle,
Qual costumas fazer, e Branca o diga,
Farta-te em sua dor. . . Ei-la. . .
(Mostrando-lhe Branca.)

EZELINO.

Que vejo! . .
Em tal estado, quanto horror m' excita!
Chegar-me a ella!!..OhCeos!...que fiz!O'Branca!
Levanta-te, infeliz! Nestes lugares
Tu não deves estar. . .

BRANCA.

(Como fora de si.)
Deixa-me, vai-te
Quem quer que sejas ... foge ... *(Tornando a si.)*
Oh Ceos! he elle!
Oh Cruel! De que sangue inda goteja,
E inda s'atreve...Oh tigre!...ah! se huma espada!

EZELINO.

He justo o teu furor; tardo remorso
Sinto de quanto fiz; amor sómente,
Desesperado amor qu' esperançaste,
Cravou no peito de teu filho a espada;
Tu me obrigaste á força a ser tyranno;
Adoptallo por filho eu destinava,
E neste mesmo dia alçar-te ao Solio;
Mas tu feia traição traçaste, ousando

Meus Guardas corromper, e inda assim mesmo,
Depois destes ultrajes, inda sinto
Piedade, compaixão, inda desejo
Teu destino mudar: segue-me, ó Branca,
Vem animosa, n'outra parte busca
Conforto á tua dor.

BRANCA.

Ah! deshumano
Destruidor do meus! E inda piedoso
Comigo ousas mostrar-te, ora qu' eu busco
Ultimar provas das sevicias tuas!
Torna ao odio primeiro, ó monstro infame.
Não quero compaixão, teu ferro empunha,
C' o sangue de meu filho inda fumante,
Encrava-o neste seio; e porque guardas
Sem o filho tal mãi? Ah! porqu'hum golpe...

(*Como delirante*)

Tão feróz e cruel não teve a força,
Poder não teve de tirar-me a vida?
As minhas penas, e tormentos todos
Então terião fim: e inda recuza
Satifazer-me nisto!... Eu mesma, eu mesma...
E a cada passo hão de hir ante os meus olhos
Aquellas sombras?... Com chorosas vozes
Hirão ferindo meus ouvidos sempre?
Nós expiramos, e tu vives?... Isso,
Que a natureza e dor em mim não pôde,
Eu, eu mesma o farei...

BEATRIZ.

Misera Branca!

EZELINO.

Mulher! socega

BRANCA.

Oh Ceos! tu me confortas?
Pois já, Senhor, que em fim tanta piedade
Tu sentes por meu mal, huma só graça
Soffre, qu' inda supplique; a minha pena
Menos cruel seria, se meu filho
Eu podera fechar nesse sepulcro
Onde seu pai descança...

EZELINO.

Satisfaço
Nisto a vontade tua, e vós, ó Guardas,
(*Para os Guardas.*)
Cumpri quanto quizer.

BRANCA.

(*Para Aldovrando.*)
Tu, que piedade
Sempre, Aldovrando, de meu mal sentiste,
Quando se abrir o funebre Sepulcro
Para enterrar meu filho, então mo dize,
Que do extincto consorte a cinza amada,
Inda desejo ver, inda abraçalla,
Inda inundalla de meu terno pranto;
Dest' arte terão fim meus tristes males.

ALDOVRANDO.

Tão triste scena, que conforto, ó Branca,
Te póde dar?....

BRANCA.

Que he isto! Inda pertendes
Privar-me deste bem? Impio, inhumano,
Aos meus contrarios, por meu mal, te uniste?

ALDOVRANDO.
A meu pezar eu t'obedeço, ó Branca . . .
(*Entra no Templo, e fecha-se a porta.*)
EZELINO.
Vejo que a dôr desatinada, e cega
Te inspira tal desejo, eu não devia
Conceder-to. Tão funebres objectos
Muito mais aggravar teus males podem;
Mas seja prova da brandura minha!

SCENA VI.

Gorgia apressado, e os ditos.

GORGIA.
Tudo em tumulto está, corre, Ezelino:
Gerardo, em quanto ao Carcere he levado,
Ouzou amotinar o insano vulgo,
Espalhando os insultos, e lamentos,
De tal arte, que o povo em ameaças
Pede a vida de Branca. Atemoriza
Os vís rebeldes co' a prezença tua . . .
EZELINO.
Qu' escuto! Os ímpios provarão depressa
D'hum feróz vingador a sanha, o golpe.
(*Sahe seguido de Gorgia, e das Guardas.*)

SCENA VII.

Branca, e Beatriz.

BRANCA.

Oh! Quanto incautamente os desgraçados
Tentão roubar-me ao meu Tyranno! Quanto,
O' justo Ceo, demoras os teus raios
Sem ferir o cruel! E só trabalhos
Serão o premio da virtude, e os ímpios
Serão felices, quando são culpados!

BEATRIZ.

Nada mais do que a morte, ó Beatriz, resta
Para impôrmos hum termo aos nossos males!

BRANCA.

Isto só me conforta: ah! Se eu podéra
Da minha Patria reparar o estrago!
Com o meu sacrificio ... talvez que elle
Encha de horror o perfido inimigo,
Bem que fero, e cruel!

SCENA VIII.

Aldovrando, e as ditas.

ALDOVRANDO.

Com dôr, e mágoa
Quanto quizeste, Branca, he já cumprido

BRANCA.

Nem em tudo me foi contrario o fado!
Sombras amadas, que girais em torno,
Com triste aspecto, e sanguinosa dextra,
Vós me mostrais o lugubre sepulcro:
Eu vou cumprir o que quereis, só elle
Póde de todo desterrar meus males;
Vós me mostrais a estrada, eu vou seguir-vos,
Eu vou-me unir a vós....

(*Entra no Templo, seguida d'Aldovrando.*)

SCENA IX.

BEATRIZ.

Com que semblante
Tremendo entrou naquelle Templo! A morte
Já lh'espargia a palidez na frente!
Que olhos lançava ao tumulo! Qu'idéas
Na mente volverá? Ah! Tu lhe assiste,
O' Ceo Piedoso, em tão fatal angustia!

Oh! Deshumano esposo, e tanto sangue,
Tanta ruina, tanto estrago, e morte
Não te fartão ainda? Enternecer-te
Não poderão gemidos, e lamentos
D'huma esposa proscripta, e mãi tão triste?
Immersa em tanta dôr!... Ouço gemidos!..
(Ouvem-se gemidos dentro do Templo.)
Oh! Que dia d'horror, d'espanto he este?..

BRANCA.

(Ferindo-se com hum punhal, e lançando-se sobre o Tumulo.)
Piedade, ó meu esposo!... ó Ceos!... ó filho!.

BEATRIZ.

Cresce o grito, o rumor, crescem gemidos?..
(Corre, e entra no Templo.)

SCENA X.

Ezelino, Beatriz, Gorgia, e depois Aldovrando, que sahe fóra do Templo.

EZELINO.

O Tumulto desfiz, tudo emmudece
Quando me mostro....

ALDOVRANDO.

Que fizeste, ó Branca!
Ah! Qu' insano furor!...

EZELINO.

E que acontece?

ALDOVRANDO.

Branca, Branca expirou....

EZELINO.

E como?... Falla.

ALDOVRANDO.

E como m'illudio! Tinha-se aberto
O funesto sepulcro, e nelle posto
De seu filho o cadaver sanguinoso,
Eis a face ferindo, e o Templo enchendo
De funesto clamor, desesperada
Se lança no sepulcro, e o craneo toma
Nas mãos do esposo seu. Horrida em face
O contempla, e no seio o aperta, e logo
Beija o cadaver do querido filho...
E depois... qual relampago, no peito
Crava hum punhal, e muribunda, e fria
No mesmo escuro tumulo se lança...
Cahio a campa, e s'escondéo na sombra...

EZELINO.

Promptos correndo, abri-me esse sepulcro;
(*Aldovrando parte.*)
Póde ser que de todo inda expirado
A misera não tenha! E como soube
Ella illudir-me! Que funesta nuvem
A razão m'offuscou naquelle instante!
Eu que fiz? Ai de mim! No seu semblante
Devêra perceber funesto agouro
De quanto succedeu! Como podia
Oppor-me a seus lamentos, e a seu pranto?
Mas de que serve agora o movimento
D'inutil compaixão, que em mim s'excita!
Ah! Mui tarde o conheço; transportado
De meu cego furor... E inda não tornão

Co' a noticia fatal ! . . Cada momento
Que tarda, o coração . . .

SCENA XI.

Abre-se de todo a porta do Templo, e se vê no meio o cadaver de Branca todo ensanguentado. Aldovrando, e os ditos.

ALDOVRANDO.

SENHOR ! He esta ! ! !
Já de todo expirou ! ! !

EZELINO.

(*No meio da Scena.*)

E como ! Oh Fados !
Eu de todo a perdi ! E que funesto
Fruto execravel alcancei de tanta
Insana crueldade ? Amada sombra,
Antes que subas onde tem repouso
As Almas justas, tira-me do peito
O duro coração ! Do mal injusto,
Que á tua Patria fiz, tira vingança,
Que eu a mereço, sim ! Beatriz, tu corre
Aproxima-te a mim. Eis o Tyranno,
Que tanto t'ultrajou ! Meu erro agora
Conheço, mas em vão ! Que chamma indigna
No peito se acendeo ! Que voz infame
Dos labios me sahio ! Oh Ceos ! Que vejo !
As vingativas sombras, o seu sangue
Me estão mostrando!Oh! desgraçado encontro!.

A mim se chega enfurecido Spectro :
He Branca ! Eu a conheço ! ! E com que furia
Me piza, e me persegue ! Oh Ceos ! Hum ferro,
Hum punhal traz nas mãos ! Deixa-me . . . pára !
Em mim já sinto insupportavel pena ! ! !
Eu previno o teu golpe . . . Eia , acabemos
Tantos delictos c' o delicto extremo.
Morre , Ezelino . . . A natureza folgue ! ! !

(Cahe ferido com hum punhal , e com tal rapidêz que não possa ser soccorrido.)

ALDOVRANDO.

(Occultará quanto poder com o corpo o Cadaver d'Ezelino , chegando-se ao fim do palco para recitar os ultimos versos.)

Eis das negras paixões o fructo , e a pena !
Ouvi , Tyrannos , da Justiça ás vozes ,
Não desprezeis jámais d'hum Deos os raios.

FIM.

N.B O titulo deve lêr-se *Branca de Rossi* , e não de *Rossis*.

Catálogo de varias Obras que se vendem na Loja de João Henriques, na Rua Augusta N.º 1, onde se acha á venda a presente Tragedia.

A Meditação, Poema Filosofico, pelo P. José Agostinho de Macedo, segunda edição, mui nitida . . . . 8.º gr. br. 600
Cartas Filosoficas a A'ttico; pelo mesmo. 8.º br. 480
Refutação dos principios metafysicos e moraes dos Pedreiros-livres-Illuminados . . . 8.º br. 600
(Além de outras muitas Obras do mesmo A.)
Semanario de Instrucções e Recreio; em que se tratão muitos objectos interessantes de Historia Natural, Agriculturas, Bellas Letras, &c., &c. . . . . . . 2 vol. 4.º 4:800
A Religião provada pela Revolução; obra de muito merecimento pelo assumpto, pela linguagem, e pela edição . . . . 8.º br. 480
Mappa do Reino de Portugal e seus dominios, que comprehende em compendio o mais interessante da Geografia do nosso paiz . 8.º br. 480
Metusko, ou os Polacos, Novella historica de Pigault-lebrun . . . . 8.º br. 240
Obras Poeticas de Nicoláo Tolentino. 2 vol. de 8.º 960
Poetica de Horacio; traduzida e explicada methodicamente por Jeronymo Soares Barbosa, 2.ª edição . . . . 1 vol. br. 800
Epicedio á morte de S. M. a Rainha D. Maria I. de feliz memoria, por J. J. P. L. . . 40
Ode á Acclamação d'ElRei N. S., por J.J.P.L. 40
Epithalamio aos Desposorios de SS. AA. RR. o Principe e Princeza Reaes do Reino-Unido de Portugal, Brasil, e Algarves; por J. J. P. L. 50

Poema á faustissima exaltação de S. M. ao Throno; por Antonio Feliciano de Castilho em 4.° 480

Peças Dramaticas.

Nova Castro, Trajedia de João Baptista Gomes, 4.ª edição, com huma estampa . . 300
Andrómaca, Tragedia de Racine, traduzida em verso pelo Dr. A. J. de Lima Leitão. 240
Ifigenia, Tragedia de Racine, traduzida pelo mesmo 240
Eufemia, ou o Triunfo da Religião, Drama traduzido de Arnaud por M. M. B. da Bocage 240
Merinval, Drama de Arnaud, traduzido por J. A. de Queiroga 300
Os Scythas, Tragedia de Voltaire 240
Mariamne, Tragedia do mesmo 240
Orestes, Tragedia do mesmo 240
Sofonisba, Tragedia do mesmo 240

Tragedias de M. C. Pimenta e Aguiar.

Virginia, 240; Os dois Irmãos inimigos, 300; D. Sebastião em Africa, 300; Arría. 300; Destruição de Jerusalem, 300; D. João I., 300; A conquista do Perú, 300; Eudoxia, 300; A morte de Socrates, 300.

Collecção de Obras Dramaticas de Antonio Joaquim de Carvalho . . . . 1 vol. de 8.° 360

D. LUIZ D'ATAIDE,

OU

A TOMADA DE DABUL.

DRAMA HEROICO.

O ASSUMPTO HE TIRADO

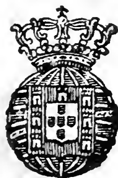
DA ASIA PORTUGUEZA

DE MANOEL DE FARIA E SOUSA.

TOM. II. PARTE III. &c.

POR

J. A. de M.



LISBOA:

NA IMPRENSA NACIONAL.

ANNO 1823.

PERSONAGENS.

D. *Luis d'Ataide* .	Viso-Rei da India.
Tojar	Rei de Dabul.
Melique	Senhor de Chaul, e amigo dos Portuguezes.
Sezigambe	Mulher de Tojar, Rainha.
Zelima	Princeza, Irmã de Tojar.
Alvaro de Castro . *Simão de Mello* . .	Capitães Portuguezes.

Um menino que não falla.
Soldados Portuguezes, e de Chaul.

A Scena he junto ás muralhas de Dabul.

ACTO PRIMEIRO.

Scena I.

Tojar, e Sezigambe.

Sez. Suspende-te Sr.... Ouve-me, attende,.... talvez que a meus ultimos gemidos! Eu to supplico pelo sacrosanto fogo do nosso hymeneo, e do meu amor.... suspende os passos. Olha volteando em torno destes muros as soberbas Quinas Portuguezas, olha essas despiedades hostes, que tem tantas vezes engrossado com o sangue Indiano a torrente ao Indo, e ao Ganges; ellas ameáção a extrema, a fatal, e a irreparavel ruina a esta Cidade.... E tu, Senhor, privando-a da tua presença neste momento infausto assim lhe roubas o seu mais forte escudo? Assim a deixas? Ah! desse modo nem sequer terá as infelices agonias de uma debil esperança! De que serve, Senhor, de que serve tanto sangue Portuguez derramado, e de que ainda estão salpicadas as muralhas de Chaul? De que servem tanras palmas arrancadas das mãos destes indomitos e ferozes monstros, e colhidas com tanta soberba pelo implacavel Albuquerque,

e formidavel Cassro? Neste arduo momento, em que o destino vai tirar da fatal urna os ultimos decretos da nossa existencia, a privas da defensa do teu invicto braço! Ah, Senhor, muda de projecto! A tua presença anima os Exercitos do Hidalcão, desperta em nossos guerreiros aquelle generoso ardor, que se sacrifica pela Patria, e que a defende. A tua vista embotará os fios das espadas Portuguezas. Que Esquadrão poderá voltar as costas se tu te apresentares á sua frente? Que peito deixará de ser muralha a esta infelicidade? A tua voz diminuirá o pavor desse horrendo estampido das bombardas inimigas.... E se te retiras, que resta? .... Ao Reino a queda, e á tua esposa a escravidão.... ou a morte....

Toj. Resta o meu genio, o destino, e se ha justiça nos Ceos, resta a justiça das nossas armas, e da nossa causa.... Sezigambe, deixe-se ás almas vulgares a honra da defeza dentro de umas muralhas.... Eu não costumo esperar indolente á sombra daquelles baluartes que me desafie o medonho écco da guerreira trombeta; busco os perigos, anticipo-me, e não os espero. Venha, venha embora o barbaro, o implacavel Ataide; assalte aquelles muros, assaz guardados da sua mesma justiça. Venha o soberbo, não encontrará o infeliz descendente de Meale encerrado em Goa; quando me julgar cercado sentirá fendidas as suas mesmas costas

com aquella espada que espero se não ha de embainhar senão depois de se ter embebido no peito do ultimo Portuguez. Talvez, talvez, que á vista destas formidaveis reliquias do nosso antigo valor se rebelle a fortuna, e quebre esses ferros da fatal escravidão em que parece a conservão as devastadoras Quinaz. Basta-me isto só; o meu coração se torna presago com suas mesmas desventuras. Eu desfolharei esses louros que cingem a frente de Ataide, e pode ser que aqui se lhe desvaneça o fasto dos triunfos de Malaca e de Cambaia, e que de uma vez para sempre fique abatida a tyrannia Portugueza.

Sez. A empreza he digna de ti! Mas ah, quanto he funesta, quanto he fatal ao meu amor!

Toj. Tu me não amas, se não amas a minha honra, e a liberdade da Patria....

Sez. Amo a tua honra, amo a liberdade da Patria, mas ao lado do amor do esposo, e do amor da Patria, eu sinto no meu mesmo coração todo o horror do imminente perigo, e da imminente ruina.

Toj. Onde he maior o perigo, tambem he maior a gloria.

Sez. E que gloria nos pode prometter a esperança contra esta Nação feroz, que parece que não cabe no mundo? Quem pode suspender o impeto deste raio exterminador da Asia? Não vez Ormuz em cinzas e em cadeias, a Persia assustada, Cambaia ven-

cida, Dio avassallada, Badur, o invencivel Badur tingindo com seu sangue os mares? De quem he Damão? de quem he Onor? De quem he Cananor, de quem he Baçaim? Não imperão em Goa? Não senhoreão Cochim, não arrazárão Chaul, não se derramárão como torrentes até ao Ganges, e não tremulão as suas bandeiras nas muralhas de Malaca? Foi pouco o continente, foi pequena a terra, estendêrão seu Sceptro, e assoberbão os mares; e onde quer que descubrirem homens hão de ser conquistadores.

Toj. Tambem a fortuna cança: e não he longa a duração de um poder immenso. Estão muito divididos para serem sempre invenciveis; necessitão de um braço para se susterem na Europa, e não basta o outro para se conservarem no Oriente.

Sez. São essas só as razões que te obrigão a executar o funestissimo projecto?

Toj. Outra razão o pede.

Sez. Infeliz Sezigambe! Antes de perder o Reino perdes o coração do esposo! Ah Tojar, tu não me amas!

Toj. Eu te amo; mas amo-te como deve amar um Monarca, e um guerreiro.

Sez. Vai, cruel, e deixa-me lutando entre crueis agonias; deixa-me ficar victima da ferocidade de um vencedor soberbo: fique tambem o innocente filho, e encadeado ao carro do sanguinario Viso-Rei vá augmentar a pompa do seu triunfo pelas ruas, e pra-

ças de *Goa*.... Sim, teu filho, ultimo resto da nossa grandeza, será com os captivos Principes de Ormuz, ou mandado a esse fatal Tejo, d'onde para nós tem sahido tantos raios, ou será esmagado diante de meus olhos debaixo dos profanos pés dos barbaros Portuguezes.

Toj. He esse o pensamento que faz vacillar a minha constancia; mas em fim eu tenho um coração que sabe oppor-se aos fados.... Toma este punhal, e sobre esta minha espada, humida ainda do sangue Portuguez, jura, jura, *Sezigambe*, que has de cumprir, e executar qualquer Lei que saia da minha boca....

Sez. Sim, tu o mandas, e eu o juro.... (*Põe as mãos na espada*).

Toj. Ouve.... Estes nossos inimigos podem ser vencidos, e eu assim o espero: mas se a fortuna idolatrar tanto como até agora tem feito estes oppressores, que se arvorem sobre aquellas muralhas as jactanciosas Quinas, primeiro embeberás esse punhal no coração do filho innocente, e depois no teu coração. Sezigambe, esse punhal he a estrada da liberdade, he o resgate da escravidão, e um ferro tira as injurias de outro ferro.

Sez. Ceos, que escuto! Tu pedes duas cousas, uma he digna de mim porque sou tua esposa; mas a outra.... Oh natureza! a outra não se deve pedir ao coração de uma mãi!....

Toj. Tambem eu sou pai, tambem a natureza em mim clama; mas eu suffoco seus gritos, a honra o exige, e eu o mando. O nome de pai he differente do nome de Monarca; devo obrar como Principe; as affeições do Estado não são as affeições da natureza..,.. Sezigambe, adeos! Com este abraço empenho a tua submissão á minha vontade. Juraste, e sabes que não te podes chamar minha esposa se uma vez te não esqueceres de que hes mãi.

Scena II.

Sezigambe só.

Sez. Desgraçada Sezigambe, que juraste? Que palavra fatal sahio da tua boca? No tribunal do amor e da natureza quiz ser juiz um pai, e deste tribunal sahe a sentença que condemna á morte um filho innocente, julgado só d'estranhas culpas, das culpas dos barbaros Portuguezes!.... E desta morte horrivel e atroz, desta monstruosa sentença quem deve ser o executor e o algoz? A mãi do mesmo innocente?... Eu rasgar o peito daquelle tenro infante que alimentei em minhas entranhas, ver moribundos aquelles olhos, e fria aquella boca que o meu maternal amor beijava com tão vivo transporte!.... E pude tal jurar?.... E tu podeste, ó Sol, ver sem te enlutares

um similhante horrivel juramento? Ah! sou mãi! Que Sezigambe morra para se roubar aos vilipendios do triunfo, isto estava ha muito resolvido em meu coração..... Mas que eu, mãi sacrilega, mãi infame, tinja o ferro no sangue de meu filho!... Que furia mais cruel poderia vomitar o Inferno? E deixarei eu no mundo a funesta memoria do meu nome para ir horrorizar as futuras gerações? E poderá tal crime ser meio de interessar o destino a nosso favor? Ceos! Se no volume eterno dos fados está decretado o ultimo instante da liberdade da India, antes me reduza a cinzas um raio, que sobre mim desfeche a vossa justiça, e me absolva do fatal juramento, do que eu commetta este horrivel attentado.... Tenho coração para ser forte, mas não para ser impia..... De tudo me absolve o amor de mãi.....

SCENA III.

(Muros de uma Fortaleza no fundo do Theatro; ao lado um Bosque onde se vejão emboscados os Indios.) D. Luiz d' Ataide; Alvaro de Castro, e Simão de Mello, Commandantes das forças Portuguezas.

Alv. *(Para os Soldados Portuguezes.)* Vamos, guerreiros, vamos juntar mais um brazão ás nossas triunfaes bandeiras, e apren-

da de uma vez a India a respeitar o fado Portuguez.

Sim. Vamos.

D. Luiz. Invenciveis Capitães, e illustres guerreiros, no recinto daquelles fracos muros, aviltados com tantos estragos, estão encerradas as extremas reliquias da insana rebellião. Alli está fechado o Rei, e alli pretende segurar com mão tremula, e languida a roda da sua abatida fortuna. Avançai como Portuguezes, isto he, como invenciveis. Sois poucos, mas não erão mais os que no passo de Coulão destroçárão todas as forças do Samorim: não erão mais de cem os que arrazárão Chaul, e poucos mais erão os que sustentárão Dio contra o poder de Cambaia, os que alli fizerão morder a terra aos soberbos Janisaros, e calcárão as orgulhosas Luas Ottomanas; em torno daquellas suas muralhas ainda a mesma Dio vê alvejar os descarnados ossos de Sofar, e de Rumecão. Vós sois os descendentes daquelles Heroes; o seu sangue he o nosso sangue, e parece-me que em torno de mim revoão as grandes sombras dos Pachecos, dos Castros, dos Albuquerques, e que me mandão restaurar aquillo mesmo que elles ganhárão, mostrão-me a espada com que lavrárão o Sceptro Portuguez no Oriente, e me pedem não embote os seus fios, deixando impune a rebellião de Dabul. Se nós sabemos perdoar aos vencidos, tambem

sabemos debellar os soberbos. Quando em meu primeiro governo destrui a conspiração de todos os Principes da Asia, ficárão vassallos nossos todos os regulos que obedecião ao Niramaluco, e ao Idalcão. Tojar me jurou obediencia em Dabul; Tojar se rebellou; Dabul ficará hoje em cinzas, e Tojar em ferros. A Asia aprenderá a temernos, e Goa terá ainda o espectaculo de um triunfo que desperte o adormecido valor Portuguez. Ide, invenciveis, e apagai com o barbaro sangue do rebellado Tojar a extrema chamma da conspiração. De vós não devo exigir mais que as conhecidas provas do vosso valor. Entrelaçai novos louros nas antigas palmas. São justos os golpes, que vão fulminar as nossas espadas: o destino nos offerece o triunfo mais illustre no sangue dos barbaros. Vinguemos aqui o derramado em Parnel, e em Bracalor, onde foi ultrajada a honra das bandeiras Lusitanas. O Monarca que nos manda pede esta victoria.

Scena IV.

Os ditos, e Zelima, que se lança aos pés de D. Luiz.

Zel. Senhor, se ainda entre as armas, e armas sempre victoriosas, tem logar a piedade, e se esta não deslustra o heroismo Por-

tuguez, nem diminue o esplendor do seu immenso imperio; acolhei-me, Senhor, acolhei-me infeliz donzella escapada a furto daquelles desgraçados muros.

D. Luiz. Levantai-vos, e dizei quem sois.

Zel. A minha estirpe he Real, nasci na India; mas o meu coração he Portuguez; abomino as traições, eu quiz escapar ao raio que ameaça a rebellada Dabul.

Sim. Formosissima mulher! E assolárão as nossas armas a terra que taes bellezas produz? Se me não engano hes irmã do perfido Tojar.

Zel. He verdade, eu tive commum com elle o berço, mas não o crime; e porque sou innocente, e conservo Portugal dentro no meu coração, me quer meu cruel irmão arrancar do peito a vida, ou a fidelidade. Eisaqui porque, esquivando-me ao seu insano furor, fujo, e venho acolher-me á sombra das bandeiras Portuguezas; com apressado passo me separei daquellas soberbas, e contumazes muralhas, antes que as reduza a cinzas o raio fatal da vossa justissima vingança. Consolai, Senhor, o meu pranto, que he o pranto da innocencia, e constitui a clemencia á frente de todas as vossas virtudes.

D. Luiz. Zelima, terás entre as nossas victoriosas armas um seguro asylo á tua fidelidade. E vós, Alvaro de Castro, tomai entregue dessa infeliz donzella; eu a confio á vossa probidade; lembrai-vos que he Prin-

ceza, e que he desgraçada. E vós, Portuguezes, marchai, prostrai aquellas soberbas muralhas. Quero que as palmas que brotar esta terra sejão fecundadas com o sangue do perjuro Tojar.

Scena V.

Os mesmos, e Melique Tanadar.

Mel. Venho, Senhor, supplicar-te a honra de que eu seja o primeiro em assaltar os muros dessa altiva Dabul. Eu devo a vós, ao vosso predecessor, e a Portugal este penhor da minha fé, e tambem devo esta honra á minha vingança. Desejo ser eu mesmo quem vare com este ferro o coração do aleivoso, e traidor Tojar. Sim, Tojar deve sentir os golpes da espada de Melique. Elle he réo de duas gravissimas culpas: uma he a rebellião ao vosso Imperio, a outra o ultraje que fez á minha dignidade paternal, roubando-me Sezigambe minha filha, que eu destinava para esposa do Idalcão, e constituindo-a por suas vis seducções, não só senhora do seu abominavel thalamo, mas tambem declarada inimiga de seu pai por conservar sem mancha a fidelidade, que devo ao Monarca Portuguez.

D. Luiz. Basta a minha espada para punir essas duas culpas. *(Sahe com Melique.)*

Alv. Formosissima, e illustre donzella,

o ferro Portuguez vai neste momento segar as vidas de todo um povo; no calor do assalto não se respeitará nem a vossa condição nem a vossa belleza. A trombeta marcial me chama, não podeis estar ao meu lado, nem eu me devo afastar da estrada da gloria, e para que o meu coração vos diga tudo, sabei que estando vós presente ao combate, eu me exporia a apartar os olhos dos inimigos para os fitar no vosso formoso rosto.

Zel. Eu me retiro aos vossos arraiaes; nenhum susto me combate o coração. Quando os Portuguezes pelejão sei de que lado costuma pender a victoria.

Scena VI.

D. Luiz, Alvaro de Castro, Simão de Mello, e Tropas Portuguezas. (Representa-se a disposição do assalto de Dabul.)

D. Luiz. Portuguezes, se me não quereis imitar a mim, imitai-vos a vós mesmos. Os muros de Dabul não são mais fortes que os muros de Malaca: duzentas bombardas, e trezentos elefantes não vos assustárão em Mangalor. Levai de um golpe aquelles debeis reparos, e olhai não se diga no mundo que Luiz de Ataide deo segundo assalto a uma Fortaleza. Carlos V. me invejou a sorte em Dresda, e me disse que antes queria ser Luiz d'Ataide armado Cavalleiro no Mon-

te Sinai que Imperador dos Romanos; vós o hides ser em Dabul pelas minhas mãos, e prezará o mundo mais a espada que eu vos cingir do que mesmo admirou a agua do Ganges, que eu levei á Europa. Assaltai, e se eu não for o primeiro dizei que não sou Portuguez.

(Assaltão á escala a Fortaleza. Sahem della os sitiados, são batidos, e fogem. Os Portuguezes entrão as portas, e neste tempo sahe Tojar do bosque com os seus, ataca os Portuguezes em retaguarda, he destroçado, foge, e os Portuguezes entrão todos em Dabul).

Scena VII.

Zelima só.

Zel. He entrada a infeliz Cidade! O Ceo peleja por estes leões indomitos! Tojar foge; mas se não morre surgirá mais valente. Não falta força ao coração onde domina a virtude, e uma invicta constancia cança o fado muitas vezes. Tojar vivirá, e ambos combateremos, elle com o braço, e eu com a industria. Eis-aqui para que eu busquei com uma fingida confiança as bandeiras destes monstros. Amor tambem he guerreiro, e as suas armas são mais fortes por isso mesmo que são menos temidas. Eu verei se posso com a minha formosura vencer o coração do

feroz Ataide: tello-hei vencido se o fizer amante; e se o seu coração soberbo resistir aos meus attractivos, eu alcançarei em cada um de seus Capitães que possa fascinar com meus encantos, um illustre, e proveitoso triunfo. O ciume será a origem das divisões, destas nascerão o odio e a rivalidade, e as forças Portuguezas se abaterão por si mesmas. Tente-se tudo, porque tudo he licito ao amor da Patria; e se eu não conseguir uma victoria conseguirei ao menos uma vingança. *(sahe).*

Scena VIII.

Tojar vem fugindo, e depois de fallar entra no bosque.

Toj. Portuguezes...... vencestes!.... Cumprio a fortuna o maior dos seus votos. Acaba de expirar a liberdade da India. O furor Lusitano triunfa, e foje Tojar! Fujo; mas não vencido de todo; ainda me resta um poderoso recurso; resta-me inteiro o implacavel odio contra o nome Portuguez, recurso sobre que não tem poder a sorte. Ainda me não abandonou o desejo de uma memoravel vingança. Existe um caminho subterraneo, que a engenhosa arte de meus predecessores abrio por baixo daquellas muralhas; em traje disfarçado penetrarei por elle até ao meu Palacio, e com esta mão irada, e for-

midavel em momento opportuno trespassarei o coração do feroz Ataide, e com sua morte abrirei campo á de todos os Portuguezes. He facil uma illustre vingança a quem resolveo morrer. Morrerei, sim, mas cahirei victima da vingança de um odio inveterado. He doce a morte quando se levanta o sepulcro sobre as proprias ruinas de tão grande inimigo: crescerão em roda delle os funebres cyprestes regados com o sangue de um oppressor Viso-Rei da India. *(Sahe)*.

Scena IX.

(Mutação; vista de alas de arvores sombrias, entre ellas a espaços os sepulcros dos antigos Soberanos de Dabul.) Sezigambe, com um pagem que traz pela mão um menino.

Sez. Não ha recurso; já a victoria insolente levanta a fronte entre lastimosos estragos. O terrivel Viso-Rei ergue seus trofêos sobre as nossas ruinas. Desvaneceo-se-me até o ultimo bem dos desgraçados; devo morrer: cumpra-se em fim o fatal decreto de Tojar; eu o jurei sobre a sua espada; mas não se cumpra sobre este fructo innocente das minhas entranhas. He muito apertado o vinculo do sangue com que a natureza une o coração de uma mãi ao coração de um filho. He preciso seguir a natureza a despeito do mais rigido e severo juramento, uma vez que

este a offende. Como porém não resta á liberdade da India entre tantas Cidades um pequeno espaço de terra em que se esconda um tenro menino, abre, ó fiel servo, abre os porticos deste melancolico Templo das sombras ; e aqui se esconderá meu filho do triunfo orgulhoso das vencedoras Quinas. Assim cumprirei em parte a fatal Lei, muito barbara para o coração sensivel, quanto mais para o coração de um pai! Ah! meu querido filho, mui tarde nascido para a Patria, e muito cedo para esta mãi infeliz! Eu te conservo a vida, que teu pai condemnava á extincção; mas eu te escondo, e me privo da tua vista para te livrar de uma servil cadeia: se he piedade agradece-me; se he crueldade perdoa-me. Eis o asylo que te resta; se os fados se compadecem dos infelizes serás salvo; e se te negarem a vida aqui tens a sepultura. Ah! tu suspendes os passos! Eu conheço a tua generosa indole, o teu Real coração não admitte a vileza do temor. Abatamos o pensamento aos pés da presente fortuna; tempo virá em que respirem teus magnanimos sentimentos, e em que despedaces os injuriosos grilhões da tua Patria. Hoje te baste aquillo que basta a um vencido. Vive; e neste lugar te defenderão as augustas sombras de teus famosos progenitores. Fiel servo, guarda com todo o desvelo este precioso penhor que de ti confio. Filho, adeos: recebe este beijo.... esta he

a ultima dadiva do meu desgraçado amor . . . toda a alma sobre elle me foge, e se não morro.... Mas uma mulher forte não deve morrer de amor, ainda que seja o amor filial. Vai, fiel servo, esconde-o entre estes tumulos.... *(O servo entra, e se occulta atrás delles com o menino).* E vós, ó Ceos, guardai este sagrado deposito; vós que defendeis sempre a innocencia, defendei o meu filho, e se eu podér ainda ver a face de Tojar, fazei que lhe agrade esta infelicidade do meu amor. Se he virtude conservar a vida a um filho para o esquivar aos grilhões de escravo Portuguez, eu acceito em premio a minha voluntaria morte; e se he uma culpa guardar esta innocente vida, em castigo acceito a mesma morte. E que, Sezigambe! Ainda tu pódes ter esperança de ver o querido Tojar! Ah! Não: já tens desempenhado o caracter de mãi, reveste-te agora do caracter de esposa digna de Tojar; cumpre o seu preceito pela parte que te pertence. *(Tira o punhal que lhe deo Tojar).* Fero instrumento da morte, ultima dadiva de uma dextra adorada, quanto me hes apreciavel!... Eu destino esconder-te em meu coração, tu o penetrarás todo, e meu sangue attestará ao mundo que morri livre, e que no valor com que soube preferir a morte á escravidão me mostrei digna esposa do valeroso Tojar. *(Ao estender o braço para cravar o punhal no peito, he suspendida por detrás repentinamente por Melique).*

Scena X.

Sezigambe, e Melique acompanhado por Soldados Portuguezes.

Mel. Suspende-te, mulher!.... Não te he licito dispor de uma vida, de que o Viso-Rei he senhor. Elle não quer deixar aos vencidos nem a liberdade de morrer....

Sez. Com que coração me suspendeis este golpe? Com o coração de pai, ou de inimigo?

Mel. Se me fallas como filha de Melique, eu sou teu pai; se me fallas como esposa de Tojar, sou teu inimigo, e até serei teu algoz.

Sez. Senhor, foi vosso sangue quem me communicou estes generosos sentimentos. O fado quiz que eu fosse esposa de Tojar, para elle reservo o meu coração, e não posso despojallo do que por tantas Leis lhe pertence.

Mel. E eu não tirarei ao Estado Portuguez na India o que he do Estado. Hes mulher de um Principe rebellado, tu augmentarás a pompa do triunfo, ou serás consumida nas chammas que vão abrazar Dabul, se não descobres o filho do teu rebellado esposo: he esse o holocausto que a ira Portugueza exige para a sua vingança.

Sez. Oh Céos! Que escuto!... Meu filho ficou tambem sepultado nas infaustas ruinas da assolada Dabul.

Mel. He vil o engano, e a mentira; a dor de uma tal perda não se divisa na soberba do teu semblante; eu te observo mais cheia de sobresalto, e temor, que cheia de magoa: dize, onde está o teu filho?

Sez. E onde está o meu esposo Tojar? Onde está a nossa perdida liberdade? Vós buscais uma cousa só, e eu busco todas.

Mel. Dirás forçada o que não queres dizer voluntaria.

Sez. Morrerá tranquilla, e segura quem quer morrer, e quem deve morrer. Que póde temer Sezigambe, se a morte he o maior dos meus votos!

Mel Vivirás; mas entre tormentos; a dor destruirá a tua constancia, e te arrancará do coração o indigno segredo.

Sez. Invente embora a tyrannia Portugueza todos os tormentos, seja engenhoso em martyrizar-me esse vencedor soberbo: os ferozes Portuguezes verão quem seja a esposa de Tojar. Ainda sou Sezigambe. Perdi a liberdade, o esposo, o reino, o pai, o filho, tudo, tudo me tirou o furor desses injustos conquistadores; mas a despeito da sua ferocidade pouco perdi, pois ainda me resta o coraçao de Sezigambe: se o vosso desconhece uma filha, o meu não desconhece a Patria, o Throno, o esposo, o filho, a India, a liberdade

Scena XI.

(Uma Sala em um Pavilhão). Zelima, e Alvaro de Castro.

Alv. Illustre donzella, agora que a victoria Portugueza acaba de levantar seus pendões sobre as ruinas de Dabul, vem o meu coração mais tranquillo idolatrar o teu rosto, e serenar aquella chamma, que elle pôde atear dentro em minha alma. Não tem a fortuna poder sobre a belleza; se a tua Patria está captiva, o teu semblante alcança uma victoria dos mesmos conquistadores.

Zel. Eu, Senhor, supportaria com valor a vista, e a memoria de tantas perdas, se eu me podéra lisongear com a conquista do vosso coração; mas poderei eu esperarar tão venturoso triunfo?

Alv. Vós não deveis esperar aquillo mesmo que já possuis; quizesse o destino que eu encontrasse em vós um igual sentimento!

Zel. Eu não sinto um affecto contrario ao vosso; nem vos amo, nem vos aborreço; isto basta a um amante....

Alv. Retirai-vos, que se aproxima o Viso-Rei....

Scena XII.

D. Luiz d'Ataide, Melique com Sezígambe em ferros.

D. Luiz. Cessem já os estragos, o valor Portuguez com pouco sangue se satisfaz; contenta-se de ter vencido. A muita crueldade deslustra a victoria, e condemna o vencedor.

Mel. Senhor, trago a vossos pés este despojo, não vil, do vosso triunfo; nas suas veias corre o meu sangue, porém Tojar está no seu coração. Ella esconde obstinadamente ás nossas vinganças o filho deste rebellado; neste filho pode ainda o Estado Portuguez ter um implacavel inimigo; só a vossa presença lhe pode arrancar do coração este fatal segredo. Ella he uma prizioneira, e este titulo deve diminuir a ternura de mãi, assim como a obrigação de vassallo extingue em mim o amor de pai.

D. Luiz. Mulher, lembrai-vos que o vosso amor maternal tambem está prizioneiro; vos não deveis occultar á minha victoria um filho, que por seu sangue participa das culpas paternaes. Sou clemente, mas sou vencedor; e olhai que o fructo de um tronco tão inficionado offende muito a soberania Portugueza.

Sez. Que, Senhor! Pois os Portuguezes

temem? Oh muito illustre queda, e muito illustre desgraça de Dabul! Fortuna, eu te perdoo as tuas injustas offensas, se ainda deixas ao meu sangue a honra de ser temido! Sim, vive, ó Viso-Rei, vive este crescente susto das orgulhosas Quinas: vive, sim; e com elle vivem as esperanças da sua Patria; e talvez que esse soberbo Tejo prepare um Viso-Rei, que venha diante daquelles entrados muros cahir victima da sua espada. Se meu filho não recebe o Reino das mãos de seu pai, ao menos recebe a illustre herança de seu grande sangue. Vive, sim; porém guardado pelos votos da Patria, e pelas minhas maternaes diligencias: eu assim roubei ao vosso carro o melhor troféo do soberbo triunfo. Viso-Rei, ou buscais o roubo, ou o roubador; se buscais o roubo nunca o vereis, se o roubador aqui o tendes.

D. Luiz. Grande mulher! A despeito de seus mesmos ferros, entre as muribundas chammas da liberdade ainda ostenta um caracter Real!

Mel. A morte saberá punir a loucura do teu servil orgulho.

Sez. Inutil ameaça! Eu saberei levar comigo á sepultura o meu inviolavel segredo.

D. Luiz. Vivei, mulher generosa; eu mando tirar os vossos braços do ultrage desses ferros. O' lá, tirai aquellas indignas cadeias. Luiz d'Ataide não castiga, respeita a virtude, ainda que fera e altiva, no seu

mesmo inimigo. Eu vim reconquistar a India, não vim prender mulheres. Esta um de-pojo ainda maior que o meu triunfo. Sois livre, e deixo ao vosso arbitrio a fidelidade de prizioneira; a vossa alma he muito grande, e saberá soffrer as injurias da sorte, sem que tenha os braços oppressos de cadeias. Tanto mais respeito uma coroa, quanto he mais abatida. Se a familia de Dario foi respeitavel a Alexandre, porque me não será a mim a esposa de Tojar? Não sois escrava, porque fostes Rainha, e ainda o sabeis ser.

Scena XIII.

Sezigambe só.

Sez. Exulta, Sezigambe, tu começaste bem; meus sentimentos pozerão em respeito o mesmo fasto da victoria, e Ataide acaba de conhecer que o insolente arbitrio da fortuna não tem poder sobre as almas grandes. Nunca a virtude cede á fortuna as suas conquistas.... Mas assás tem cedido o amor á gloria; torne o amor a recobrar seus direitos, e tornem a despedaçar meu coração as funestas idéas do meu talvez que já perdido consorte, e de meu innocente filho escondido entre os sepulcros. Não basta o meu animo para tantas perdas. A fortuna levou-me o Throno de Dabul, que me tinha dado; eu sou superior aos seus caprichos; o

amor me deo um esposo, e um filho; as perdas do amor não se tolerão, nem se consolão.... Onde estará o meu esposo? Se virá ainda? E o charo filho! Oh mundo! Oh natureza! Oh fados!.... Ah! pague a India a Portugal os delictos que commetteo contra o Ceo! Tenha Portugal Imperios; mas não captivará jámais o coração de Sezigambe.

ACTO SEGUNDO.

Scena I.

D. Luiz, Simão de Mello, Alvaro de Castro, e Zelima.

Alv. Senhor, = D. Gonçalo Pereira expirou atravessado de lanças na entrada destes muros. Acabou um dos maiores brazões das nossas armas; ainda jaz no campo, e ainda aperta na fria mão a invicta espada.

D. Luiz. A virtude, e o valor nem depois da morte acabão. Perdeo muito a Patria; mas D. Gonçalo ainda adquirio mais; a fama, e o nome, he um bem ainda mais precioso que a vida; será tão invejada a sua

morte como he a fama de seu irmão D. Leoniz pelas victorias de Malaca.

Alv. E neste campo, theatro tambem das minhas façanhas, eu vos peço o posto que elle occupava no exercito; e se o não merece o valor que aqui mostrei, lembraivos dos Baluartes de Dio.

Sim. E se a defendida Malaca pede para estas cans alguma recompensa, eu mereço o mesmo lugar que Alvaro de Castro pretende. Esta espada nunca esteve occiosa, nunca foi inutil ao Estado da India, e as cicatrizes das feridas recebidas a vosso lado em Parnel pedem este illustre galardão.

D. Luiz. Simão de Mello, contentai-vos; a victoria enramou de louros vossa espada, e vossa frente, e não são tão caducas as vossas cans que vos não deixem ainda um grande espaço para a acquisição de novas palmas: ao valor de Alvaro de Castro, e ás cinzas do Viso-Rei seu pai se deve em primeiro lugar a jerarquia de D. Gonçalo Pereira. Eu sei que Cartále convocou já para a vingança de Dabul a Mandavirai, e os Piratas do Malabar, que discorrem com as Galeotas pelo mar de Chaul. Dei ordem a D. Paulo de Lima para os atacar, e vós com o braço, e com o conselho ireis servir debaixo das suas ordens. Sabei que dar-vos uma occasião mais de vos distinguir-des he dar-vos a mais abalisada recompensa.

Alv. Senhor, eu vos beijo a mão pela mercê que tamanha honra me traz.

Sim. (*á parte*) E he tão vil preço o sangue de Simão de Mello, que o pize, e despreze desta maneira o Conde d'Atouguia? E deve soffrer esta afronta o Governador de Malaca?

Zel.. (*á parte*) A injusta repulsa o offende; talvez sirva o seu odio aos meus designios....

Alv. Senhor, eu parto a occupar o lugar do heroe extincto; eu vou dar ao Exercito em Alvaro de Castro um capitão, e um pai. Meus passos não sabem outra estrada que a da gloria: o neto do vencedor de Cambaia não saberá degenerar de tão illustre sangue. (*Vai-se*).

Scena II.

D. Luiz, Simão de Mello, e Zelima.

Sim. Já que a minha espada, Senhor, tem tão embotados os fios, e he tão inutil para a gloria de Portugal, deixai que eu a abandone a vossos pés, como um despojo ocioso; e já que esta dextra outr'ora triunfante se tem tornado frouxa nos braços de Marte, permitti que eu a una nos laços de hymeneo á desta abandonada, e infeliz Donzella, e que neste estado eu me esqueça para sempre do uso, e do nome infausto da guerra, e da victoria.

D. Luiz. Simão de Mello, . . . onde está aquelle valor heroico com que repellistes em Malaca todo o poder do Achem, que sitiava a Fortaleza? Este valor tão provado não pode neste momento defender o vosso coração de um tão injusto despeito, e violento transporte? Se vos roubo a gloria de combater, dou-vos a não menor de aconselhar; e olhai que vos devem causar maior satisfação as honras merecidas que as alcançadas. E não sabeis que he menos illustre uma virtude interessada? Chega neste momento á India a nova infausta da desventura de Sebastião; aqui acaba de chegar com esta noticia João de Saldanha; ella veio funestar os louros da tomada de Dabul. A Patria vos precisa, e o vacillante Estado da India tambem com vosco se pode suster. E posso eu permittir as nupcias de tão grande Fidalgo Portuguez, como vós sois, com uma mulher gentia, e ainda que segundo as apparencias, que podem mentir, seja de uma extracção Real, e seja a irmã do rebellado Tojar?

Zel. Senhor, antes que decidais tão ponderavel lance, concedei-me que eu permaneça só com vosco; devo communicar-vos um importantissimo segredo.

D. Luiz. Ide-vos, Simão de Mello.

Zel. Mas tornai prestes *(á parte a Simão de Mello)*. Favoreça o destino os meus projectos. *(A' parte)*.

Sim. Levo no coração amor, e vingança! *(A' parte)*.

SCENA III.

D. Luiz, e Zelima.

Zel. Senhor, Vós cedeis a outro um despojo que he vosso; e sabei que não he um despojo vil, nem merece o seu grande preço menoscabo. Eu busquei os vossos arraiaes com aquella fé que devo a Portugal; mas outra razão mais forte ainda, e mais poderosa no meu coração, me trouxe a vossos pés. O brado da vossa virtude, e da vossa fortuna retumbou fortemente no meu coração, occupou os meus affectos. He muito robusto aquelle amor, com o qual um coração se não pode tachar de fraco. Esta magestosa chamma se ateou mais com a vossa presença, e este alto incendio abafa aquella austera virtude, que era tão propria da minha extracção e do meu estado, e que me fez rejeitar as pertenções dos maiores Potentados da Asia, aquem minha altivez pôde resistir. . . .

D. Luiz. Basta, mulher, cala-te; o Conde d'Atouguia veio ser o Viso-Rei da India, e não o amante das mulheres de Dabul. *(Sahe sem olhar mais para Zelima).*

Scena IV.

Zelima, e Simão de Mello.

Zel. Desgraçados pensamentos! Assim vos atalha o vôo, e vos piza o feroz Ataide!

Sim. Zelima!....

Zel. Deixai-me: eu prezaria o vosso amor attendendo á vossa alta qualidade, digna da irmã de um Rei; mas vós deslustrais esta mesma qualidade, e não sois dignos de Zelima....

Sim. Como?...

Zel. Quem soffre em paz a affronta de uma repulsa não tem o coração nobre; e não se recobra a honra assim ultrajada senão com uma vingança estrondosa. O vosso sangue a exige, Zelima a quer como prova de vosso amor.

Sim. E que vingança? E intentais acaso estimular o meu coração? Quando nasci já trouxe impressas no meu peito todas as leis do pundonor; e as offensas feitas a Simão de Mello não as lava senão o sangue do offensor.

Zel. Mas Ataide vos affrontou tirando ao vosso merito uma recompensa, talvez, talvez que muito inferior a elle!... (*Sahe*).

Scena V.

Simão de Mello só.

Sim. Tem novos motivos a minha vingança, o primeiro no que se me nega, o segundo no que se me manda. E devo eu servir debaixo das ordens de D. Paulo de Lima? Assim o quer o Viso-Rei. Eu servir? Eu, que com o meu sangue rociei tantas palmas ganhadas como Governador em Malaca, e em Chaul como Soldado? O meu coração ferido de uma duplicada offensa não conhece outra lei, outro foro mais que o da vingança. Falta tudo aos Soldados, o estipendio, o sustento, a recompensa, as honras; eu os vejo dispostos á insubordinação, eu soprarei estas chammas; o crime publico será a minha vingança: seja esta ou culpa, ou virtude, eu a devo seguir; e se Ataide for desobedecido, ou morto, um grande delicto tambem dá nome a uma alma grande.

Scena VI.

(Representem vista de sepulcros dos antepassados de Tojar). Tojàr, disfarçado com um vestido de plebeo.

Toj. Deoses do Ceo! Só vos peço um momento que me torne memoravel ao gran-

de giro dos seculos, momento em que Ataide me veja, vencido sim, mas implacavel e tremendo. Oh liberdade oppressa, eu te devo ainda o extremo sacrificio! Hoje se há de immolar á victima, já está escolhida, e he tal que emparelha com a grandeza de minhas desventuras. Sombras de meus pais, vós que errando entre estes Cyprestes lugubres, esperais de mim este acto insigne, eu apparecerei ante vós com o famoso trofeo de um oppressor extincto. Se vós pranteais as cadeias da Patria, talvez o sangue deste barbaro despedace os seus ferros; e se ella deve ficar sepultada para sempre, fique em suas cinzas a cinza do seu vencedor!...

Scena VII.

Tojar, e Sezigambe entrando no mesmo sitio.

Sez. O' meus lacrimosos olhos, ou vos illudis, ou este he por certo o meu amado esposo!.... He elle! he elle! Ceos! eu vos perdôo esta crueldade do meu destino!.. Tojar, esposo!... (apressa-se para elle).

Toj. Que! Vive Sezigambe!... E pôde assim desobedecer a toda a força do meu ultimo preceito?

Sez. Ah! que propicio fado teve piedade de minhas desventuras, e te conduzio, cáro esposo, ainda uma vez ante meus olhos?

Toj. Aquelle mesmo a quem te quizeste oppor, quebrando o mais sagrado de todos os juramentos !...

Sez. Ouve....

Toj. Emmudece.... E tão preciosa he a vida dos infelizes que deva conservar-se a preço de um delicto? E não pôde a minha mesma desventura expulsar de teu coração uma fraqueza?

Sez. Senhor....

Toj. Não me dês esse nome, reserva-o para Ataíde, escrava vil, abjecta; offerece-lhe o pescoço ao vergonhoso ferro.

Sez. Elle he tão generoso que despedaçou as minhas cadeias, tratou-me como Rainha, e me deo a liberdade.

Toj. Sempre será vil a liberdade dada por aquellas mãos; e quem tem alma elevada aborrece uma vileza mais que a morte. Muitas vezes não se pode viver, mas sempre se pode morrer.

Sez. Tojar....

Toj. Sim, conheço em ti aquella indole baixa que he propria de teu pai, e de um sangue vil; eu não poderia esperar tanta virtude; a maldade dos pais tambem passa como herança aos filhos. Uma só culpa não constitue um scelerado, tu me desobedeceste, e a este primeiro delicto juntaste certamente segundo; conservaste meu filho para ultraje infeliz de um triunfo!

Sez. Não, Senhor, não, estes mesmos

tumulos escondem uma parte tão nobre das nossas entranhas....

Toj. Morreo o meu filho!... Portuguezes, diminuio-se uma grande parte do vosso triunfo, e grande sacrificio fiz eu a esta generosa virtude que se alverga em meu coração. Fiz um grande serviço á minha gloria, he preciso dar alguma cousa aos sentimentos de pai.... falle a minha dor; mas sem offensa da minha virtude.... Amado, e innocente filho, se a tua sombra anda errante entre estes funestos Teixos, e melancolicos Cyprestes, recolhe os meus suspiros. A tua morte he sensivel á ternura de pai; mas foi precisa á dignidade de Monarca!...

Sez. Oh Ceos! Meu esposo, eis se aproxima Melique a este retiro. Foje, Senhor, ao menos esconde ao seu temor o teu semblante.

Toj. Eu me escondo, sim: he intempestiva a morte quando nos resta uma acção grande que acabar na vida. (*Escondese*).

SCENA VIII.

Melique com Soldados, e Sezigambe em distancia.

Mel. O' lá, Soldados, destrua o nosso furor estas soberbas memorias, e orgulhosos monumentos de uma estirpe rebelde a Portugal; caião despedaçados, e fique confun-

dida no pó até a mesma memoria dos sepulcros.

Sez. Deoses immortaes! que escuto?... (*A' parte*).

Mel. Leve o rapido vento até estas mesmas cinzas infieis.

Sez. Ah meu pai! Oh Heroes Portuguezes! Ainda a vossa ira não está farta do nosso sangue, ainda vos não sacião as ruinas de Dabul? Que eis estendellá até ás sepulturas, quereis empregalla nestes frios e descarnados ossos, quereis afugentar estas sombsas? Quereis levar o vosso dominio até á mesma região da morte?

Mel. Não basta o sangue para fartar uma grande vingança: vive, e viverá sempre a offensa, em quanto não acabar o mesmo nome, a mesma memoria do offensor.

Sez. Ah! meu pai! lembrai-vos que a doçura deste nome até podia desarmar o furor do maior inimigo! Eu vos peço até por aquelle sangue illustre com que animastes o meu coração, por aquelles suaves carinhos que de vós recebi tenra menina pendente do vosso collo, por aquelles ternos beijos que em vosso rosto imprimia o meu filial amor; sim, eu vos peço que poupeis a esta desgraçada filha este tão cruel, e tão inutil ultraje, do qual não podereis colher um fructo que seja digno da vossa grandeza. Que pode temer Portugal nestas frias pedras? Que guerra fizerão estas sombras ao terrivel Ataide,

e a Melique Tanadar? Meu pai, eu vos peço esta ultima dadiva, e eu a peço com toda a força da agonia do meu pranto.

Mel. E chora a esposa de Tojar, o forte, o invencivel? Chore embora, não merece piedade!

Sez. Dizeis bem, Senhor; o pranto não he digno de mim, mais digno, e mais proprio será o furor.... serei feroz como os Portuguezes, dar-me-ha forças o odio: terei talvez por companheiro na defensa o alto genio de Tojar. Treme, Ataide, deste nome.... Ah! elle chegará cheio de fogo, e armado de ferro, qual tu o viste, e o vio Constantino de Bragança.... (*Com força*).

Mel. Venha, appareça este teu formidavel guerreiro, mostre aquelle rosto que uma fuga vilissima roubou ás nossas iras.

Sez. Terei por companheira a mesma morte, debaixo de cujo imperio dormem as sombras; terei as furias.... (*transportada*). Eu só, eu só, mais feroz que Tojar, menos injusta que o destino, mais funesta que a morte, defenderei estes ossos illustres. Chegai, barbaros, inquietai estes cadaveres! (*Tira o punhal que conserva dado por Tojar*).

Mel. Guerreiros, abatei estes indignos mausoléos. (*Para os Soldados, que começão a demolir*).

Sez. Tudo tentei em vão.... Materno amor, eu segui os teus conselhos; morra eu ás mãos de Tojar, e conserve-se o filho.

(A' parte). Ah! com que preço intentei poupar esta offensa cruel aos avoengos de Tojar!... *(Em voz mais alta).*

Mel. Que preço he esse?

Sez. O filho.... Oh Ceos!.... O filho de Tojar...

Mel. Que escuto!...

Sez. Ah! meu amado pai! será muito de pedra, será qual o de um Tigre o vosso coração, se me negais a dadiva preciosa da sua vida. ... Eu sou mãi..... Oiça-me o mundo, oiça-me a natureza, sou mãi.....

Mel. Entrega o filho, e depois pede.

Sez. *(Em voz muito alta)* Abrão-se essas negras estancias da morte. Ah filho! sahe de teu desgraçado asylo. Onde as cinzas achão descanço, encontraste tu a desgraça! Sahe do teu asylo, infeliz fructo de uma infeliz mãi!... *(O escravo sahe de trás de um tumulo com o menino).* Eis-aqui, ó Melique, eis-aqui o grande terror dos Portuguezes. Eis-aqui o ultimo resto daquelle sangue que tu aborreces. Quando temêrão as ferozes aguias as timidas, e fracas pombas? Que culpa commetteo este coração terno e innocente? Ah filho desgraçado! dobra os teus joelhinhos, beija os pés a teu grande avô! Não he vileza o que a fortuna obriga a fazer aos miseraveis. Este he, Senhor, o vosso neto, observai nelle os vestigios do vosso genio guerreiro. Acolhei-o como quizerdes, eu vo-lo entrego; mas acon-

selhai-vos com o vosso mesmo sangue sobre as suas desgraças. Vós tambem sois pai....

Mel. E tu não hes minha filha!..... (*Parte e o menino*).

Scena IX.

Tojar que sahe do lugar em que se escondêra, e Sezigumbe.

Toj. Perjura! He esta a fé que deves a Tojar? Quando te ensinou, e te inspirou a minha gloria tão baixos sentimentos? Assim guardaste para meu filho a grande honra de uma morte livre? Vai, vai, leva esse mesmo punhal ao verdugo Portuguez, mostra-lhe tu mesma a estrada mais facil, o caminho mais breve para aquelle tenro, e innocente coração; vai tu mesma, e involve aquelles pequeninos pulsos em ferreas cadeias..... Vai, ata tu mesma ao carro do feroz Ataide aquelle infeliz resto da minha estirpe ... Vai, expõe tu mesma teu filho aos ludibrios soberbos da indomavel Soldadesca Portugueza.... Vai, e diante do triunfador arvora tu mesma a bandeira do teu vilipendio.... Vai.... Mas fica, fica; eu afasto de meus olhos os horrores desse rosto cobarde, abominavel, funesso..... Um dia virá em que sombra tremenda, pavorosa, e sedenta de vingauça, te voarei em torno....

Eu mesmo te esperarei.... na habitação dos perjuros. (*Parte*).

Scena X.

Sezigambe só.

Sez. Acho nos Ceos, acho nos infernos a mesma crueldade! Estou dividida entre ambos!... Que demerito, que crime encerra em si a minha tão justa piedade? Desgraçado filho! O amor, o odio, ambos conjurados contra a tua vida, pedem e querem a tua morte. Meu marido me nega o nome de esposa porque te defendo, e meu mesmo pai porque te conservo me nega a honra de filha. O' fortuna, fortuna inimiga até da natureza, só uma profunda dor diz ao meu coração = Sezigambe, ainda hes mãi! (*Sahe*).

Scena XI.

Vista de pavilhão militar. D. Alvaro de Castro, e Zelima.

D. Alv. Zelima, hoje completa o destino a gloria Portugueza na tomada de Dabul. Nós vencêmos, e Melique acaba de descobrir, e captivar o filho de Tojar, ultimas reliquias da rebellião.

Zel. Oh Ceos! que escuto? infeliz! nem o seu pranto abrandará o feroz coração de

Ataide! *(á parte)*. Como, Senhor? *(para D. Alvaro)*.

D. Alv. Não sei. Elle será uma victima destinada á nossa vingança, e a vingança de uma rebellião não distingue a idade.

Zel. Ah Senhor, por aquelle amor que vós dissestes que meus olhos accendêrão em vosso coração, salvai, salvai, eu vos peço, este ultimo fructo de um tronco illustre, e tronco de que tambem eu procedo: eis-aqui a primeira, a unica prova que eu exijo do vosso amor.

D. Alv. Eu me empenharei com o Viso-Rei, empenharei todas as minhas rogativas, a minha authoridade, os meus assignalados serviços para obter o que me pedis, e até empregaria mais alguma cousa.... que a tanto me obriga a vossa formosura.

Scena XII.

Os mesmos, D. Luiz, e Melique trazendo o menino pela mão.

Mel. Eis-aqui, Senhor, o ultimo ramo daquella planta funesta, rebelde ás triunfantes Quinas. Uma piedade o escondia, uma mais justa piedade o descobrio; abatei esta frente que he ré dos crimes de seu mesmo pai, e assegurai a conquista que acaba de fazer o vosso braço.

Zel. E de que culpa he réo este desditoso?

Mel. Cala-te: a herança das culpas paternaes tambem sobre elle desafia o castigo.

Zel. Mas os crimes de Tojar não se communicão com o sangue a seu filho.

Mel. Quem encerra nas veias um sangue infecto, não o pode sarar, deve derramallo.

Zel. Seja embora réo, mas que se pode temer de uma idade tão debil, e tão tenra?

D. Alv. Ah Melique! os heroes de Portugal não bebem nas taças de seu triunfo o sangue innocente, e misturado nesta pequena creatura talvez com o leite que o sustenta.

D. Luiz. Viva o filho de Tojar, a natureza, e a innocencia dispensão nelle o que deve á vingança Portugueza. Melique, eu o confio ao teu cuidado, e responderás pela sua existencia.

Mel. Ah! a ultima setta da minha vingança suspendeo-se nos ares! *(A' parte).*

Zel. Esta acção da vossa clemencia he o mais illustre loiro que vos adorna a frente no meio de tantas victorias.

SCENA XIII.

Simão de Mello, com alguns Soldados, D. Luiz, e D. Alvaro.

Sim. Um Soldado veterano he bem que descance. Já que um Fidalgo como eu não pode obter o premio das victorias de Malaca

aqui deporei a minha espada; estes meus Soldados animados dos mesmos sentimentos já que tem com a força do seu braço sustentado o Sceptro Portuguez no Oriente, exigem a recompensa que lhes he devida, o soldo que o Estado há tanto tempo não satisfaz, ou a sua absoluta demissão.

D. Luis. Que nome deve dar o Viso-Rei da India, o Conde d'Atouguia, a este tumultuoso ajuntamento? Se sois Soldados, onde está a vossa obediencia? Se sois Portuguezes, onde está a vossa fidelidade? E appareceis assim na minha presença? E Simão de Mello he um conductor de facciosos! Socegai-vos, e se vos não contem a authoridade deste bastão, conter-vos-ha a força desta espada.... He Luiz d'Ataide quem a empunha. *(Arranca meia espada).*

Sim. Tambem a minha espada saberá ferir, e de um só golpe vingará muitas affrontas.

D. Luis. Não sois Fidalgo .... sois um vil.... *(Arremete).*

D. Alv. Suspendei-vos, Senhor. Não vingue D. Luiz de Ataide as offensas feitas ao Viso-Rei.... Oh lá, Soldados, retirai-vos; Alvaro de Castro vo-lo pede, Portugal o manda; não funesteis a victoria que alcançais, sereis satisfeitos. Meu inclyto pai empenhou um só cabello da barba, e obteve thesouros, eu empenho a minha palavra, quando Goa vos vir triunfantes vos verá satisfeitos, e recompensados.

(Vão-se os Soldadas, e Simão de Mello, lançando-se com dissimulação aos pés do Viso-Rei, e depondo a espada).

Sim. Senhor, perdoai o meu transporte: eu fui conduzido pela tropa amotinada; violentou-me, fui ameaçado, foi preciso ceder. . . .

D. Luiz. As injurias feitas ao Conde de Atouguia estão esquecidas, as faltas contra o Viso-Rei da India, Portugal as vingará. Ide-vos, Simão de Mello. . . . *(Vai-se Simão).* Quanto alterna a fortuna os trances da nossa vida! Acho nos inimigos a victoria, e nos Portuguezes a rebellião! Eis-aqui o maior desar á gloria do meu triunfo! Mas os bens, e a ventura de Luiz d'Ataide; estão dentro, e não fóra de Luiz d' Ataide; e uma sublime virtude, unico bem a que podemos chamar nosso, não depende do soberbo arbitrio da sorte. He sempre grande, sempre feliz um coração virtuoso. Com a virtude tenho quebrado a roda da fortuna, e he mais gloriosa a victoria, que acabo de alcançar de mim mesmo, que a ruina de Dabul. . . . Vamos, Alvaro de Castro. *(Sahem).*

Scena XIV.

Vista dos tumulos. Sezigambe suspendendo Tojar que lhe quer fugir.

Sez. Suspende-te, caro esposo; para que he tanto rigor? Não vez, não descobres em mim a metade do teu coração?

Toj. Sezigambé!...

Sez. Ah! Chama-me esposa; este nome he mui digno do meu coração, he mui digno do meu amor. Abre, Tojar, abre o meu peito, gravada verás nelle a imagem do teu rosto.

Toj. O teu peito devia guardar com mais submissão as minhas leis.

Sez. Tu me accusas de duas culpas; a primeira de viver; mas esta não he minha, he de meu pai, que me suspendeo o braço quando empunhava o ferro fatal, e hia a vibrar o ultimo golpe. A segunda he só culpa minha; vive o teu filho; mas se peccou o amor, quanto são dignos de perdão os delictos do amor maternal!

Toj. O demasiado amor he uma grande culpa em uma mulhes de illustre sangue, na mulher de Tojar.

Sez. Eia, pune, castiga em mim este delicto, morrerei contente, morrendo em tuas mãos; mas ao menos... Ah caro esposo... ao menos antes de fulminares o terrivel gol-

pe, detem teus olhos sobre o meu pallido semblante, e dize quando deste seio vires correr meu sangue: — Sezigambe, eu te pe do... então verás sahir tranquillo de meus tremulos e desmaiados labios o meu ultimo suspiro... *(Prostra-se aos pés de Tojar).*

Toj. *(A' parte)* Grande força tem o arrependimento de uma mulher no coração do esposo que a ama!

Sez. Eia, Senhor, fere, fere uma escrava, não te lembres que he Sezigambe, que he tua esposa. *(Mostra-lhe o peito).*

Toj. Natureza, venceste.... venceste em fim o desgraçado Tojar.... Vive, Sezigambe, vive, ultimo resto da minha desvanecida grandeza; vive, e este abraço te dê a paz que me pedes, e que tu mereces no meio de tantas desventuras. Vive, mas como deve viver a esposa de Tojar, e se te apraz o meu amor, mais te deve aprazer ainda a minha gloria.

Sez. Apraz-me a tua gloria, sim, amado esposo. Mas dize-me que profundo designio te tem demorado entre estes tumulos? Não sabes que estão assombrados das vencedoras Quinas, e rodeados de tantas espadas sequiosas de teu sangue? A tua vista me he mais que tudo amavel; mas que terrivel não he para o meu coração o teu perigo! O Viso-Rei acaba de entrar na Cidade, dos seus muros te podem descobrir; cede, Tojar, cede á fortuna, e separa-te destes

lugares; eu fico, porque se me não arranca do coraçã a esperança de recobrar meu filho.

Toj. Não devo ceder á fortuna, devo seguilla. Eu devo ainda a Dabul uma acção grande; e um Rei sem o throno deve antes buscar uma illustre morte, mais ainda que uma vida abjecta e desprezada.

Sez. Ah! meu esposo, não te exponhas, tem dó de Sezigambe, tem compaixão de teu filho!

Toj. Esposa, deixa que eu obedeça ao meu destino; não suspendas com teu pranto a minha heroica resolução. Desde estes tumulos vai um caminho subterraneo aos jardins do meu Palacio; só eu possuo este segredo; tu me vês disfarçado em vestidos, não sou o Rei de Dabul, sou um plebeo. Eu me vou esconder neste subterraneo, e sahindo na parte mais recondita de meus jardins, esperarei que o destino me proporcione occasião de embeber uma setta no coração do feroz Ataide.... Vai, espera o que de mim dispõe o Ceo; talvez eu vingue de um só golpe as injurias da fortuna, e quebre os grilhões da India escrava, livrando-a destes monstros do ultimo Occidente. Ou eu viva, ou morra, guardarei sempre eterna memoria do teu amor. Esposa, adeos; talvez que este sombrio caminho me conduza a um dia de gloria, e pode ser que Dabul resurja ainda do mesmo sepulcro das suas cinzas.

Adeos, consorte, adeos. (*Vai para o subterraneo*).

Sez. Amado esposo, adeos.... Se Tojar vai morrer nesta empreza, permitti, justos Ceos, que eu o acompanhe na mesma sepultura!

ACTO TERCEIRO.

SCENA I.

Vista de jardim; Tojar entre as arvores com arco, e settas.

Toj. Ou me chame a gloria, ou me arraste o destino, Tojar chegou a um porto, onde o espera ou a ventura, ou a morte. Eu espero que o feroz conquistador venha entre estas mudas e solitarias sombras dar tregoas á indispensavel agitação de seus tumultuosos pensamentos, e venha talvez lisongear-se com as soberbas, e vaidosas idéas do seu triunfo; e talvez tambem que aqui mesmo a minha justa vingança lhe possa preparar a sepultura. Seja culpa, ou razão, isto me apraz, e o meu odio dá toda a justiça a este necessario golpe. Venha a morte

vingar o assassinio de um Viso-Rei: venha, a morte tambem me apraz. Se uma grande acção tem apparencia de um delicto, para quem o commette a morte he um bem, pois lhe tira o tempo para a vilèza do arrependimento. Fortuna, eu te perdôo todas as tuas injustiças, e calco aos pés aquelle mesmo throno de que tu me derrubaste, se sustentares o meu braço, e dirigires com acerto este golpe, que me fará para sempre feliz, se me deixar de todo vingado. *(Occulta-se).*

SCENA II.

Simão de Mello, e Zelima.

Sim. Senhora, falhou o meu golpe, eu buscava no publico descontentamento, promovido por mim, a satisfação da minha affronta; não me quiz ser propicia a sorte.

Zel. Uma alma grande não divide com outros a honra da vingança.

Sim. Se falhou o primeiro golpe, não se extinguio ainda em mim o primeiro odio.

Zel. Um odio, que se deixa envelhecer, enfraquece. Não esperes em paz que se vingue Ataide. A espada está pendente sobre o teu pescoço; não te exponhas tranquillamente ao seu furor, segue a começada empreza, vinga as tuas offensas; e se esta desgraçada tem sobre o teu coração algum imperio, vinga tambem as injurias feitas ao meu

sangue. Sei que o nosso commum inimigo entrará daqui a pouco neste jardim; embebe no seu peito, em silencio, aquelle ferro, que não podeste empregar em publico.

Sim. Sim, Zelima, morrerá o soberbo, ceda uma vez a fidelidade Portugueza á justiça da minha causa, e á grandeza da minha affronta. Retira-te, eu aqui fico entre estas arvores; nunca me escondi da face de meus inimigos; mas a qualidade deste contrario não pede um peito descoberto.

Scena III.

Simão de Mello de um lado do jardim, e Tojar de outro lado, escondido, e mudo; mas que seja visto do espectador.

Sim. Eu devo á minha memoria uma illustre vingança. Entre as minhas acções, talvez seja esta a que dê mais brado; um delicto plebêo obscurece a fama; mas sempre he grande o nome de uma culpa illustre. *(Esconde-se).*

Scena IV.

D. Luiz d'Ataide, e os mesmos.

D. Luiz. Demos algum repouso aos tumultuosos pensamentos que me agitão. Que insupportavel pezo he o do commando! Com

quantos sobresaltos se compra uma victoria! Que terrivel espectaculo he para os olhos do conquistador a sua mesma gloria! Talvez seja um crime; pois não he por certo uma virtude vir deliberadamente perturbar a segura tranquillidade, e independencia das Nações!

Sim. Eis o injusto Viso-Rei; e evitará agora a minha ira? *(A' parte).*

Toj. Eis o destruidor soberbo do meu Reino. Fortuna, permitte que eu quebre de um só golpe as cadeias da India! *(A' parte).*

D. Luiz. Em que lutôs estará o Tejo envolto pela desgraçada morte do Rei! Não era sem um presentimento da sua ruina, que eu lhe dissuadia a fatal jornada! Este meu novo commando foi um castigo do meu zelo!...

Toj, (Preparando o arco). Numes tutelares da minha usurpada capital, vingai vós a minha affronta! *(A' parte).*

Sim. (Chegando-se por detrás ao Viso-Rei para o ferir). Que mais devo aguardar?...

(Tojar d'entre as arvores despede uma setta contra o Viso-Rei, fere Simão de Mello, que já está proximo a elle, e cahe).

Toj. Caia o tyranno....... Oh! Golpe infausto. *(Foje).*

D. Luiz. (Arranca a espada) Oh lá Soldados! Traição, traição! Ferido de uma setta Simão de Mello! Segurai o traidor que foge!...

Scena V.

D. Luiz, Melique com alguns Soldados Portuguezes seguindo Tojar; e Alvaro de Castro segurando já Tojar.

Alv. Deixa as frechas, ou a vida.

Toj. Não, eu não cedo tão vilmente um ferro costumado a beber o sangue dos Portuguezes.

D. Luiz. Deixa as settas, gentio... Ceos! Tojar! Pois eu vingarei esse sangue de que se tem fartado o teu ferro; elle será o instrumento da tua morte.

Toj. Sim, eu sou o Rei, e Senhor de Dabul, vê, e treme ainda: vê que troféo te lança hoje aos pés o destino. Eu defendo a liberdade, o throno, a patria, o meu paiz contra um estranho que os usurpa. Que farias tu, General, se eu me conduzisse em uma armada á foz do Tejo para captivar, e demolir essa soberba capital, que assusta o Oriente, sem que o immenso Oceano seja uma barreira ás suas pertenções, e ás suas armas? Eu defendo-me a mim mesmo quando empunho as armas contra os meus oppressores.

D. Luiz. Não juraste obediencia ao Estado Portuguez? Quem te desligou do pacto ajustado? Porque arvoraste o estandarte da rebellião? Eis-aqui o que eu vim castigar.

Demais, como poderias tu fartar a tua vingança, ou recobrar o teu Reino, ferindo, ou ainda mesmo matando um Capitão particular como Simão de Mello?

Toj. Elle recebeo indevidamente o golpe; por quanto eu destinava um mais digno sacrificio á perdida liberdade da India. A ti buscava unicamente a minha vingança. Enganou-me aquella fortuna sempre injusta, sempre caprichosa em se oppor ás obras grandes, e illustres. Assim mesmo não falta a gloria ao meu golpe; se elle resvalou, tu eras o seu alvo, e o seu objecto. Tu poderás ser triunfador; mas não serás sempre invulneravel.

Alv. Captivo, e em cadeias, ainda Tojar he terrivel! *(A' parte, admirado).*

D. Luiz. A sorte da guerra se decidio a nosso favor; tu tens pelejado como forte: uma negra traição deslustra todas as tuas acções; com o golpe vilmente desfechado tu te declaras meu pessoal inimigo, e não de Portugal. Cahis e a meus pés, e a meu arbitrio está o teu castigo. Mas eu não julgo pelos dictames de uma cega vingança, a Lei julgará. Melique, a cujo sangue hes unido, e que se tem conservado em constante fidelidade á Coroa Portugueza, será o teu juiz; eu o escolho, e eu o determino.

Toj. Saia da boca de Ataide, ou da boca de Melique o raio exterminador, que me reduza a cinzas, eu o receberei com o mesmo

coração; e até a mesma morte talvez beije com respeito a escura foice tinta no meu sangue. Entrará minha alma, mas não vil, pelo reino das sombras, e comigo levarei ainda o ultimo vislumbre da minha não bem extincta liberdade; não contaminará o meu odio o inferno, eu lá o conservarei, e ainda lá serei o inimigo de Portugal, e de Ataide. (*Sahem, ficando D. Alvaro*).

Scena VI.

D. Alvaro de Castro só.

Alv. Fortuna, fortuna, tu serías uma inimiga toleravel, se fossem mais moderados os teus odios; mas qual a tempestade arrebatada pelos ares, que não pára em seus insanos impetos, sem que abata, e escache as mais robustas palmas, assim tambem não socega o furor da tua ira em quanto resta uma só gota daquelle sangue que sujeitaste aos teus odios. Tu queres o sangue de Tojar, hoje será derramado; foi Rei, e não deo mais que um passo do throno para o cadafalso. Farta-te, insolente fortuna! Ah! quanto errou quem te pintou cega; jámais erras um tiro, uma vez que determinas um alvo! . . . . (*Parte*).

Scena VII.

Sala destinada para se proferir a sentença de Tojar: Melique sentado em uma cadeira, e diante delle Tojar com guardas.

Mel. Tojar, o teu castigo satisfaz a ira celeste. O titulo mais agradavel aos Deoses he o titulo de justos. Levanta-se muitas vezes o impio; mas se elle se elleva, he para serem mais ruinosas as suas quedas, mais estrepitoso o seu baque. Rasgou a fortuna a sua venda, e hoje, como devia, fixou a sua roda. Cahiste, e as tuas culpas pedem altamente o teu supplicio. Dize-me, ó soberbo Tojar, que razão póde justificar aquelle furor com que dissolveste os vinculos da alliança, e da obediencia devida a Portugal? Pozeste o Reino de Dabul em campo, pizaste aos pés os sacrosantos tratados, infringiste o direito das nações; a tua mesma infidelidade he quem te accusa. Dabul foi entrada, e tú fugiste; isto era uma cobardia; mas não era um delicto. Porém a maior infamia de teus crimes he aquelle sacrilego golpe que dirigiste contra o Viso-Rei, e ferio Simão de Mello. Eu me esqueço agora como teu juiz das minhas particulares offensas, dellas não te arguo; he preciso que emmudeça o odio particular, quando a causa publica pede uma vingança. Que respondes?...

Toj. He vileza a defensa contra as accusações de uma culpa illustre. Não allego as minhas razões diante de um tribunal indigno de um juiz incompetente, aviltado com a traição da Patria opprimida, e baixo, e vil adulador da tyrannica fortuna Portugueza.

Mel. Quem despreza a sua defensa, renuncia á clemencia, e falta com razão um defensor áquelle atrevido a quem agrada o seu delicto.

Scena VIII.

Os mesmos, e Sezigambe que chega a tempo de ouvir as ultimas expressões que profere Melique.

Sez. Não falta um defensor a este heroe, em quanto não faltar Sezigambe. Senhor, de que culpa he réo este infeliz prizioneiro? a sua gloria he o seu delicto! Acaso he crime ter quebrado os ferros da sua patria, e ter subtrahido a cerviz ao pezadissimo jugo das Quinas Portuguezas? Que direito deo o Ceo ao Tejo sobre a India, e sobre Dabul? O Ceo dividio Portugal da India com o immenso Oceano. Porque Vasco da Gama quebrou as barreiras que a natureza tinha posto ao atrevimento dos mortaes, segue-se que Dabul deva ser uma escrava de seus atrevidos, ou afortunados successores? Não cabião os Portuguezes na terra que os vio nas-

cer, e que o destino lhes marcou para morada? Seja embora; mas contentassem-se com as possessões que tinhão na Africa. Quem lhes deo direito para quererem dominar como Senhores em todos os paizes da Asia? Elles tem mudado nossa religião, tem abatido os nossos Idolos, e até por ordem da sua mesma Corte tem despojado os nossos veneraveis Pagodes. Que lhes fizemos para tratarem os Reis como escravos, e os povos como rebanhos? Tudo he licito a quem repelle a oppressão injusta: se elles podem atacar Tojar, porque não ha de poder defender-se Tojar? A justiça poz nas mãos de Tojar o ferro, e elle obrou, e executou tudo aquillo, que de nós exige o justo, e natural desejo da liberdade. Mas de balde trabalha a virtude se tem de lutar com o destino, que quasi sempre se interessa a favor do mais poderoso. Ficou vencido. E que resta a um infeliz mais que o pensamento de uma vingança illustre? Eis-aqui o que elle buscou. Ataide devia aplacar com o seu sangue tantas vidas augustas, que ainda não estão vingadas. Falhou o golpe. E chama-se réo o oppugnador da tyrannia soberba? O propugnador da perdida liberdade, e o vingador, o vingador dos nossos profanados altares? Como defensora de Tojar tenho fallado a um juiz iniquo, e incompetente; agora he preciso que falle ao amor de um pai a filha de Melique. Meu pai (eu creio que o

odio ainda vos não despojou deste nome): volvei os olhos para este rosto, onde já não ha outro bem mais que a vossa imagem, e escutai os votos dos meus mesmos olhos; não ha linguagem mais entendida pelo amor que a linguagem do pranto. Não queirais que conheça o mundo que aquelle mesmo que me deo o sangue me derramou o sangue. Tojar he o meu coração, não pode uma espada violar aquelle seio sem que penetre o meu coração. Não descerá Tojar á sepultura se eu não for com elle. Não funesteis, Senhor, com tanta crueldade o seculo em que existimos. prostrada a vossos pés, deixai, que vos beije a dextra.... (*Melique retira a mão*). Oh Ceos, negais-me a vossa mão? Ah! Não negareis os pés aos meus filiaes e humildes osculos..... Eis-aqui um terrivel castigo para aquelle espirito ver a melhor parte de si em sua mesma presença, prostrada aos pés de seu mesmo inimigo! Ah Senhor! vós tambem sois seu pai. Elle se revestio do caracter, e do nome de vosso filho naquelle momento em que me deo a mão de esposo. Piedade, Senhor, piedade, eu não deixarei de abraçar estes pés em quanto me não concederdes a vida de Tojar. Tantas lagrimas correrão de meus olhos, que desarmarão, Senhor, as vossas iras..... Valei-me.....

Mel. Não desarmarás..... A razão do meu odio não acaba; Tojar deve morrer. O

seu crime pede este castigo, sua perfidia o merece, e o sangue de Simão de Mello, tão aleivosamente derramado, clama aos Ceos vingança. Tojar descerá aos infernos sombra funesta, livrará o mundo da sua presença, e será um sacrificio que talvez aplaque sobre as margens do Indo o furor das espadas Portuguezas. *(Sahe sem olhar para Sezigambe).*

SCENA IX.

Tojar, e Sezigambe, e Soldados.

Toj. Bem castigada deixou Melique a cobardia de Sezigambe! E assim se avilta a mulher de Tojar? Forão baldadas as supplicas servis, e com quanta pena soffridas pelo meu coração! Amo, e quero muito mais a morte que uma vida alcançada com a vileza do pranto.

Sez. Ceos! Eu não me podia persuadir que te offendesse o meu piedoso amor! Ah Tojar, Tojar! de todos os meus dias bem depressa terei por algoz a minha magoa! Sezigambe não saberá sobreviver a Tojar; um mesmo ferro acabará duas vidas, que não podem, nem devem permanecer separadas. *(Sahem).*

Scena X.

Tojar só.

Toj. Baixos affectos do coração, e do sangue! affectos da humanidade! Tocastes em fim a alma de Tojar, só vós distinguis o homem forte dos Deoses immortaes; e o homem forte se distingue do fraco e do vil em vos saber domar. Eu vou, eu vou afrontar a minha morte com intrepido semblante, ella me espera. E não saberei eu morrer um momento, depois de ter sabido viver tantos annos? Com a minha constancia cancei a fortuna, com a minha constancia vencerei a morte. E até no escuro abysmo imprimirei vestigios do meu odio, e da minha vingança! (*Sahe com os guardas*).

Scena XI.

Zelima, e D. Alvaro de Castro.

Zel. Se Zelima não falla, falta a Tojar a melhor defensa.

Alv. Não, Zelima, não aproveitarião as tuas palavras; Melique já proferio a inexoravel sentença; hoje mesmo o seu sangue deve lavar a mancha da sua perfidia, e da sua aleivosia; o sangue Portuguez pede vingança.

Zel. E he de tanto preço, de tanto valor o sangue de um só Portuguez no mundo, que se lhe deva tão grande sacrificio? E o pranto de Zelima não acha acolhimento, não acha piedade na grande alma de Alvaro de Castro?

Alv. Ah Zelima, Zelima! podesse eu arrancar das mãos ás Parcas o terrivel, e medonho ferro! Tojar he teu irmão, e este titulo o torna menos culpado aos teus olhos!

Zel. De ti pende a sua sorte. No commando das Tropas tu hes agora o segundo depois do Viso-Rei, ás tuas ordens estão as guardas que prendem Tojar; e uma fuga a elle o livraria do vilipendio do cadafalso, e a mim do funesto luto que nunca deixará a minha alma.

Alv. E ousas tentar de vileza a Alvaro de Castro? Amo-te, Zelima, e se o teu amor exige o meu sangue, por ti derramarei o meu sangue. Mas que Reinos, que Imperios, que Senhorio universal do mundo póde obrigar ao filho de D. João de Castro a que falte a si, á fé, á Patria, e á honra? Ah! Zelima, Zelima! quanto te illudes. Sou amante; mas que infinita distancia vai desta affeição a este nome....

Zel. Que nome?...

Alv. Portuguez!... (*Sahe*).

Zel. Nada á minha alma resta mais que o furor que me devora! Não ha esperança; só resta uma dor que não acaba de matar-me!

Scena XII.

(Representem um lugar junto ás muralhas, destinado para sepultura de Simão de Mello). Tojar com cadeias entre Soldados, e Sezigambe que lhas sustem.

Toj. Deixa, amada Sezigambe, deixa que eu só arrastre toda a crueldade do meu destino. Estas cadeias nada diminuem nem a força, nem a grandeza de meu coração, elle me basta para lutar com a morte.

Sez. Consente, meu amado, permitte que esta infeliz esposa exercite este misero officio do meu amor até ao extremo passo. . . . . Eu desfaleço . . . . a minha alma assoma toda aos tremulos labios. . . . . Ah! talvez espire antes que o meu esposo acabe!

Toj. Sezigambe, coragem! Eu morro, e nesta hora extrema a minha honra me concede que eu dê algum momento ao caracter de pai, e de marido. Eu morro, Sezigambe, eu morro; e aqui te deixo com o titulo de serva! Eis-aqui a unica lembrança, que me torna horrivel a morte! . . . Tu choras? . . . Não me opponho ao teu pranto, poria o teu coração em mui apertadas angustias se eu quizesse encadear as tuas lagrimas em teus olhos. Chora; mas não seja a dor a causa do teu pranto, seja a raiva, seja o odio. Tambem, tambem a raiva, e a

vingança espremem lagrimas, e estas são paixões mais dignas de uma alma grande. Perdoa, esposa, perdoa a offensa que o teu ternissimo amor soffre com esta virtude que assenhorea minha alma. Amei-te ainda no meio das minhas iras: aquellas expressões duras sahião da minha boca com todo o tormento da minha alma. Se eu com ellas feria tua alma, acceita em satisfação metade da minha morte.... Sezigambe, eu morro, e deixo o meu nome á gloria, o sangue á Patria, e ati.... ati... o amor....

Sez. Fique a quem não deva seguir-te a herança preciosa do teu amor,... porque sem Sezigambe não entrarás no imperio da morte....

Toj. Vive, Sezigambe.... A morte voluntaria he um vil recurso a quem não basta o coração para soffrer a dor das suas desgraças. Vive, eu to mando, e vive para o nosso innocente filho.

Sez. Oh Ceos! Oh natureza! (*Com muita dor*).

Toj. Vive, assim o pede aquelle sangue, assim o pede aquella idade. Mãi amorosa, tu o guarda. Pize elle a estrada da gloria por aquelles vestigios que eu nella deixo impressos; elle conhecerá que são meus, porque são grandes. Sirva escravo a Portugal; mas de sorte que a mesma fortuna se envergonhe da sua servidão. Pareça-se comigo nas obras, e não no grande ultrage do destino.

Quando o apertares no seio, lembra-te que unes a elle a mais terna parte do meu coração. Chama-o ao teu collo algumas vezes com o nome de Tojar. . . . Talvez lhe agrade este amoroso engano de amor! . . . Sezigambe. . . beija então o seu rosto. . . . Sezigambe! . . adeos. . . adeos. . . . Com este ultimo abraço me despeço de ti. . . tu vive em paz . . . . adeos. . . .

Sez. Ah Tojar! Ah Tojar, e porque não morro eu neste extremo abraço! . . .

Toj. Vai-te: o teu coração não poderia soffrer o horror do golpe fatal; e eu desde o cepo em que inclinar a cabeça, volvendo para ti os moribundos olhos, talvez trahisse aquella virtude feroz, que já me vai accusando de excessiva ternura. . . . Sezigambe, vai ao cadafalso, tens coraçao varonil, vai, e observa alli toda a minha fortaleza. . . . Vai, que eu te prometto que o meu espirito antes de subir ás regiões immortaes venha duas vezes pousar sobre o teu rosto, e palpitar ainda sobre o teu seio. . . . (*Retirão-se para trás, e haja mutação de scena*).

Scena 13.ª e ultima.

(Toca huma sinfonia triste.)

D. Luiz d'Ataide, Alvaro de Castro, Meliquè, Sojas em guarda, Veriyamlo; e Zelima e Zaida.

D. Luiz. Aonde em Heroes Portuguezes invencivel Pacheco, formidavel Almeida; e Valente e magnanimo Albuquerque, espanto da Asia, inveja do Mundo, pequeno e estreito theatro para a tua fama, Albuquerque, Albuquerque, o mais dos Portuguezes [illegible], Albuquerque, Albuquerque depois de cuja vida se não tem visto mais a Patria de Grecia; e Roma; elles em todos illustrissimo, Grandissimos Portuguezes, injuriou [illegible]! Os Heroes Portuguezes não tem comparação se não em si mesmos; elles tem sem sangue nobre de Ulisses de Heitor, Romanos que dizem e mais que temem em Malaca! Recebei almas illustres este ultimo officio do nosso amor. Com esta Portugueza triunfa. Luiz d'Ataide vai vingar algumas injurias que soffer[illegible].

Fim.

tirânia o sangue de filhos será hum sacrificio, huma offrenda á vossa grande memoria.

Mt. Cinzas augustas de meu excelso Pai, desde cá das margens do [illegible] entre os [illegible] de linho lançamos sobre a vossa lapida [illegible] e estas palmas.

Mt. Senhor, he tempo he tempo de fazer deste esposo a sem vingança. [illegible] com aquella injusta affronta [illegible] ultimo sacrificio.

Zel. Senhor; não melhor fazer huma morte que he minha: quando elle fere sinal de [illegible], defender-me a vós.

D. Man. Como . . .

Zel. Senhor; aquelle fero Capitão antes de exhalar a alma soberba, declarou com franqueza o seu delicto. Elle te bania por rebeldia, expulsa a morte, quando a sala de [illegible] [illegible] na terra. Eu cobiçoi, he de minha a culpa da sua morte, e da tua vida.

Mt. Pois vaia esse sangue das tuas veias. elle satisfaz a injuria de [illegible], e satisfaz o seu [illegible].

Zel.

Sez. Sim Portugal teme perdi- de de Sojas, tirou do Mundo ate o [illegible] ro de Graça e Tejo. Corta Ataide, corta a- quella cabeça, e tu Pastor Pai, ve tran- quillo espectaculo da sua morte. Corta, cor- ta, alma vai assim, e quando vires [illegible] mar aquelle sangue, bebe, bebe, aquelle [illegible] sangue. [illegible]

D. Luiz. Neste ponto (Gentio) da tua vida, dize me, se eu fosse vivo deteriorias tuas culpas, e [illegible] tu [illegible] e que entre [illegible] chegarias [illegible] vin- gança.

Soj. Chegaria até onde chegasse o injusto usurpador de Reinos estranhos, e o impio tyranno da liberd.e da India. Faria cançar a morte nos tormentos e quando eu visse cançado no seu supplicio, morte o meu [illegible] altivo [illegible] da [illegible], então, então [illegible], deixa- rios os teus lacerados membros pasto das feras, e das Aves; [illegible] até da extrema [illegible] de [illegible].

D. Luiz. [illegible] com [illegible] sentimentos que anima o generoso cora- ção de hum peito Portuguez. [illegible] So-

velos o teu inimigo, suspenso a justiça; o mun-
do applaude esse memoravel golpe. Comtudo
não he assim, a Fortuna, o Ceo, e a Natureza,
teu mesmo Sogro, teu juiz te condemnão, es-
tás condemnado a morrer... E quem é esta
que te absolve? (Ficão todos suspensos...)
Com huma só palavra elle te dá a Mulher
o filho, a liberdade, o Reino. Isto basta á
minha gloria. Mas como á ferocidade do
teu odio nada basta, e só anhelas beber o
meu sangue... Tens este baixo punhal...
(tira da cinta hum punhal, dá-o a Tojar, q.
não o acceita.) Eis aqui o peito do Vice Rei da
India, não como Vice Rei, mas como Luiz d'
Ataide; farta, sacia todo o furor do teu o-
dio pois Tojar, pelas entranhas de Luiz
de Ataide, despedaça e eu te absolvo de mi-
nhas e do respeito devido a este bastão, e a es-
ta Espada; só te peço Tojar (pega da sua
espada o Conde d'Atouguia) só te peço, que
guardes a submissão, a fé e obediencia, que
deves a Monarquia Portugueza... Hé hum
Nume Tojar! Hé hum Nume, e se dá so-
corro, levantando hum braço para a Asia
disser aos seus raios, que caião sobre a In-
dia, verás retroceder o Ganges, sumir-se o In-
do,

do, fugir e recuar, e balanço falê.
e acaba só a victoria . . . . .

Rez. Oh! magna incrivel! } à parte
Roj. Oh! nação generosa! }
Sel. Tanta virtude em hum vencido!
D. Lui. Levantaivos.
Roj. Senhor! Senhor! Eu não condemno já de injusto o fado que te lança ao Rei os sceptros, e as coroas vem e teu famozo braço igual foi com os summos Deuses ao imperio do Mundo, porque tens no peito huma Alma igual aos Deuses. Condemno sim o meu detestavel odio; e eu o abato, eu o deponho aos teus pes. Portuguezes invictos! Com quanta satisfação e com que nobre soberba, eu me revisto hoje do caracter de vosso servo! Já que os vossos Heroes, tem tanta virtude, o melhor dos Imperios, he obedecervos.
D. Lui. Eu considero o mais excelso lugar dos meus triunfos conquistar para a Patria hum coração como o vosso.
Roj. E eu tremendo, adoro contrito a augusta imagem do Soberano de Portugal, e sobre esta dextra, na qual está hu-

seguro o destino do Imperio Portuguez
me permitte ou pede eterna fé, e eter
na vassallagem?

D. Lui. Sobre as ruinas, que supponho
extinctas do antigo odio, eu te abraço
vassallo de Portugal, o Rei de Dabul.

Mel. Na presença do Vice-Rei do
incomparavel Ataide, e destes formidaveis
Guerreiros, te offereço em Meliqueo
o genro, e a Deligambe o Pai.

D. Lui. Eis aqui huma dadiva, de
que não se desprezaria Carlos 5.º em Madrid,
nem Cesar em Roma. Aqui tens
Rei de Dabul, aqui tens a espada de D. Lu-
is d'Ataide (dalhe a espada) vê de quantos
louros, de quantas palmas me tem
cingido a frente. Vê esses fios, de que
pendêo o destino do Oriente, beija-a
que he minha. Sabe, que se a desem
bainhares contra Portugal, voltará contra
teu mesmo peito os seus penetrantes
gumes; cinge-a Tojar, e quando pe
lejares com ella, a lembrança do meu
nome te faça vencedor.

Tojar. Oh magnanimo Heroe! O
teu Coração he tão virtuoso quanto
he invencivel o teu braço!

D. Lu.

D. Luiz. Portuguezes, se assim fordes sempre, sereis sempre invenciveis. (Sai entre palmas no fim do palco.)

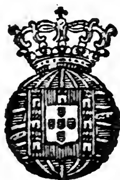
Fim.

O SEBASTIANISTA
DESENGANADO A' SUA CUSTA.
COMEDIA

COMPOSTA POR

JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO.

Representada oito vezes successivas no Theatro da Rua dos Condes



LISBOA:

NA IMPRENSA NACIONAL;

ANNO 1823.

PESSOAS QUE FALLÃO.

Pantaleão Velho	.	Pai de
Sebastiana	. . .	Amante de
Bento Alpoim	. .	
Nunes	. . . . .	Bachareis
Louro	. . . . .	Bachareis
Rozendo Peres	. .	Amigo de Pantaleão.
Guimar	. . . .	Criados de Pantaleão.
Alonso Gallego	. .	Criados de Pantaleão.

[illegible]

ACTO PRIMEIRO.

SCENA I.

Pantaleão, e Sebastiana.

Pant. SIM, Senhora, eu não preciso pôr oculos para ver que a sua idade já lho pede; a minha casa o necessita, e toda esta minha fazenda he sua, e lhe pertence, e quanto eu tenho de solido; mas eu não quero peralvilhos embonecrados; comer o que eu morejei por esses Sertões comendo carne de macaco, e enxugando as tripas com uma escudella de farinha; só uma pessoa da minha estofa, e abotoadura; e ainda mais, Senhora minha, para seu unico marido eu quero uma pessoa dos meus sentimentos, quero um pé de boi, Portugal velho, e se for da minha mesma profissão, será mais do meu gosto; Piloto como eu, que fiz a viagem do Maranhão trinta e nove vezes; Piloto, e mais Piloto, e se tiver uns dois dedos cá dos meus estudos particulares, etc..., melhor ainda; eu quero que se ennobreça a famila, e descen-

dencia dos Pantaleões com um descobridor da Ilha encoberta....

Seb. Sim, Senhor da Ilha encoberta.... eu já vejo aonde se encaminha todo esse aranzel. O meu esposo ha de ser um ratazana, um ginja, uma cascata, um desses originaes da antiga tarifa, e em cima de tudo isto Piloto!! Bem conheço onde vai recahir a sua escolha! Guimar não me enganou que pescára a sua conversa com esse besuntão do Senhor Rozendo; que acerto! He pé de boi, e não sei se terá mais alguma cousa do mesmo animal. He um tartaruga de cabelleira redonda, pescocinho obrigado, tomador eterno de simonte, tido e havido por um chapado Sebastianista; centurio e estafermo do adro das Chagas; explicador de profecias no monte de Santa Catharina.... Que joia! Pois olhe, meu pai, antes irei dar a ossada nas Monicas.

Pant. Eu não aturo insolencias. Sua mercê anda com essa cabecinha pelos ares. O Senhor Alpoim he muito Doutor; pois creia que não me embaça. Diga-me a Senhora que caderno era aquelle que lhe estava lendo quando cá veio outro dia com os conhecimentos das saccas de arroz, que ainda o pilhei com a boca na botija? Havia ser — Os Sebastianistas — que he o livrinho da moda, feito por aquelle menino!... Sim, Senhora, com as quatro proposições-zinhas, que são quatro peccados que bradão ao Ceo; e só pela ul-

tima merecia elle o Inferno: chamar-me tolo nestas honradas bochechas! Pois agora lhe digo que ninguem ha de ser meu genro, senão o meu amigo Rozendo Peres em vindo desta viagem; nada de tarecos.

Seb. Não se cance, nem me faça infeliz, enlaçando-me com um rameloso! Os meus dias desgraçados, e a negra sorte com os longos dedos mirrados. . .

Pant. Eu he que a hei de mirrar a V. m.; não me replique; recolha-se ao seu quarto, e em logar de encher a testa de rebuçados para se pendurar assim das janellas, vá cuidar em me deitar uns fundilhos sobre-postos naquellas cuécas; e olhe que eu não quero obra de fancaria; ponto miudo, e quero-o apertado.

Seb. Amargurada vida! Noivo Piloto, e Sebastianista!. Antes morrer. Eu vou dar comigo nas Monicas. . . .

Pant. E lá lho dirá a Prioreza! Retire-se; olhe que lhe mego o espinhaço. . .

Scena II.

Pantaleão, e Rozendo.

Roz. Senhor Pantaleão, que he isso? Desordens domesticas são escandalosas; a vizinhança murmura; um homem perde o seu credito; o povo falla, e nada se remedêa; eu ainda ouvi parte: que tem os fun-

dilhos das cuécas com as Monicas? V. m. quer dar um estado violento á rapariga; se não vão por sua vontade, ainda que seja apertado, ellas logo lá o fazem largo.

Pant. V. m. não percebeo bem: erão perrices daquella Senhora; mas eu lhe quebrarei o fado, e mais os ossos. Anda doidinha: o Senhor Bento Alpoim faz-se com terra; mas eu lhe farei comer terra a um, e mais ao outro; a sorte está lançada, e V. m.

Roz. Esse negocio he de costas de cima, e costas de baixo; pede maduras reflexões; a minha vontade está prompta; mas eu quizera antes ver passadas estas geraes tribulações, e pôr a cousa a direito, e depois involto no contentamento universal fazer resaltar mais ainda a ventura a que V. m. me destiná com a mão da Senhora Sebastiana.

Pant. Ah Senhor Rozendo, já estivemos mais longe: esta calva luzidia não se esconderá na sepultura sem que os meus olhos, e os seus, lombriguem a face do Encoberto.

Ros. E quem pode duvidar dessa verdade? Qual he o Profeta que minta? Tão poucos são os prodigios que tem apparecido em a nossa idade desde o cacho com barba até a gema com letras? ha de estalar a castanha na boca áquelle malevolo, áquelle incrédulo, áquelle impio; o escandaloso li-

vrinho ha de ser queimado, e bom sería que o deitassem tambem a elle na fogueira: eu sempre queria ouvir-lhe dar um estoiro como uma castanha, ou uma bomba, então he que se ficava conhecendo a feitiçaria delle, quando se lhe vissem saltar os novelos.

Pant. E quem o duvída? Pois o Encoberto he algum panga? O Encoberto não sabe ler? O nosso amigo Padeiro d'Alfama, quando lhe desappareceo a Egoa das de casta do Encoberto não lhe mandou o livro, e não tivemos já resposta do guarda roupa, que elle tinha lido aquelles disparates? Oh espantoso castigo! Eu já me offereci para carrasco.

Roz. E eu tambem farei uma perna: nós temos que fallar, e cousa de ponderação teza: eu apanhei um grande expositor do Pretinho do Japão, e segundo alguns textos, e a muita nevoa promettida este anno no Sarrabal, o Encob rto não tarda, e por todo o meado de Outubro he com nosco: recolhamo-nos onde a rapariga nos não oiça, nem a ladra da cozinheira, que tem ouvidos de éthica; os nossos mysterios não são para as orelhas dos profanos; e vejão os incrédulos, e o melcatrefe do livro impio — Os Sebastianistas — as nossas esperanças realizadas, quando as julgarem mais desvanecidas....

Pant. No meu escriptorio....

Scena III.

Louro, e Nunes.

Lour. Amigo Nunes, nós somos Bachareis; mas os logares de letras são para quem as tem; nós se algumas temos, e possuimos, são poucas, e gordas, e por esta repartição pouco negocio faremos; com tretas se vive tambem, e estas tem sido os nossos Goyazes; muitas aprendi eu daquelle amigo, que manqueja, e por elle conheci que a industria he a mãi da boa ventura nos Pinetes de profissão: a industria he a verdadeira mina do caroço; corpo direito, e industria he o timbre dos cavalleiros andantes, e ha uma ordem de Cavallaria chamada dos cavalleiros de industria tão honrados como as grandes aguias da Legião de honra, que cá estiverão.

Nun. Triste industria, amigo!... se pilhamos á força de labia, e dissertações de alta politica um café, e uma torrada em um botequim, pode um homem chegar com isso até á noite? A fraqueza, e convulsa debilidade das nossas pernas repara-se momentaneamente com uma filippina? Mas em fim as nossas privações não são momentaneas como dizem os nossos periodicos. Os recursos estão exhauridos, não ha jantar de mófo que não tenha escapado ao rigor dos nossos calculos,

e recuar uma carta no botequim da zanga he pôr o pescoço no risco de uma gargantilha, e o corpo todo de uma camisa de onze varas. Não ha, de que lançar mão mais que da industria. A força descoberta traz comsigo alguns pequenos inconvenientes, como verbi gratia, o limoeiro, as galés, e essa bacatelinha da forca. Eu já estive para me lançar no partido do theathro; mas a platéa, amigo! a platéa!... he inexoravel, e até caprichosa, gosta de mortificar. Eu vi ha tempos um exemplo terrivel: vi um heroe Grego em terra; o grande Temistocles, que bateo os Persanos, foi batido na comedia! Pareceo-me cousa de Generaes Francezes, que vencendo, fazendo, e acontecendo pelo alto Norte, em chegando a beber no Tejo, adeos tactica sublime: ainda vi mais do que isto; quando esperava que a mesma platéa fosse condescendente com um tão condescendente Protogonista, foi essa noite a noite da intolerancia; não ficou banco são, e deo mais estampido a pateada que as bombardas de Nelson em Trafalgar.

Lour. Nada de theatro; eu te podia citar o nosso Horacio, e dizer-te — isto he cinza que tem braza por baixo. O partido de novelleiro deo em droga. O povo tem adquirido um tal instincto que sempre ás cantigas dos cegos ajunta o estribilho — mente. Os periodicos estrangeiros são estereis; para fallarmos em Bonaparte, isso he o mesmo

que fallarmos no diabo; para contarmos patranhas do Sul Peninsular, por mais que ateimemos com os gloriosos dias de Bailen, mais pelas tralhas, ou mais pelas malhas, tudo vem a dar em fogo ao Trocadero, Puntal, e Navio Paula, e al não disse. Se a gente se mette em discursos de sua casa, e Politica botequineira, mandão-lhe tornar a falla ao buxo. Em fim; industria; tolos não faltão, e comer á sua custa he o primeiro brazão de um cavalleiro da nossa ordem. Os annuaes, e as joias vão escaceando muito no Compromisso do silencio, e trolha.... He preciso proteger sem estrondo, que a isto se chama refinar o methodo Francez.

Nun. Pois eis-aqui o que me traz hoje a casa de Pantaleão Velho, e o fim para que te pedi me acompanhasses, apezar de haver homens tolos, e taludos, como eu vi em um livro chamado o Armazem das Sandices, que erão os Alfredistas, os Alchimistas, os Bonapartistas, sempre assento que os maiores são os Sebastianistas, e muito maiores ainda os que defendem os Sebastianistas, protestando que o não são.

Lour. Isso he verdade, porque o mundo ainda não sentio correr por si tamanha enxurrada de asneiras, como as com que se desencabrestavão os apologistas da mania esperançosa. Porém tu não conheces o caracter de Pantaleão Velho? Não sabes que he sovina como um mineiro, e duro como um

usurario? Não sabes que á força de especulações economicas deo no projecto de quærer mandar envernizar as coxas para poupar calções!

Nun. Tudo sei; mas he Sebastianista; mas he tolo, este he o fraco, e o barco faz agoa por esta costura, e he por aqui que dois gatos como nós lhe podemos ir ás filhozes. Por ventura este homem que até o Natal passa a sardinhas, e a farinha de páo, não banquetêa os seus amigos diante do retrato do Encoberto? Deixa-me com elle; vai comigo, approva o que eu disser; nem só os nossos amigos Francezes tem os seus golpes de mão, tambem nós os temos.

SCENA. IV.

Os mesmos, e Pantaleão.

Lour. Senhor Pantaleão Velho, nós não vimos interromper as suas meditações, e especulações, conhecemos que he esta a hora do estudo mercantil, e quando nos gabinetes das partidas dobradas se trata de algodão, anil, arroz, e coiros, cessa tudo o que a antiga Musa canta; mas quando ha negocio que urge, tambem devem cessar os mais.

Pant. Negocio! Palavra creadora! Negocio!.... Os tempos estão alcançados, e

calamitosos, até que venha um dia, que eu cá sei, um dia.... (*Com ar de inspirado*).

Tras dos tempos tempos vem,
E hão de vir uns tempos novos;
E estes tempos já 'stão perto,
E eu terei nabos, e ovos
Em chegando o Encoberto,
Cinco duzias um vintem.

Nun. (Que perfeito sandeo! Este he o homem que nós buscamos!) (*A' parte*).

Pant. Se he emprestimo só com grandes penhores, e fianças se pode emprestar a duzentos por cento ao mez.

Lour. (Bagatella! Que tal he o corsario? He mais protector que nós somos). (*A' parte*).

Pant. Se he commissão de Ilhas até para a Encoberta, eu não acceito senão a trezentos por cento. Suas mercês não vem esses mares coalhados de Argelinos, além das avarias grossas, e miudas?

Nun. Não, Senhor, não he esse o objecto da nossa missão; coisa mais alta, mais comprida, mais grossa, mais taluda, de maior churume, proveito, e gloria para todos.

Pant. Eu não conheço coisa mais teza, e volumosa, de mais churume, e proveito que o dinheiro; não ha para mim mais gloria que o interesse, nem sei que coisa seja mais alta que altear quando ha fome, ou fazella com o louvavel monopolio, o preço

dos meus grãos, e mais fazenda; mas em fim oiçamos, como he negocio....

Nun. Os tempos estão chegados, Senhor Pantaleão, e nós conversámos ha dias no alto de Santa Catharina....

Pant. Estou lembrado, e ainda espero daquelle poiso em certa manhã ver apparecer coisa que ponha o sal na moleira áquelle patife.... eu quero ver onde elle se some, mais o librote que trata dos máos Christãos .... ah lingua cervina!...

Nun. Essa lingua ha-se-lhe virar a traz, sim Senhor; nós os crentes.... Quem tal diria em Lisboa! A nossa fé foi atacada.

Pant. Adiante.... Se eu não estivera como estou na falsidade de uma letra que me impingírão hoje, para rebater a setenta e dois e um quarto, (que o Encoberto não tarda para punir o insolente) já essa magoa me tinha feito espichar o rabo....

Nun. Não importa; he preciso que haja incredulos para se acrisolar a nossa fé, e firmar a nossa esperança. Ella está cumprida, Senhor Pantaleão *(abração-se)*. O Encoberto está sobre as nossas costas, a Armada Veneziana passou no Algarve, assim como lá passão muitas cousas; algumas pessoas a vírão passar ao mar de Faro, e ao Nordeste de Tavira, e hia tão empavezada! Ha cartas fidedignas, assim o houvemos dos nossos correspondentes, porque ninguem tem cartas de mais recente data que nós temos.

Pant. O coração não mente; elle me pulava ha dias; menos mentem as profecias; e outro dia indo eu ao meu quintal vi que me nascia uma alma nova; vendo completa aquella profecia que diz:

Olha bem para a figueira
Se tem botão,
Já vem chegando o verão;
E a gallinha mette a mão.

Nun. Sim Senhor, sim Senhor, chegou o verão, e tambem chegou o Encoberto!..

Pant. Que me diz, Senhor Doutor Nunes?

Nun. A verdade nua, e crua.

Pant. Onde está sua Magestade?

Nun. Perto.

Pant. Como?

Nun. Encoberto.

Pant. Para que?

Lour. (Para nada) *(á parte).*

Nun. Para certos fins.

Pant. E poderei vello?

Nun. Se tiver fé....

Pant. Fé de mais; Senhor Nunes.

Nun. Fé com obras.

Pant. As que quizerem.

Lour, (Temos homem) *(á parte).*

Nun. E mais dinheiro.

Pant. Ah Senhor, não tenha por mais tempo suspenso o meu espirito; olhe que estou impando; custa-me a tomar folego. Eu, os meus cabedaes, a minha vida, tudo

está prompto. Afortunada velhice, que te conservaste tão teza até á vinda do Encoberto. Oh malvados, os que o fizerão morto na batalha! Pois o Encoberto podia morrer? Ah Senhor Nunes, eu lhe peço como amigo que não vá badalar este segredo a ninguem; não o saiba esse vilhaco, esse desalmado do authorzinho do livro — Os Sebastianistas — eu quero que o pilhem de supito. Diga-me já; quem traz o Encoberto comsigo?

Nun. As dez Tribus de Israel, e Salmanazar.

Pant. Ouvi dizer que erão doze!

Nun. Assim he, mas faltárão transportes para tanta gente.

Pant. Não diga transportes, Senhor Nunes, os nossos Profetas não fallão assim, diga cavallos de madeira.

Nun. Sim, Senhor, cavallos he que são.

Pant. E os mastros não são páos de sovella?

Nun. Maiorzinhos alguma cousa.

Pant. Questão de nome. Vamos ao essencial; v. m. mente.

Nun. Mente!... Se minto, Senhor Pantaleão Velho, he mesmo pela boca dos seus Profetas. Se minto, minto pelos olhos dos que vírão a esquadra, e mais os cavallos. Se minto, he pela lingua dos que já fallárão ao Senhor Encoberto. Se minto, e torno a

mentir, minto-me a mim mesmo, Senhor Pantaleão; já lhe fallei.

Pant. Fallou? Aonde?

Nun. Em Cascaes.

Pant. Quando?

Nun. Para hontem lhe amanhecer.

Pant. Em que idade vem?

Nun. Na mesma.

Pant. Traz barbas?

Nun. Até á cintura.

Pant. Vem os dois leões de que reza a Certidão?

Nun. Ficárão a bordo.

Pant. E como saltou elle em terra?

Nun. Incognito.

Pant. Oh feliz Pantaleão! Serão teus olhos dignos de ver o Encoberto! Serás tão venturoso, que vejas o seu desembarque em Belem! A sua entrada triunfal pelas portas da Cruz, que ainda que estão em terra ellas se levantarão em um instante! Beijarás tu a mão a seus dois filhos, os Senhores Infantes D. Garcia, e D. André; sim, eu o acompanharei até Marrocos, onde se ha de coroar Imperador! Eu verei a Africana christã, e verei a Turcana largar a casa santa. Eu verei de um Tezo a batalha do Campo de S. Braz. Eu verei o grande ladrão deitar pela boca fóra aquella alma barrenta, e ha de ser a páo, e depois de acabada esta tremenda sova, então se tratará com mais vagar do authorzinho do livro — Os Sebastianistas. —

Eu já estou vendo
Assado, e cozido
Em pez derretido,
Em chumbo fervendo

Tudo ha de ser se Deos quizer, la nesses dias de Jeremias.... Estou louco, estou inspirado!... toda a cantiga do Preto do Japão se me derramou nas tripas... Para que são cá os Exercitos, se o ladrão mestre ha de vir morrer alli?...

Nun. Devagar, Senhor Pantaleão Velho. Deixe estar os Exercitos; bom he um pão com um pedaço. E se o ladrão escapar do Campo de S. Braz, não será bom que os Exercitos lhe fação um cerco? O ladrão não escapou já do Egypto por uma unha negra?

Pant. Quaes Exercitos! o Egypto he lá como o Campo de S. Braz, ou elle escapa lá das unhas do Encoberto? Pois então o Encoberto conserva-se ha duzentos e trinta e dois annos para panal de palha, ou para matar Bonaparte? Coitadinho! Cuidou que se benzia com o casamentinho! Quebrou os [illegible] os narizes! He expresso nas Profecias.... A Madre Teresa Joaquina assim o diz: João dos jantares assim o confirma, não he o Mourinho de Granada, he o Mouro de Barbaria, e o grande Profeta Antonio Coelho, que á boca cheia o attestão.

Ou vá por diante
Ou fiques atraz,

Tu has de morrer
No Campo de Braz.
Com a espada de Affonso
No seu talabarte,
Virá o Encoberto
Matar Bonaparte.
E Pedro de Frias,
José de Anchieta,
Tambem dão a morte
Ao gordo Maneta.
E em Villa Viçosa
A' Porta do Nó',
Um risco na cara
Levará Junot.
E á boca da noite
Dessa mesma tarde
Faremos em postas
O Padre Lagarde.

Nun. (Este diabo está doido!) *(á parte).*

Lour. (Todos assim são.) *(á parte).*

Nun. Ora, Senhor, a respeito do Padre Lagarde era bem pregada, mas por ora suspendamos os nossos transportes, e....

Lour. Isso he verdade, tudo se faz com tempo. Eu hia a hi com o Senhor, quando lhe fallou, por que em fim tudo nosso he de meias, e assignamos juntos; ouça V. m., porque elle traz commissão importante, e vem encarregado de uma expedição secreta.

Pant. Secreta?...

Lour. São termos dos Jornaes, E nós os politicos....

Pant. Peior um pouco!

Nun. Ora, Senhor Pantaleão, V. m. não ignora que tudo está annunciado; eu me tenho dado á intelligencia dos Profetas Sebasticos, e os mysterios me forão revelados; eu tambem metti o olho pelo buraco que as sovelas fazem nas viras. Outro dia de tarde estava eu só no adro das Chagas meditando um dos nossos Oraculos, e não podia atinar nem *attentar* com a intelligencia do seguinte texto:

Depois de nove
Juntarás um,
Outro te dou de barato,
Se houver quem te reprove
He insensato.
Se vires o Gavião
Deixar o ninho,
Sahir do mar o Golfinho
A buscar flores,
Ouvirás muitos tambores.

Por mais que quebrei a cabeça; pois olhe que he dura! não atinei; fui desesperado para casa, e assim me deitei parafusando sempre; era alta noite, e a prateada Lua... eis-se começa a mover o ar, e andar tudo á roda comigo, e por entre o espesso negrume começa de me apparecer uma encorreada cara de cordovão.... no mesmo instante conheci Gonçallo Annes Bandarra...

Pant. O cabello se me arrepia!

Nun. Bagatella; V. m. ainda não ouvio

nada; ora ouça: continuou a surdir a tal cara, e apparecer-lhe um pescoço tão comprido....

Punt. Ai!...

Nun. Espere.... abrio uma boca tão negra, e uns dentes tão amarellos, e disse: „ Filho, o tempo chegou, o Encoberto está entre cabos, e de cabos a dentro, e vem dar cabo de tudo. Tu não pescaste o meu texto, eu to explico. — Anda cá, Nunes: nove com um quantos são? — São, são dez, Senhor Gonçallo: — Em que éra estás tu, Nunes? — Em oitocentos e dez. — Ahi tens o Encoberto nove e um dez. — E então, Senhor Gonçallo, para que he mais um de barato? — Para algumas miudezas: sempre que cortei atanado, deixei uma pollegada de mais da medida. Dize, Nunes; quem he o Gavião? — He Bonaparte, que he ave de rapina. — Que ninho he esse que elle deixa? — Eu não sei, Senhor Gonçallo. — He a sua primeira, e honradissima mulher, que para elle foi ninho de guincho. E quem são os Golfinhos? — São os Inglezes, que sabem do mar. — Quem são as flores que elles buscão? — São os Francezes que erão flores de Liz, que em os apanhando fazem-lhe o cabello castanho, assim como fizerão no Vimeiro. Ahi andou o Encoberto, não andou, Tio Gonçallo? Andou, sim andou, nós fallaremos a esse respeito. Que tambores são esses? He o zabumba do Encoberto?

— Adivinhou. Ora pois vai a Cascaes que te quer fallar; espera-o no penedo da Guia. —„ E desappareceo a visão, deixando um fartum de cerol que tresminava.

Pant. Morro de gosto! Oh Sebastiana! Oh Guimar, tragão Carcavellos, Porto, Chamusca, Barra, a Barra...... mas não, deixem estar, iremos ás ostras do Rocio que he agora o petisco, e lastro da moda. Oh gloria não esperada! Oh Pantaleão, que serás tu? Conselheiro? Sumilher da Cortina?...

Lour. Mais, mais....

Nun. O que for soará. Eu fui, eu lhe fallei, communicou-me segredos importantissimos. e mandou-me depois um Commissario das munições de boca para se prepararem armazens de viveres no Campo de S. Braz, e certo na sua fidelidade, no seu amor ao Encoberto, me entregou uma letra de dois contos, e tantas cousas, para se apromptarem estacas para cavallos, palha, algumas cabeçadas, etc. sacada sobre V. m.

Pant. Sobre mim! Oh que ventura! Acceito, e pago á vista. Venha a letra, e vamos ao meu escriptorio.... Na fórma da lei?... cavallos, palha, algumas cabeçadas, estacas, são generos do paiz, e colonias.

Lour. (Cahio.) *(A' parte).*

Nun. (E mais que fóra; e então para que he elle Sebastianista, para ter juizo?) *(A' parte).* Devagar, Senhor Pantaleão; a

letra aqui está, mas eu não recebo o dinheiro „ que V. m. o entregue na mão do Commissario „ são palavras da ordem; todo o Sebastianista he homem de boa fé, nada que cheire a enganos. Elle vem esta noite á praia da Junqueira de voga surda em uma lancha dos cavallos de madeira; a querer ir em nossa companhia.... e se não.... Vá V. m. só, lá verá, lá ouvirá, lá lho dirão, lá tratará o que quizer.

Pant. Essa he grande! Pois eu não conheço a firma do Commissario do Encoberto? Tão poucas são as minhas transacções para a Ilha encoberta!

Nun. Nada, nada, não recebo o dinheiro, ahi está a letra....

Pant. Vamos ao meu escriptorio, e lá trataremos do que convem.

SCENA V.

Sebastiana, Guimar, e Bento Alpoim.

Guim. Senhora, Senhora, seu pai está entretido com aquelles dois besuntões, que alli estiverão a cassoar com elle; era negocio encoberto; tomara que lhe pregassem um mono, que o escaldassem bem! O Senhor Bento mandou-me dizer por aquella contrabandista, que cá vem ás escondidas, que lhe queria fallar.

Seb. Eu tremo, Guimar, eu não abro a porta com o pai em casa.

Guim Eu ouço tenir dinheiro lá dentro no escriptorio, e em elle estando a mexer nos balestros, nem se levanta, nem ouve Peças de artilheria que se disparem aqui nesta sala: mais de uma hora leva elle a fechar a burra, e pelo que eu espreitei, elles estavão aqui com conversas de Sebastianistas, e em elles começando com esta diabrura, pegão-se como bestas muares; certamente elle sahe pela porta de tras, e vai dar comsigo no alto de Santa Catharina, porque está uma nevoa que he metter os dedos pelos olhos.

Bent. Dentro já eu estou, bella Sebastiana, teu pai está seguro, são dois commissarios do Encoberto....

Seb. Guimar, que me trahistes!...

Guim. Pois se V. m. he uma ataranta-da, se não for assim, não falla ao Senhor Bento.

Bent. Socega, meu bem; ouve-me, não te assustes. O meu affecto chegou ao furor depois que soube das disposições testamentarias de teu pai, a mania Sebastica como contagio infernal o tem contaminado; quer quanto antes enlaçar-te com um monstro, porque he de sentimentos similhantes aos seus; eu quero prevenir a minha, e a tua desgraça, um nó que se não desata, corta-se; esta violencia evita-se.

Seb. Como?

Bent. Fugindo á oppressão, e realizando as nossas nupcias; e que remedio se lhe daria? Elle atiraria coucés, pregaria com a cabelleira fóra; mas passado o primeiro furor, o mar em tempestade tambem acalma, e o tempo tudo amacia.

Seb. Ah amado Bento, a minha paixão engrossada por muitos annos me obrigaria; mas abandonar um pai, incorrer na sua indignação, desafiar as suas maldições, cobrillo de luto e de opprobrio, dar um estampido em Lisboa.... eis-aqui obstaculos invenciveis; o amor, e o respeito filial me suspendem....

Bent. As novidades por estrondosas que sejão durão só tres dias; nós vamos a tramar eternos laços, o fim he justo, he honesto, não he novo, e um similhante fim do matrimonio justifica os meios. Hes tu a primeira filha, que deixa um pai rabugento, sovina, e em cima de tudo isto, o que he ainda peior que tudo, Sebastianista? Que triste galé sería a tua acabar de um pai Sebastianista, e casar com outro Sebastianista, e andar de Profetas para Profetas, como de Herodes para Pilatos! Se tiveres filhos serão educados no Sebastianismo, e assim se irá perpetuando a raça interminavel Sebastica até á decima sexta geração, sem se atenuar tal prole! Atalha com um só passo tantas desgraças, berre o velho, e sejamos felizes.

Seb. He pai....

Bent. He Sebastianista.

Seb. E que he isso?

Bent. He ser tolo.

Seb. Mas deixallo, e casar-me contra sua vontade não he remedio, e querendo curar-lhe a tolice, ficaria inda mais asno, e mais pateta.

Bent. Mas he calo, he surra, não te manches com a ingratidão, não vás nos braços do sebento Rozendo finar meus dias, e enlutar para sempre a tua belleza.

Guim. Não gritem tanto; V. m. tem razão, o Senhor tambem a tem; eu que não sou nada a seu pai, já o não posso aturar, e estou em casa por amor de V. m., senão já me tinha posto ao fresco.

Seb. Que triste alternativa! Se fecho os ouvidos aos suspiros de um amante, cahi no inferno de um Sebastianista, se sigo o amante, deixo o pai; o meu coração se divide, minha vontade de vacila, as minhas supplicas não aproveitão.

Guim. Suma-se, Senhor Bento, sinto rumor, e V. m. recolha-se, he seu pai que sahe do gabinete com os dois ratazanas; ande, Senhor desça já, e devagar que elle tem ouvidos de éthico, e certamente me racha se me apanha em alguma ratada.

Scena VI.

Pantaleão, Louro, Nunes, e Guimar.

Pant. Senhora Guimar, Senhora Serigaita, que bulha era esta? Essa sua lingua he o moto continuo. Tanto taramelar, e olho não vejo ninguem!

Guim. Era o Alonso que veio vasar. V. m. não sabe que he surdo, e que para lhe dizer qualquer cousa, he necessario abrir-se a gente toda dos peitos? De tudo V. m. se espanta, e os dedos lhe parecem hospedes! Esteve ahi a grazinar que vira uma gemma d'ovo com um Rei pequenino, com um arrocho nas mãos, e que por tres dias de choco mais não picou a casca.

Pant. Insolente mexiriqueira! Podes chasquear com essas cousas? Ovos reaes pedem mais respeito, e são mysteriosos. O Senhor Alonso tambem se mette a demonstrador dos ovos, que trazem em si, e são causa de tantos prodigios.

Guim. Tambem elle disse que era freguez da casa, e que a dona lho mostrou, e que lá hia muita gente a quem ella o mostrava, e que havia cachação para lho verem.

Nun. Senhor Pantaleão, isso he cousa que tem dado brado, e Lisboa se amotinou; mas para nós já cessou o mysterio, porque temos presente a realidade, e poucas horas

faltão para que V. m. participe da maior ventura a que um mortal póde ser levantado. O segredo, a circumspecção devem dirigir seus passos: apenas derem onze horas da noite, V. m. estará aqui á esquina de Santo Amaro, alli virá o aviso, eu, e o Senhor Louro passearemos na praia até á hora aprazada, e ou eu, ou elle traremos a noticia; o meu alvoroço he grande, e o seu contentamento será extremo.

Pant. Devo levar armas?

Nun. Hum Portuguez velho, e que vai fallar a outros Portuguezes ainda mais velhos, não deve apparecer sem a sua espada; e que tenha sabor antigo; nada destes alfinetes da moda; espada de brigar ao longe, copos redondos, e fundos, cruz, e guardas de crescer.

Pant. Tenho uma columbrinha com onze palmos, e vinte e oito pollegadas de folha Alemã, e ha tradição que fora de Lopo Barriga, e que bastantes estripára por toda a Mourama.

Nun. A genealogia he boa! Isso he que queremos, que o mais não he decencia, he parálvilhice.

Pant. Pois, amigos, serei no posto: vou contar o dinheiro, e algum levarei de mais porque será preciso brindar a gente; o meu cabedal foi muito bem ganhado, e muito bem se emprega. A's onze em ponto... Em Santo Amaro. Ceos! Que prazer! Le-

vou o diabo Bonaparte. O Encoberto veio! E o authorzinho do livro — Os Sebastianistas? — Ah! Cão! a tua pelle servirá para um zabumba, o primeiro que sôe nos Exercitos do Encoberto; quando te esfolarem vivo, veremos então quem he mais tolo, se hes tu, ou somos nós? Amigos, até logo.

Scena VII.

Louro, e Nunes.

Nun. Que estragos faz a demencia! O Sebastianismo he uma verdadeira doença. Quem arrancaria um real a este homem! Nós vamos ser senhores de bons tres mil cruzados ainda esta noite, e então á vista disto parece-te impossivel que houvesse quem fiasse prezuntos até á vinda do Encoberto, e que o Padeiro d'Alfama arrisque o pão até á mesma vinda?

Lour. Agora nada me parece difficultoso neste genero. A leveza que esta canalha tem em acreditar!... Tem guela de pato, goella elastica, engolem tudo sem exame. Um homem, que acceita uma letra do Commissario do Encoberto, e apresentada por dois Vampiros incognitos como nós somos, que se separa da sua querida burra, que deixa a casa ás onze da noite, e que se aventura a apparecer solitario na praia da Junqueira com tres mil cruzados em um sacco,

esperando por um bote, sem exame, sem escrupulo, e então uma harpia destas, cevada com carne de macaco pelos sertões do Maranhão, deixando antes tirar um olho da cara, que um real d'algibeira; que muito que creia o Bandarra, o Preto do Japão, as Madres Leocadia, Teresa Joaquina, e e a batalha do Campo de S. Braz, e tudo quanto diz a Certidão, e o — A — pernas acima, e a trovoada das trovas assoalhadas pelos papas-jantares! Assentemos que um Sebastianista he o maior de todos os tolos. Amigo, vamos ao Freixo, e ceêmos bem, que nunca sabe tão bem como quando se papa á custa alheia.

ACTO SEGUNDO.

Scena I.

Pantaleão, e Rozendo.

Roz. Amigo Pantaleão, eu não posso approvar a sua determinação. V. m. o homem mais prudente, o mais cauto, e até o mais rijo dos feichos que conheço, aventure-se a um tranze arriscado, sem mais averiguações, sendo aliàs tão escrupuloso em negocios de nenhuma entidade! Conhece acaso os dois tratantes, que trouxerão a espantosa novidade, e a inda a mais espantosa letra do Commissario?

Pant. Conheço perfeitamente: são dois Bachareis formados ambos, crentes como eu sou, e V. m. tambem he, que esperão a morte de Bonaparte, a quem tem agora um odio figadal, e que vírão já com seus mesmos olhos o Encoberto.

Roz. Todos o que dizem, e tem dito, que vírão o Encoberto, mentem. Mentio o barbeiro de Carcavellos, por alcunha o Namorado,

que disse o tivera em sua casa, e curára da cutilada que trazia sobre a sobrancelha esquerda. Mentio outro barbeiro de Setubal, que disse lhe dera de beber por uma borracha, vindo para Arzilla na tarde da batalha, e que vindo embuçado descobrio a cara para beber pois vinha esganado á sede. Mentio João Craveiro, que disse o víra em França, indo-se lá curar de alporcas. Mentio um Frei Anselmo de tal, que disse lhe dera em Sagres um registo da Senhora d'Arrabida. Mentio um militar da Villa de Peniche, que disse o acompanhára por uma rua sem travessas, e que repentinamente lhe fizera *vispere* sem entrar para casa alguma. Mentio Diogo de Souza, que disse lhe fallára uma noite de chuva no Campo de Santa Clara. Mentem todos os que dizem lhe fallárão em Veneza: e V. m. dá crédito a dois Cavalleiros andantes? Quer cahir em alguma logração? Por ventura foi supposta, ou inventada a historia da carta no bucho da pescada? Não era isto capaz de enganar um Santo?

Pant. Amigo Rozendo, a sua fé não he fé de veras. Diga-me V. m. se acaso sabe logica, porque he cousa que sempre ignorará quem se atreve a impugnar os Sebastianistas: O Encoberto ha de vir, ou não ha de vir? Ha de apparecer, ou não ha de apparecer?

Roz. Ha de vir, e ha de apparecer; agora quando....

Pant. Quando? Uma vez he a primeira.

V. m. não está em 1810? Não vê Portugal ajuntando a cabeça com os pés? Quem está annunciado nas Profecias para lho indireitar?

Roz. O Encoberto.

Pant. Pois se este he o anno em que ha de vir o Encoberto como se mostra pela força do consoante dez, e pés, quem lhe disse a V. m. que o Encoberto nao está entre Cabos, que não fallou aos Bachareis, homens de tão profunda Politica, que até adivinhão a futura desmembração do Reino de Zipangri, que não he a letra do Commissario geral da palha sacada sobre mim, e que finalmente eu não tenho communicação com o mesmo Commissario? Mais logica, meu amigo Rozendo, mais logica.

Roz. Ora pois o Ceo permitta que a sua logica não lhe tire uma boa maçada, natural consequencia destas permissas. Esta acquisição ainda he peior que a perda infallivel do seu dinheiro: he certo que um conto e duzentos não lhe faz a V. m. falta; mas duas, ou tres costellas estoiradas he alguma cousa; a vergonha, e a confusão ainda he mais. Diga-me, Senhor Pantaleão, pois o Encoberto que traz comsigo uma armada, e tantos Exercitos, não traz caixa militar? Sem dinheiro que diabo de figura vem elle cá fazer? Os Exercitos do Encoberto são como os Exercitos de gafanhotos, que Bonaparte manda a regenerar, e proteger o mun-

do? O Encoberto he homem, que mande adiante Commissarios a fazer requisições de çapatos, botas, camizas, e calções? O Encoberto he algum milhafre como os Duques que cá vierão?

Pant. Que ignorancia, que má logica he a da sua cabeça! Quem duvída da caixa militar do Encoberto? Mas por ventura não he dinheiro antigo que já não corre? Em elle chegando não o mandará fundir? Não se estão já abrindo cunhos assim como se abrem chapas da entregua do sceptro?

Roz. Que miseria! Meu bom amigo, Deos lhe dê boa hora, e a Parteira alegre. Eu estou a ponto de ser seu genro, além das razões d'amizade antiga; mas apezar disto declaro que me não resolvo a acompanhallo. Serei um egoista; mas o fardo numero um sempre o desejei conservar debaixo de coberta enxuta, e livre de avaria grossa.

Pant. Nem eu quereria que V. m. me acompanhasse, porque isso sería atrever-me a arriscar os segredos do Encoberto, que só a mim me serão communicados. A cousa está por dias, V. m. o verá, e os incredulos o pagarão. . . .

Roz Sim, Senhor, eu me retiro, e por amizade lhe rezarei um credo em cruz; e Deos o livre de mar, e fogo, e agoa da bomba.

Scena II

Guimar, e Pantaleão.

Pant. O' Guimar, traze-me cá a minha cabelleira redonda, o meu chapéo de crente, a minha columbrina de onze palmos, e vinte oito pollegadas, traze-me as luvas de anta, a golilha e.... deixa estar, não.... não tragas o collete de malha.

Guim. Ora vamos carregar com a feira da ladra em pezo. Que maluquice será esta? (*á parte*). V. m. vai fallar a alguma moça? Huma romaria ás dez horas da noite!

Pant. Anda tagarella; não te cales nunca; vai buscar o que te digo, e sacode-lhe bem as têas de aranha.

Guim. Pois V. m. quer ir fóra com effeito? Isto he caso novo! Vai brigar, Senhor? Em que diabrura o vierão metter aquelles dous lobisomes, que tanto batalhárão com V. m.? Que figuras de salteadores! Que dous aventureiros! O mais alto não pode ter boas obras! Que cara! Que beiços! Eu contei-lhe alguns seis, ou sete! Que javardo! Que laivoso bicho! Pois o mais baixo! Parecia-me o que outro dia ouvi a um Poeta, que havia uma morte pallida, que batia com o pé ás portas das tabernas reles.

Pant. Que entermettida chocolateira hes tu! Faze o que te digo, e não te importe

a figura do Bacharel , cada um he como Deos o fez. Chama Sebastiana para me ajudar a compor.... Oh Encoberto! Oh Encoberto!... *(Passeando).*

E trará Infantes dós,
Uno del nombre de Christo,
Otro del nombre de Diós.

Guim. (Malucou de todo!) Eu vou, Senhor, eu vou buscar o trem. (Quem me dera que o pilhassem os Morcegos com o tal espeto columbrino.)

Pant. *(Passeando.).*

Já se chega a grande éra
Qu'a grande paz nos nomeia,
Porque o rafeiro da serra
Depois de um quarto de guerra,
Se tancha na sua aldeia.

Este rafeiro he o Encoberto; talvez que á manhã a estas horas elle já esteja chantado na sua aldeia! Ah Bonaparte! e Ah tu tambem, malvado perturbador do socego Sebastico!

Guim. Ora aqui está a matalotáge. Que ferrugenta! Quem lhe leva o estoque? O talabarte está tão encorreado, que não ha forças humanas que o desentezem; eu vou deitallo de molho.

Scena III.

Pantaleão, Guimar, e Sebastiana.

Seb. Meu pai, que he isto; V. m. que me fecha as janellas com cadeados, que se recolhe com as gallinhas, que os dedos lhe parecem hospedes, que he todo trancas de ferro, que ainda não vio Opera uma só noite, só para não se recolher tarde, que se levanta em sobresalto, cuidando que um gato que pula he um ladrão que lhe vai á burra, quer sahir de sua casa ás dez horas da noite com uma durindana destas? V. m. perdeo o juizo?

Pant. O alvoroço em que estou me suspende que não castigue a tua audacia! Cala-te atrevida: he chegado o Encoberto... e....

Seb. Audacia! He amor, he zelo, he cuidado de filha!...

Pant. São bichancros: anda, finge lá um fanequito..... Ora, Senhoras, eu quero as portas trancadas, as campainhas safas, os cães soltos do pateo, e vindos alli para o patamal: suas mercês espertas, eu pouco tardo; ponhão-me a tranca de empena álerta, e bata quem bater; eu farei sinal com a ponta da espada; bico calado, e nada de réplicas.... Toca a vestir: Guimar, põe-me a golilha, Sebastiana afaga essa cabelleira,

e aperta bem a fivella, a espada não lhe toquem, eu a cingirei....

Seb. Ceos! Que será isto! Meu pai, suspenda-se, olhe que os seus annos não são para desafios, e de noite todos os gatos são pardos.

Pant. Moita, e vamos vestindo.

Seb. Aqui está a cabelleira....

Pant. (*Para Guimar que lhe põe a golilha*). Oh ladra, queres-me enforcar! alarga, que se me esbugalhão os olhos!... Dá cá a espada.

Guim. Ei-la aqui. E tem idade! péza que leva os braços abaixo!

Pant. Olha não te espétes com ella; fortes medos! Só você não tem medo dessas que andão ahi de rojo pela rua dependuradas da cintura desses bonecrinhos! Esta cá não põe a ponteira no chão; he orizontal! Estou prompto: então, Guimar, que te pareço eu?

Cuim. Hum perfeito, e chapado Sebastianista.

Pant. Não me envergonho de o ser; muita gente de gravata lavada o he, feliz daquelle que não tem perdido a fé, agora será recompensado. O confessor, que tanto me persuadio que o fosse, convencendo-me com o grande papel que fez, levando-me do confessionario para casa, onde mo embutio, talvez fique capellão mór; mas isto não he do caso. He verdade, já me hia varrendo, tudo me esqueço á vista da felicidade presente; o

Alonso que venha dormir esta noite cá para cima, não se apaguem por esta vez as luzes, eu voltarei, elle que vá abrir a porta.

Seb. Meu pai, suspenda-se, meu coração agoira desgraças; V. m. he conhecido por homem de chelpa; as caras daquelles malandrinos que cá vierão não annuncião cousa boa, isto he laço, he trempe, he rabicho, he caurim, eu tremo!

Pant. Tonta, tonta, se os homens me quizessem roubar, eu não lhes entregava o dinheiro? Não se podião sacudir com elle muito a seu salvo? Todos os homens da minha crença são homens honrados, e quem não crê no Encoberto he um patife.

Seb. Agora lhe poderão melhor, não só tirar o dinheiro, porém maçar-lhe o corpo muito á sua vontade.

Pant. Rapariga, ninguem deixa o certo pelo duvidoso, elles não adivinhavão que eu hia; mas isso não tem resposta: espera... são dez horas nas Necessidades.... não me demoro mais.... Talvez, talvez que á manhã entrando eu por estas portas dentro, e chamando por ti, diga: oh Dona Sebastiana! E póde ser que eu entre com uma Excellencia no corpo assim brincando!...

Guim. Talvez, talvez o não traga inteiro!...

Pant. Cala a boca, marafona. Adeos: Deos te faça santa rapariga: portas fechadas, e Alonso para cima: oh Alonso, oh Alonso!

Scena. IV.

Alonso, e os Ditos.

Alons. Boxa merce num me dexa dormir! num vasta o varril de dia! que chedé-mos me quer?

Pant. Que durmas esta noite atrás desta porta, e que apenas eu bater, que a destranques.

Alons. Bá nas-xoras de Diós: e boxa merceia chenôra Guimar, me dará uma isca e uma pinga de binho.

Scena V.

Guimar, e Sebastiana.

Guim. Senhora, não se intristeça; que motivos teve para se consumir? O velho teve força de negocio, elle virá se quizer, he senhor da sua liberdade; a ventura he nossa, pois folgamos um instante sem aquelle percevejo no cachaço.

Seb. Queres tu que eu suffoque os sentimentos filiaes! Isso não póde ser.

Guim. Pois elle não sahe fóra de dia? Tambem quiz sahir de noite; verdade seja que a figura comica em que elle vai he original, e se aquillo não he Sebastianice, que me rachem; mas eu ouço o assobio do Se-

nhor Bento; eu não lhe dou o escrito pela fresta, eu abro-lhe a porta; uma noite boa mette-se em casa, olhe que não teremos outra.

Seb. Eu tremo, Guimar, não abras, não o chames, e se o gallego acordar?

Guim. Quem? o Alonso? isso he pedra em poço; eu não lhe enchi já os couros de vinho? ronca como uma porca, podemos até bailar o Ril sem elle acordar; eu vou de pé ante pé.

Scena VI.

Bento, Sebastiana, e Guimar.

Bent. Adorada Sebastiana, deixa que em liberdade te beije a candida mão: a suprema ventura de estar ao teu lado me embarga, e levanta as tres potencias d'alma, a voz titubêa, hoje se ultimará a nossa ventura, meus olhos se arrasão d'agoa, a noite se torna escura, eu me sinto....

Guim. (Coitadinho!...) (*A' parte*).

Seb. Eu tenho dado a conhecer o meu affecto, e a minha paixão; este lance decide da minha firmeza; mas as tuas promessas, o nosso futuro estado....

Bent. Sim, bella Sebastiana, o destino nos proporcionou hoje as circumstancias mais favoraveis aos nossos intentos, sería uma imprudencia desprezar esta venturosa occasião;

teu pai he inexoravel, o fatal Rozendo he o destinado para fazer a minha, e a tua desgraça, atalhemos já este terrivel mal; eu sei que teu pai não tornará mais a sahir de noite, sei que virá desenganado, moido, e roubado, eu não digo mais, não esperdicemos os preciosos instantes que a ventura nos dá, eu não quero outro dote mais que a tua belleza, outra opulencia mais que a tua mão; se o genio aveço de teu pai te desherdar, eu não sou desarremediado, a nossa sorte nao será a indigencia.

Seb. E como poderemos em um instante realizar tantos bens?

Bent. Fugindo.

Guim. A' Senhora, vá feito, para onde V. m. for vou eu tambem, são mãos perdidas, depois de V. m. casar, que lhe ha de fazer seu Pai? Ha de engolir em secco. Tomára eu poder com a burra, que a levava tambem.

Seb. Tu deliras, Guimar? Se eu me retirasse sería cegeira de amante; mas mexer na burra isso he vileza.

Guim. Pois fique a burra, e ajuntemos o fato.

Seb. Que dizes?

Bent. Amada Sebastiana, eu respeito o teu decoro, como as tuas virtudes, attendo para a tua situação; eu não intento commetter um rapto, determino sim depositar-te em casa de minha tia, e de lá com todos os po-

deres em direito necessarios aprompar as nossas nupcias.

Guim. Quem? Sua tia a Senhora Fortunata? Isso he uma Santa, e gosta tanto de compor as cousas, e de fazer as vontades! Eu vou fazer duas trouxas.

Seb. Que apertado lance! Os momentos passão, eu não me sei deliberar, nem tenho com quem consulte.

Bent. Consulta o teu amor, escuta o teu coração, elle decida; eu me sujeito ás suas deliberações: esta ida extraordinaria de teu pai no alto silencio da noite parece determinada pelo destino para a nossa honestissima fugida.

Guim. Pois isso tem duvida!

Seb. Em fim eu sigo o amante, o mundo tem mais juizo que meu pai, elle desculpará a minha fraqueza; eu se fico, de certo caso com um Sebastianista, e póde haver desgraça igual a esta desgraça!

Guim. Isso he verdade. Eu antes quizera casar com o Alonso ainda que Gallego, porque em fim he pé de boi, e tem dinheiro, do que com um Sebastianista ainda que fosse dono de uma fabrica.

Seb. Ceos!... Bento!...

Bent. Eu guardo silencio; mas se me não segues, com esta faca me tirarei a mim proprio as tripas todas, o meu sangue sahindo das veias resaltará no teu peito, e me ficará neste pavimento o coração, o figado, e o deventre todo.

Seb. Suspende, Bento, tanta carniçaria: a sorte está lançada, eu... oh Ceos! eu vou.

Guim. Então vamos com effeito? Adeos, Senhor Pantaleão Velho, e adeos até á vinda do Encoberto. Eu vou ajuntar o fato. V. m. Senhor Bento, venha para o quintal, he melhor que façamos vispere por lá, do que destrancar outra vez as portas, e deixallas abertas; tambem isso sería muita asneira junta, e não he justo que quando o velho se recolha ache a casa barrida de gente, e mais de trastes. Senhora, nada de choramingas; isso não he proprio de uma mulher considerar as cousas, vamos, e depois consideraremos; eu estou arrebentando por vir fazer uma visita a seu pai depois de V. m. estar casada.... .

Seb. Pois vamos.

Scena VII.

(Vista de Rio, e um bote com gente dentro, e Pantaleão passeando ao longo da Praia). (Pouca luz).

Pantaleão, e Nunes.

Pant. As horas vão passando, o coração me pula desencadernadamente dentro no peito, eu tenho observado alguns sinaes no Ceo, uma grande estrella com uma grande cabelleira cahio para a parte das Ilhas de so-

tavento. Sobre o Castello de Almada appareceo uma cruz de diversas cores, e o Profeta diz:

Azul, negra, e encarnada
He a cor do seu pendão.

No mez de Maio passado houve um magnifico sinal do Encoberto:

E as agoas corrêrão
Por tres dias mui turvadas.

Eu vi chover sempre:

Haverá sinaes na terra,
Haverá sinaes no ar.

Eu via sempre no fim do Diario — Parte dos sinaes. — Ouço uivar um cão alli para a parte do pateo das vaccas, e o Profeta diz:

Daqui se foi vigiando
Sem nenhuma companhia,
Pelas montanhas uivando
Por buscar nova pousada,
Achou boca arreganhada,
Grandes unhas,
Dente duro,
De maduro,
Vio a furo
O inchaço
No cachaço.

Mas eu vejo um vulto que se vem aproximando a mim! O diabo da espada pega na bainha, que a não arranco de todo.... Quem vem lá da parte do Encoberto?...

Nun. Nunes, um seu venerador, e criado.

Pant. He tempo, Senhor Nunes?

Nun. E mais que tempo: o bote já deo fundo, e como estamos em baixa-mar alguma cousa se atolará; o Commissario não salta em terra, o Encoberto lho vedou antes que seja purgada das maldades que a cobrem, e antes do arrependimento dos incredulos á vista dos milagres do Encoberto: cheguemos manso, e V. m. adiante-se, e espere que lhe fallem: eu fico.

(Pantaleão caminha até ao bote, Louro que finge de Commissario lhe dirá de dentro).

Lour. Quiçá, Pantaleão Velho, que nunca vós attentastes por tamanha ventura como esta. Ora sus venhais embora, entre todos os que o Encoberto mais do peito ama, por elles lá de tão longe a todos lombriga; vós fostes o primeiro marcado para vos fazer mercê. Estais feito adiantado mór, com a Commenda de Sarilhos. Bofé que adregou com vosco; no primeiro dia que bramar, ireis para as portas de Alfofa, para lhe entregardes as chaves do Castello....

Pant. D'embaçado não posso fallar.... be.... be.... be.... be.... jo.... a Vossa Alteza....

Lour. Não vos corrais, Pantaleão Velho; olhai que o Encoberto não está aqui, e antes de sua Real entrada, depois de um quarto de guerra, não dá audiencia a seus servidores. Quem vos falla he Vasco Porcalho, recebedor e mamposteiro das maunças das cavallariças; socegai, que passado menhem,

vós vereis os meninos orfãos acavallo, e moscas por cordas. Olhai, attentai bem, aquella he a Náo grande em que está o Encoberto, aquelle he o farol; mais áquem estão as Galés mouriscas que elle traz atoadas, e estoutra he a Galé da Pionagem. Dizei-me, trazeis o sacco?

Pant. Com o dinheiro, e peza-me que fosse tão pouco.

Lour. Não aprouve ao Enboberto descarregar em um só servidor todo o pezo da necessidade, elle o partilhou por muitos, a porção que vos tocou foi meã, e vos recommendo que tenhais os vossos grãos a bom recado; pois vos diz o Preto do Japão — que nesta era se levantará o comestivo, — e vós podeis fazer grandes onzenas; ora chegai-vos mais, que vos quero abraçar; dai-me cá primeiro o saquitel.

Pant. Ai que me atollo!

Lour. Tomai tento, por minha vida, que puzestes o pé n'alguma Alforreca. Estaisestontado, cobrai animo, não arrieis, dai a mão a esse remeiro, firmai-vos, que mais soffreo por vós o Encoberto em Veneza.

Pant. Ai que me mergulhão! Ai que me amanotão! Ai que me esganão os gorgomilos! Ah qui do Encoberto! Argelinos, Moiros na praia!

(Louro salta do bote, chama Nunes, conservando Pantaleão atracado nos braços).

Lour. O' Nunes, ajuda cá, demos cabo deste papelão. *(Corre Nunes).*

Nun. E o sacco está em boa arrecadação?

Lour. Está empalmado; estripemos este Sebastianista, sacá-lhe a peruca, a farrusca já ahi está no lodo, relojo fóra.

(Pantaleão urrando como suffocado, e os dous malhando com dous bambus).

Você não se curava da mania d'outra sorte, e he obra de misericordia ensinar os tolos.

Pant. Pois Senhores, isto não he letra que entre com sangue, e malhar por este feitio com uma chuva de taponas deste lote nunca foi ensinar; se querem que eu aprenda conservem-me a vida; a primeira lição não está mal paga com tres mil cruzados, e o meu relojo de Markam, e o mais de que os Senhores Bachareis forem servidos; não me matem, que estou em peccado.

Nun. Se você he um máo Christão, e além disto pateta; se você tem um Soberano legitimo, para que quer outro? E não era melhor que você mettesse na caixa dos donativos estes tres mil cruzados, de que nós daremos cabo, e mais que fosse em menos de uma semana? Que sandice he esta de esperar o Encoberto com esses sinaes-zinhos? Pois eu protesto que se verifique esta noite um delles, que diz — Haverá muita pancada. — *(Continua o carolo).*

Pant. Ai, que ella he mais basta em cima de mim do que cabello em cão! E pos

haver dois ladrões mais; não se segue que não venha o Encoberto....

Nun. Afoga, afoga, esgana de todo, que ainda ateima, ainda bole.

Pant. Ai que espicho! Ai que morro!

Nun. Levante o dedo pora o ar; diga sô paparrotão; ha de ser mais Sebastianista? Ha de dar mais de comer ao João papajantares? Ha de acreditar mais a Madre Teresa Joaquina? Ha de andar com papelinhos sebentos do Profeta Coelho? Ha de pegar mais no covilhete da gemma?

Pant. Aqui está o dedo para o ar; nunca mais Sebastianista, leve o diabo o Bandarra, má fim tenha o Mouro de Granada; pingado seja o Preto do Japão, desgargalado seja o Donato de Monserrate....

Lour. Saca-lhe a casaca, e deixa ir esse diabo. Ouvio, sô amigo, vá pelo caminho do do bucho da pescada descalço á penha, e nunca mais Sebastianista; e adeos que nós cá vamos para a Ilha encoberta.

Pant. Boa viagem! E o que dão aos calcanhares! Como se levão! Ai minhas costelas! Não me posso bolir do trazeiro....

Scena VIII.

(Pantaleão caminha um pouco coxeando, e bate á porta).

Pant. Venho do Inferno! Se me vejo dentro, e ainda estiver luz accesa, queimo os

vinte e dois volumes das Profecias, e em luzindo o buraco vou comprar o livro — Os Sebastianistas — Oh Alonso, oh Alonso, abre, diabo, que sou eu. Alonso, ó Guimar, vocês estão mortos como o Encoberto, ou forão-se metter no sumidouro da excommungada Ilha?

SCENA IX.

Alonso, e Pantaleão.

Alons. Que xe demos he ixo! boça merceia tem calma, bem em mangas de camija?

Pant. Milagre he ainda trazer eu a pelle e o osso.

Alons. Boxa merceia xafurdou no esterco; bem enlabuxado?

Pant. Que he de Guimar? Oh Guimar! Tu acordas, dragão, onde está esta chocolateira?

Alons. Num xei, eu só oubi ahi uma mexida, e parexe-me que che me está baruntando, que beio ahi o Senhor Vento, e que che forão, e que ch'ião ber as ch'entradas do Senhor São Sebastião.

Pant. Estou perdido, estou condemnado; maldito seja o Frei João da Barroca, o Caciz Abel Mullei, o Padre Leandro, e mais o Bocarro! Afundada seja a Ilha encoberta! Cegos sejão os que tem passado Certidões que a vírão; eu não creio nem nas passarolas que vierão a Santarém. Alonso, e a burra foi-se?

Alons. Chinda entonce lhe deitei palha.
Pant. Não he essa diabo!
Alons. Antonses num bi.
Pant. Onde está minha filha, ladrão?
Alons. Chéla num ficou comigo.
Pant. E os cães ladrárão?
Alons. Num oubi.
Pant. E a ladra da cozinheira?
Alons. Chandaba ahi com duas troxas adiante.
Pant. Velho desgraçado, nem ao menos te deixárão uma corda pára te enforcares.
Alons Aqui che está a minha, num faça boxa mercê de ceremdnia.
Pant. Dá cá a luz... Ai de mim, olhem como ficou a casa! Parece que esteve àqui aboletado o Maneta! Ah Pantaleão! Ah pastola, tens os queixos amarrotados, as costelas falsas amolgadas, o fio do lombo pisado, e moido como sal, as pás como salada, estás roubado, deshonradó, fugio-te a filha, a casa está uma verdadeira roupa de Francezes; que te resta? A morte! Oh morte, anda cá depressa!

SCENA X.

Rosendo, Pantalеão, e Alonso.

Ros. Sim, amigo, a morte logo vem, e em quanto tarda.

Pöem dois ou um sobre outro,
E põe-lhe outro á direita,

Põe outro como o primeiro,
Ahi tens a conta feita.
Põem tres thezouras abertas,
Diante hum Linhol direito,
E põe mais seis vezes cinco,
Com mais hum vai satisfeito.

Pant. Se V. m. Senhor Rozendo, se vîra como eu me vi, atacado em lódo; moido a soco puro; roubado até á camisa, feito um pinto em agoa salgada; escalavrado, e zurzido a páo, e chegando a esta casa a visse com privilegio de quartel Francez, minha filha em polvorosa; ainda para me aperrear mais me repetiria as malditas das trovas?

Ros. Sua filha em polvorosa! Isso agora he mais comprido; como assim?

Alons. Num Senhor, ella che foice com o Senhor Vento a uma funçáo.

Ros. Ah Senhor Pantaleão, Senhor Pantaleão, eu tambem mereço esta desgraça pelas minhas condescendencias com as suas parvoices: declaro agora que nem sou, nem serei nunca Sebastianista: hia com V. m. ao cheiro do seu cabedal, e de sua filha; agora que tudo se gorou, sempre lhe digo que he um pateta, um louco varrido. Que cousas são Profecias desses mandriões? O ourives de Braga, os bixancros da Madre Teresa Joaquina? Que cousa são as infames trovas? Tão poucas vezes tem ellas sido queimadas pela mão do algoz no meio daquelle Terreiro do Paço? Qual he o homem de siso que dê credito a similhantes pravoiçadas?

Ahi tem as suas esperanças, as suas manhãs de névoa, os seus cavallos de madeira, os seus ovos, ahi tem a sua deshonra eterna, ahi está o digno fructo das suas conferencias do alto de Santa Catharina, torne para lá, e ponha-se de boca aberta para a barra.

Pant. Desabafe comigo, tudo he menos que ver-me sem o meu dinheiro, e sem minha filha; não me insulte na minha desventura; a minha teima acabou; eu detesto, e abrenuncio tantos fantasmas, verdadeira bruxaria, e embeléco; conheço, ainda que tarde, quem sejão os Sebastianistas, peiores são os que os defendem, porque querem metter os cães na moita para certos fins: eu vou apurar as letras, se he que mas não codilhárão, e dar comigo nos Sertões do Piauhi, e Cuiabá; antes com Tapuias, que com Sebastianistas.... Mas a burra cá está, a chave no seu logar, e as letras na carteira.

Roz. E sua filha em casa daquella santa mulher; eu vi tudo, eu espreitei tudo, e a estas horas já casada, porque aquillo he cousa que se faz do pé para a mão. Eu tenho a viagem justa, bolacha a bordo, agoada feita; as capoeiras cheias, os do dinheiro a risco logrados, e eu por aqui me sigo, e antes appareça o diabo á Náo da India, do que eu veja mais um Sebastianista.

Scena XI.

Sebastiana, Bento, Guimar, Pantaleão, Rozendo, e Alonso.

Seb. (*De joelhos*). Meu pai, perdão, misericordia, amor! Aqui estou a seus pés, lembre-se de sua filha; a minha ingratidão não destróe os direitos da natureza; eu estou casada, o mundo não murmura; o meu esposo he um guarda livros....

Roz. (E talvez que guarda-joias; que vocês não havião ir com as mãos abanando). (*A' parte*).

Seb. Está a ponto de se estabelecer, não ha desigualdade, o seu sangue não fica infamado, eu quiz evitar um Sebastianista, se pequei aqui estou a seus pés, e não me levanto sem absolvição, ou a sua benção, ou a morte.

Pant. A palavra Sebastianista te salvou das garras do meu furor; o Ceo me curou o espirito á minha custa, e os cirurgiões me curárão o corpo tambem á minha custa, e te alcança o perdão; a minha maldição cahiria em cima de teu esposo, se desse nessa manqueira. A lição que tive foi cara, o que eu podia aprender por tres tostões, (1) aprendi por tres mil cruzados, e uma sova que me não deixou um só osso no espinhaço, que não esteja amolgado.

Bent. Senhor meu sogro, eu excedi os limites; mas a paixão me arrastou.

---

(1) Era o preço do folheto — Os Sebastianistas. —

Pant. Senhor meu genro, como não quiz de minha casa mais que minha filha, e eu acho a burra em seu logar, fique perdoado, eu o admitto, e lhe dou um oitavo nos meus interesses: o golpe que acabo de receber me atrazou muito, he necessario tento, e prumo, Senhor Rozendo, eu lhe perdôo o engano em que me conservou sempre, vista a sua ultima declaração de não tèr sido, nem ser Sebastianista; eu estou desenganado, e pelo meu dinheiro: essa rapariga, que eu conservo em casa de pequena, he de Thomar, e de muito boa gente, se quizerem algum dote haverá....

Guim. Quem eu? Quero com unhas e dentes.

Roz. E eu tambem, porque estou entrado em dias; e olhe, Senhor Pantaleão, que não são os de Jeremias.

Pant. Nunca mais esses desaforos: casem, vivão felizes; eu não permittiria que casasse com Alonso, porque então pareceria isto um Entremez, sendo aliàs uma verdade.

Alons. Eu estou cajado na terra, e chantes que o num fora, num me faz conta a xenhora, he muito espertinha....

Pant. Vamos descançar. Ensopa-me dois lançoes em vinho, que a piza não foi bagatella, e apenas luzir o buraco farás uma fogueira no quintal, e em cima della toda a minha collecção dos vinte e dois volumes de Profecias; este fim devem ellas ter, e este mesmo merecião todos os Sebastianistas.

FIM.

O VICIO SEM MASCARA,

OU

O FILOSOFO DA MODA,

PEQUENO DRAMA

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.



LISBOA :

Typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis

Rua Nova do Carmo, N.o 39 — D.

1841.

PERSONAGENS.

Eufrazia	Velha.
Pitaval	Filosofo.
Clarimunda. .	Creada de Eufrazia.
Severiano . . .	Juiz.
Labieno . .	Amigos de Pitaval.
Patenio . .	Amigos de Pitaval.
Balão	Creado de Eufrazia.

Hum Tabelião.
Turba Esbirral, muda.

ACTO UNICO.

Representem uma Salla decente.

Scena I.

Eufrazia só.

Euf. Testamento de mão comúa! ... essa era fina! Antes da consumição do matrimonio! Isso era sangrar-se em saúde! E se eu tiver ainda filhos destas quartas nupcias como espero, pois eu ainda não estou com os pés para a cova! Do meu terceiro marido me ficárão quatro cazais, e elle me deixou huma Capella de livre nomeação; he verdade que as paredes das officinas do Casal do meio ficárâo por sua morte bastantemente arruinadas, mas ainda se podem calafetar. A Capella essa está intacta, o dinheiro de contado tem bolor de estar guardado; se eu faço o testamento, cuida logo em me enterrar . . . Nada, nada. Casar primeiro, e prometter sempre, e sempre deferir o testamento; com este engodo elle me fará muitas meiguices, levar-me-ha á Opera, ás funcções que eu quizer, a ver se me enrabixa com o testamento, e veremos qual dos dois fica logrado.

Scena II.

Eufrazia, e Clarimunda.

Clar. Eu não sei o que vmc. espera deste

rapazinho; he verdade que tem hum ar agradavel; dizem que he hum talentaço chapadissimo; bem sei que elle a póde fazer feliz, e governar-lhe bem os Cazaes, augmentar-lhe com bemfeitorias a Capella; mas tambem póde ser que a sua conducta seja mais hypocrisia que virtude. Os dois papelões que o acompanhão, parecem-me politicos de Caffé, brinco na orelha, cigarro obrigado; calças com reforço, e guarnição, e sobre tudo ouço dizer que são Poetas, boa laia de gente; dize-me com quem vives, dirte-hei as manhas que tens . . . .

Euf. Que importa tudo isso, se eu nunca fizer o testamento de mão comúa, e a Caza se for conservando como se conserva em administração? O Juiz não he para graças, e não he capaz de deixar comer hum panno de palha que seja de tolãa.

Clar. Olhe, Sn.ra, nem elle, nem os dois acolitos são capazes de lhe comer um panno de palha; agora se lhe podérem chupar, e lamber athe ao ultimo real, eu creio que a livrarão de encargos.

Euf. Disso os livrarei eu . . . Vai ver, que estão batendo; se for Pitaval que entre; queira o Céo traga os dois amigos que gosto de os ouvir discorrer. Ah! isto aqui não he a Cartuxa, gosto de ver gente, de tratar com gente, de ser vista da gente em quanto a gente tem idade para tratar com a gente.

Clar. Tanta gente! E muita gente junta não se salva.

Euf. Já te disse que eu não fiz voto de clausura, nem vivo no dezerto. Ainda tenho atractivos. As rugas tambem se disfarção, e para que serve a grande, e perfeitissima arte do rebôco? A alma da gente não se faz velha; eu tenho espirito; os dentes ninguem ha-de dizer que não são meus, bons tostões me custárão com a metade de hum queixo ao natural; importou-me tudo em quatro moedas: este defeito do pescoço tambem se disfarça; então para que são os vestidos enforcados? Ora vai ver quem he, que eu vou para dentro compôr-me, e descasquear-me toda. [*Sahe.*]

Scena III.

Balaõ, e Clarimunda.

Clar. [*Abrindo a porta.*] Que he isto Balão? tu dezertaste? Em que te mettes? Tu não estavas na Linha?

Bal. Qual dezertar! Venho com licença dos meus superiores, aqui a trago neste canudo. Vim buscar meias-fardetas; depois de ámanhã aballo para um attaque; sempre quiz vir refrescar memorias; lembrou-me que comí o pão nesta Casa dez annos antes que me deitassem a mão, e tambem ainda não perdi da memoria esses bigodes . . . . Vmc. está de tremer! As saudades do seu Balão não a tem apertado muito. Isto são cazais de Pombos, Sn.ra Clarimunda, e os freguezes

aqui nesta Casa são como cabêllos em cão: o triste Balão a ouvir por lá zunir as balas aqui por estas orelhas, e talvez que por cá alguem me mettesse os caens na moita....

Clar. Alto lá, Snr. Balão, Vmc. adianta-se muito; não conhece a rigêza do meu peito! Isto cá he á prova de batarias; eu jurei-lhe amor, e não me venha arrotando authoridades Militares....

Bal. Hum Soldado he decizivo. Quer Vmc. vir comigo? Sabe que mais, Vmc. he esbelta, bem estreada do corpo, tem hum gesto arruminado; vá feito, vista-se em trages de homem, venha assentar praça no meu corpo, andaremos juntos, e levaremos huma vida-airada em quanto não vem duas balas, huma para mim, outra para Vmc., eu caio, e fico morto, Vmc. tambem cahe, e fica morta alli ao pé de mim; ficâmos estirados, e dahi ao depois de morrermos no campo da honra vem enterrar-nos, e quando lhe tirarem a farda para a cozerem em hum saco, vêem que he mulher... todos ficão pasmados, e dizem, forte amor de sobrinha! Isto era huma Rapagariga de truz. Ha vida como esta no Mundo!

Clar. Que lhe preste! Por ora não estou resolvida, mas se me resolvêsse, eu tinha lá geito para marchar, e para manejar a almanjarra tão grossa, e tão comprida de huma Espingarda?.... Quem me havia ensinar o manejo.

Bal. Cá o bixo, que estou para ser pro-

movido a Anspeçada em tendo mais dez annos de serviço !

Clar. Vivão os seus augmentos, Snr. Balão! he precizo que eu os celebre já; ora empine, e prepare essas orelhas, e acompanhe . . . . [*Canta, e aqui tem lugar huma musica de marcha.*]

SCENA IV.

Eufrazia, e os Ditos.

Euf. Oh Snr. ! . . . . Seja bem apparecido, e logo a cantar ! Bela vida militar ! O que lhe gabo, Snr.ª Clarimunda, he a sua paxorra ; não perde pitada ; sem me dar parte que tinhamos este precioso aboletado, desfecha huma tempestade de guinchos por este feitio ! . . Ora, Snr. Balão, despeje-me a Salla que eu espero visitas ; Vmc. sabe os cantos á Casa , e lá na Cozinha talvez que ache alguma cousa com que possa fazer o manejo de dente sem voz. Entende-me ?

Bal. Perfeitissimamente, e para um saque dessa natureza sempre cá está o guerreiro prompto. A's armas ! Lá me chamão, com licença.

SCENA V.

Eufrazia, e Clarimunda.

Euf. Tu hes alguma cousa estouvada ; mas em fim descubro em ti algum zelo pela mi-

nha felicidade, sempre te quero ouvir neste importante negocio que trago entre mãos Tu sabes que tive tres maridos, estão enterrados, não sei se fui eu, se fôrão os Medicos, que derão cabo delles; com agoas passadas não móem moinhos, eu acho-me vigorosa ....

Clar. Eu assisti ao enterro dos tres; quer saber se estou resolvida ao enterro do quarto? Hé esse o negocio?

Euf. Appélo eu! Pois o mesmo he cazar comigo que ter meio caminho andado para o Cemiterio?

Clar. Não hé meio caminho, he todo o caminho. Eu não sei se isto procede dos seus humores; em passando o primeiro mez começão logo os miseraveis com huma tôcinha sêca, depois vai-se-lhe afinando o nariz, somem-se-lhe os olhos, cáhe-lhe o cabêllo, adelgáção-se-lhe as pernas, apparecem-lhe varios glôbos no pescoço, arrêão-se-lhe as campainhas, escarrinho de sangue, e cova te valha!

Euf. Pois sim, cova te valha, e então por isso fica o Mundo sem homens?

Clar. Olhe cá, se Vmc. for ateimando a viver, e a cazar, depressa ficará o Mundo sem essa fazenda.

Euf. Mas se elles querem....

Clar. Vem huns com o cheiro na fazenda que os outros deixão.

Euf. Venhão elles seja a que cheiro for; se tu podes passar sem marido, eu não pos-

so, quero quem me ampare, e quem me administre a fazenda, e tenho resolvido cazar com Pitaval.

Clar. Eu sou sua Creada, não sou sua tutora; mas faça-me a mercê de me dizer em que se occupa este Patamal, ou este Pitaval, que Officio tem?

Euf. He Filosofo....

Clar. Filosofo! Isso he hum Officio de lote? E os dois que andão com elle, que Officio tem?

Euf. Tu não o sabes? Fazem versos nos Botequins, jogão, passèão, vestem, calção, e tudo da sua natural industria.

Clar. Isso he que se chama servir a Patria. Mas deixêmos essas cousas, isso pertentence lá ao Limoeiro; se Vmc. quer cazar com o tal Patamal, ou Pitaval, porque não caza? Vmc. hé Senhora de si, e parece-me que já não existe na fórma da Lei, porque me parece que tem mais de dezeseis annos!

Euf. Alguma couzinha mais, mas muito pouco. Eu era a primeira vez cazada pelo terremoto grande.

Clar. Sim por ahi hade andar; pois então cáze, dê-nos hum dia de alegria, para nos dar dahi a hum mez outro de luto.

Euf. Elle quer que antes de me dar a terna mão de Esposo, eu faça o testamento de mão comúa, e depois se fará a Escriptura para as nossas faustas nupcias; hoje he o dia destinado para se lavrar o testamento, e elle

não tarda com as testemunhas, e o Tabelião. Oh Clarimunda, eu estarei em meu juizo perfeito?

Clar. Assim, assim.... mas isso logo se vê.... lá estão batendo.... Se forem elles?

Euf. Abre-lhe a porta, essa he boa! Elle não hade ser dono da Casa? Eu retiro-me, e depois vêm-me chamar. [*Sahe.*]

Clar. Vá com Deos.... São elles! Que corja! parecem-me tres perfeitissimos ladrões!

Scena VI.

Pitaval, Labieno, Patenio, e Clarimunda.

Pit. Clarimunda, a idéa inata que eu tenho do teu merecimento sempre me encanta.

Lab. Em quanto no Mundo girar a verdade nos Periodicos, será louvada a sua beleza.

Pat. Em quanto álem das agoas do soberbo Atlantico....

Clar. Que he isto! Vmcs. vem do Izidro? Ou acabão de tomar Caffé?

Pit. A minha independencia cede á força dos teus atractivos; a Filosofia não tem valor para resistir....

Clar. Isso he com minha ama; não he comigo. Com licença, eu a vou chamar.

Scena VII.

Os tres.

Pat. .... Do Sol tres cursos passárão,
E sete cursos da Lua,
Nunca, oh Marcia, a raiva tua
Meus suspiros abrandárão.
Meus olhos te consagrárão
De affecto hum taçalho assim...
Mas os fados.... ai de mim!....
Marcias só querem dinheiro,
E de pobres só dão cheiro
Poetas de Botequim!

Lab. Da America feliz Cantão ditoso
Muitos thesouros no seu seio encerra,
Se de lá surde hum Mono dadivoso
He logo vencedor, de Amor na guerra;
Logo lhe arruma hum Ananáz cheiroso,
E a corja dos rivaes vence, e desterra,
Fica na rua o apollineo louro,
Versos não fallão onde falla o ouro.

Pit. Isso são sentenças dignas de hum Licurgo e de hum Solon, por isso eu amigos seguindo a minha filosofia, não arrastro a aza se não a Velhas sexagenarias, e serpentinas, cahem como tordos, e por huma consequencia digna da minha alta filosofia, das premissas de quatro afagos tiro da algibeira ás Velhas cabedal com que posso sustentar as moças.

Os dois. Vmc. estudou Logica, e não he como a Logica das nossas tristes cabeças.

Pit. Pois amigos, com essa honrada Lo-

gica venho eu armar hoje aqui hum testamento de mão comúa a ver se posso empalmar os Casaes desta Velha, e dar cabo della, bem entendido sem a esparrella do Cazamento, e espero que Vocês me ajudem, porque terão rasca.

Os dois. Sem escrupulo.

Por hum Caffé no dito testamento
Daremos logo hum falso juramento.

Pit. E o mais não he ser filosofo.... Ahi vem a furia.

SCENA VIII.

Eufrazia e os Ditos.

Euf. Felizes, Senhor Pitaval! Para lhe obedecer, meus Senhores. Eu não vim logo a seus pés a gozar da sua amavel companhia por estar alguma couza incommodada emquadra de indispensaveis necessidades.

Pit. Pensões da natureza, assim o pede a economia fisica do corpo organico feminil.

Pat. [Que me dizes á tartaruga? Ella está em termos de não escapar esta Quaresma!.... [*A' parte a Lab.*]

Euf. Então, Snr. Pitaval! O negocio da nossa união eterna fica na especulação sómente, ou reduz-se a huma effectiva, e constante pratica?

Pit. Isso depende da sua vontade; eu já lhe expuz os preliminares da dupla alliança; huma vez que se troquem, procederemos logo á sua conclusão.

Lab. Quer dizer o Sr. Pitaval que feito, approvado, e sellado o Testamento se cuidará logo nos banhos.

Euf. Queira o Céo que não sejão mergulhos!

Pat. Nós para isso somos convocados, para garantes, e testemunhas, visto o Sr. Pitaval ter já mandado a sege para o Tabelião, e depois

Batendo as azas Cupido,
Vindo do Inferno, ou do Céo,
Entre as unhas d'Hymineo
Deixe o bello par unido.

Euf. Bravo! Bonito! Muito obrigada!

Lab. ... E tirando do carcaz
Doirada séta estridente,
Fará na antiga serpente
Filhos como Satanaz.

Euf. Isso agora he graça sua! Não admitto lisonjas.

Pit. Tratemos cousas sérias: o Tabelião está fallado; não tarda aqui. A Snr.ª D. Eufrazia está disposta?

Euf. Com as cordas d'alma. Mas pareceme agouro antes de enlaçarmos as ternas mãos tratármos de couzas que cheirão a defuntos.

Pit. São precauções da boa filosofia; os meus carinhos merécem alguma recompensa: a fama dos meus excessos hé já publica, e em quanto durão as diligencias, ou meu Pai oppozér alguns obstaculos, se o destino determinar augmentar o numero das Parcas

com a Snr.ª D. Eufrazia... não he justo que o seu amante, e futuro Esposo fique defraudado...

Euf. Boa he a cautella.... o amor, e fogo em que me abrazo a tudo me obriga. . . Mas eu sinto rodar sege, será o Tabelião! Com licença. O' Clarimunda! . . . Clarimunda! . . . Ahi vem a rapariga, que abra a porta, que prepare a meza, e a escrivaninha: eu venho já: todas as minhas interiores entranhas se me comovêraõ! Este lance he de muito aperto.. Com licença... Clarimunda!. . (*Sahe.*)

Scena IX.

Clarimunda, e os Ditos.

Clar. Aqui está Clarimunda, sobre as azas de Cupido.

Lab. Lá vai...

Desses dois olhos as settas
Despedes com tanto orgulho,
Que atravessão o bandulho
De dois lambizas Poetas:
Ficâmos como patetas
Todos de queixo cahido,
Se hum suspiro enternecido
Sem dinheiro vai voando
Vem logo recambiando
Sobre as azas de Cupido.

Clar. Pois quem he pobre não tem vicios, meus Senhores. Deixem-me hir preparando

as cousas necessarias para o Auto e corpo de delicto; mas eu não posso só com esta bizarma da Banca, e o Sr. Balão ainda que hospede não deve levar tão boa vida. O' Balão!..

Scena X.

Balão, e os Ditos.

Bal. Aqui venho pelos ares... Respeitabilissimos Srs... Que dois Pifanos para o meu Regimento! Como lhe estaria bem a farda! Ainda os não achárão?...

Lab. Assim se insultão os filhos da Musa?...

Bal. Filhos da... (Ora minha ama sempre gostou destes papelões!) (*Pegando na meza e olhando para elles, á parte.*)

Clar. Cála-te Balão, que os Srs. são Poetas?

Bal. Pois então que vão para a Caza dos orates, ou Lazareto com elles, que isso he gente apéstada; se eu encontrasse alguns por huma charneca, a baioneta tinha que trabalhar.

Pit. Amigos, he ter paciencia, isto he gente sem principios filosoficos da tolerancia; elle tem má cara, e bem podem prometter hum Soneto de cêra ao Pai Apóllo para sahirem daqui com vida.

Clar. Tu não te acomodarás Balão? Olha a zanga que havias tomar em hum instante!

Bal. Oh diabo! Pois quem não hade in-

quizilar com estas duas caras! (*Chegando para elles.*) Tú cuidas que não conheço os dois estafermos do Botequim?

Clar. Retira-te, que ahi chegou a sege. (*Sahe Balão.*)

Pit. He o Tabelião. Chame a Senhora. (*Clarimunda abre a porta.*)

Scena XI.

Os tres, o Tabelião, e Eufrazia.

Tab. Os Senhores desculpem a minha demora, que estive pegando humas folhas em hum Testamento para se levar á alcova de hum moribundo que o devia assignar...

Pit. Aqui temos objecto da mesma natureza; a Senhora quer passar a quartas nupcias comigo, e segundo as nossas estipulações quer anticipar-se com Testamento de mão comúa para o que dér e vier. Os Senhores são as testemunhas...

Tab. A cara he boa, e bem se vê a sua alta probidade, julgo que terão occupação publica?...

Os dois. Poetas...

Tab. O' lá isso he huma cousa de grande momento em a Republica; e a sua assistencia?

Os dois. (*Pasmados hum para o outro.*).. No Bilhar...

Tab. Está bom, está bom, tem todas as qualidades para fazerem fé em juizo quando

seja precizo. Vamos a isso que eu tenho alguma pressa, e o Testamento tem cabeçalho grande antes que comecêmos a lançar as verbas, e a senhora talvez queira algum Codicilo.... (*Sentando-se todos á roda da meza.*)

Bal. (Ora ahi vai o testamento da Velha! Olha que cortiço! Não a logrão! Isso he passaro de bico revolto!... (*De hum canto, ápar-te.*) (Verão o que sahe daquella tartaruga! Que posta me deixará ella a mim?... (*O Tabelião escreve.*)

Euf. Está feito o cabeçudo, Sr. Licenciado?

Tab. Sim, Sr.ª, póde determinar... (*Lê.*) Por minha morte constituo meu Herdeiro universal o Sr. Pitaval...

Euf. Não Sr., eu não queria assim...

Tab. Pois diga.

Euf. Por minha morte deixo ao Sr. Pitaval huma Quinta em Caparica, que confina pelo nascente com outra Quinta, e pelo poente com huma Horta.

Tab. E como se chama a Quinta?

Euf. A Quinta da Logração...

Tab. Vamos...

Euf. Deixo-lhe hum Olival na Penha, humas Marinhas em Setubal, cinco Hortas em Chelas, hum Pomar de caroço em Colares; deixo quando morrer estas Cazas em que móro com laudemio de quarentena; deixo-lhe hum Cazal em Pernes com suas pertenças...

Bal. (*Do canto, áparte.*) (Eu tambem dei-

xo tudo aquillo quando morrer... Que taes estão os Legados pios! Leve-lhe o Diabo o Testamento!

Euf. Deixo-lhe hum Moinho em Cheira-Ventos: deixo-lhe huma Lizíria defronte de Alhandra, e de bens livres deixo-lhe para ver a Batalha do Campo de S. Braz..

Pit. Basta.. Isto parece-me mangação.. Porque me não deixa tambem os Arcos das Agoas-Livres, e o Cruzeiro de Arroios? Deixo, deixo. Isso deixão todos!...

Euf. Ah! meu pequerrucho; pois então não me entende! Pois eu que enterrei tres, deixar-me-hia lograr pelo meu menino! Meu filho, cazemos, vivâmos, e em testamento quando a doença fôr perigosa fallarêmos.

Lab. Amigo Pitaval, a Logica não foi boa, as premissas não erão solidas, e a consequencia falhou.

Tab. Com isso não tenho nada; o meu trabalho, e incomodo com lucros cessantes, e danos emergentes...

Euf. Quem lhe encommendou o sermão que lho pague, eu só pagarei as Escripturas do nosso matrimonio quando o Sr. Pitaval determine as competentes arrhas..

Pit. Eu procurarei a Sr.ª segunda feira..

Tab. (*Sahindo.*) Isto he casa de ladrões, e de velhacos!...

Scena XII.

Eufrazia, Clarimunda, e os Ditos.

Euf. Oh Clarimunda! vem serenar esta borrasca; o Sr. Pitaval ficou muito triste, elle tem culpa com a insupportavel demora das nossas nupcias; dèmos este passo, e tudo se fará.

Pit. Sim, Sr.ª, quero fazer-lhe a vontade.. (Tu mo pagarás cascata do Inferno.) (*A'parte.*)

Clar. Então que me querem?

Euf. Que cantes o nosso Epitalamio sobre motivo de Lundum, composto aqui pelo Sr. Patenio, que he muito sentimental como são todas as suas peças.

Clar. Veremos se me lembra.. Ora ahi vai a outra letra que he de hum devoto particular.

De amor a chamma voráz,
Que humano peito traspassa,
Tanto fére esbelta moça,
Como fére huma Carcaça.

Já c'o os pés na sepultura,
Já c'o o rosto bolorento,
Péde-lhe o corpo folia,
Quer fadango, e cazamento.

Manhosa, e sagaz,
Não cahe na esparrella,
Se cazar com ella
Promette hum rapaz.

E creia o que eu digo
Senhor Pitaval,
Sem dar mão de Esposo,
Não chucha hum real.

Todos. Bravo.

Pit. Bravo, e bravo. Senhora D. Eufrazia, eu vou cuidar nas arrhas, e escripturas; mas antes queria ter aqui huma conferencia com estes meus amigos, se me dér licença.

Euf. Essa he fina! todos nos retirâmos. Ora veja se acaba com isso, e se ámanhã he o dia... (*Sahem.*)

Scena XIII.

Pitaval, Patenio, e Labenio.

Pit. Amigos, quando não vale o occulto estratagema, vale a força descoberta; vocês tem percebido que o meu intento era cardar esta velha com o engôdo do cazamento; mas isto he fortaleza inconquistavel ao artificio; repelio o ataque com huma tactica sublime. Eu sou Filosofo, e assento por hum principio digno da moderna illuminada Filosofia do Pritanêo central, que as cousas não mudão de essencia, ainda que violentamente se arranquem das mãos do seu legitimo possuidor. Segundo o Systema Continental, o direito da propriedade he dado agora pelo direito da força; quem mais póde empalmar mais legitimamente possue. Esta Velha he rica, e conserva o dinheiro tão em-

papelado, tão livre das injurias do ar, que se rí das constipações; cada marido que enterra he huma burra que augmenta: tenho determinado promover a sua circulação, pois o dinheiro he o sangue da sociedade, e nunca este sangue gira tão bem, como quando he espalhado pelas mãos da Filosofia. Eu vou chamar á luz do dia os ferrolhados cartuxos, fazer brilhar com a refracção dos raios do Sol aquelles diamantes sepultados em perpetua noite. Tu, Patenio, hés o meu braço direito, e tu, Labieno, o meu braço esquerdo. Os despojos desta illustre victoria serão divididos com a mais escrupulosa igualdade. Esta caza não tem defensa; duas mulheres, e huma dellas tartaruga, ficarão mudas apenas ouvirem sahir do bico de huma faca a palavra filosofica — *Ponha para ali* . . . Nós sahimos para fóra, e daqui a duas horas, com a confiança que me dá o amor, venho, e finjo que me esqueceu cá alguma cousa, a porta de certo se me abre, em eu entrando está a praça escalada, a brexa praticavel; vocês entrão, cada hum se apodéra de huma, lenço na bôca, mãos atraz, chaves apanhadas, burras abertas, cartuxos restituidos á sua liberdade; as nossas algibeiras, até agora finas como o circulo polar, ficarão quentes como a Zona torrida, e se a Velha grunhir, antecipar-lhe-hemos dois mezes mais a sua viagem para o Cemiterio. Eis-aqui huma daquellas cousas a que a moderna filosofia chama golpes de mão.

Pat. Oh profundo! oh altissimo filosofo Pitaval!

Teu nome espalharei por toda a parte,
Igualas hum francez no engenho e arte!

Lab. Se os fructos gozas do fatal despojo
Deos te livre, e a nós do Caes do tojo,
Onde junto a tres páos já sem remedio
Cantem gatos pingados o Epicédio!

Mas em fim, trutas não se pescão a bragas enchutas. Eu persuado-me, que destas premissas, por muito boa e moderna Logica, se tirará a legitima consequencia da nossa fortuna; o menor numero deve ceder ao maior; nós somos tres, e a Velha he huma. Viva a Filosofia!

Pit. Despeçamo-nos em francez já que isto está por horas. Serviteur, Monsieur.

Scena XIV.

Balão, Eufrazia, e Clarimunda.

Euf. Qué-de esta gente? Desconfiou o meu Pitaval! Ah! elle torna! Arrufou-se, mas o amor o apertará de saudades.

Bal. Sabe que mais! foi o Céo quem aqui me trouxe. Eu acabo agora neste instante de ouvir huma Proclamação franceza... Bravo Exercito de Gironda, sou contente de vós.

Clar. Que dizes tu, Balão?

Bal. Que digo eu Balão? Que quando suas mercês se retirárão, e deixárão aqui ficar os tres respeitaveis Filosofos, e Poetas,

eu fiquei além naquelle canto; ouvi que argumentavão em Filosofia, e fizerão humas conclusões em que assentárão que daqui a duas horas davão hum assalto geral; o Sr. Pitaval se deve introduzir nesta Casa para a proteger, e depois facilitar a entrada aos dois Poetas para consumarem a obra da protecção.

Euf. Ainda te não entendo...

Bal. Digo que os tres amigos são tres refinadissimos ladrões, e que daqui a nada assaltão esta Casa para a roubar, o que elles disserão he em francez, e o que eu digo he em bom Portuguez...

Euf. Oh Céo! Que remedio!...

Clar. Nunca me enganei com elles!...

Bal. O remedio he o que eu lhe vou dar. Marcho n'hum pulo a avisar o Juiz Administrador, venho com elle, e não faltarão gozos que o acompanhem; pelo caminho eu lhe descobrirei os planos do inimigo; eu, e mais elle ficaremos naquelle quarto de emboscada; vmcs. não se dêm por achadas; abrão a porta. Aqui está Balão; ainda que viesse o Exercito do Baltico, e o Anjo da Victoria, tudo aqui ficava; os tres amigos hão de passar pelas armas, ou eu não heide ser Balão. Não se assarapantem; deixem-se amarrar, que então lhe cahirei em cima com o corpo do meu commando; eu já conto com tres prisioneiros de grande patente...

Euf. Deos te encaminhe! Tenho o coração como huma pulga! Ah! maroto, estas érão

as nupcias promettidas! Não era Eufrazia, érão as burras a quem tú andavas batendo a orelha; que me dizes, Clarimunda?

Clar. Que o Filosofo, e os dois Poetas érão tres aceadissimos ladrões! O vicio nelles he sem mascara, e em fim a vida de tres ociosos effectivos de Bilhar, e Botequim dá na vida de tres descaradissimos ladrões; veja a que boa gente franqueava a sua casa!

Euf. Crédo! Eu me benzo! Se a gente cegasse com a negra palavra—Cazamento!...

Clar. Ahi vem o Balão com gente.

Euf. Abre já, que estou tremendo!

Scena XV.

Severiano, Balão, Eufrazia, Clarimunda e Aguazis.

Sever. Por isto, Sr.ª D. Eufrazia, andava eu esperando ha muito tempo. Nunca lhe quiz perguntar quem era o tratante que a engodava, e quem érão os companheiros d'armas que o seguião.

Bal. Assim que eu os vi logo disse que érão ladrões; não tratemos agora de falar nas vidas alheias. Chega a postos! V. S.ª tenha bondade de se retirar áquelle quarto com este asseado piquete... Que gente, que carinhas! Vocês tambem serão da sucia?... Eu fico acolá para fazer hum reconhecimento no campo, e suas mercês duas, aqui he que as quero; em batendo abrão, que he

o inimigo... Turenas, Vilares, e Eugenios, em que eu tenho ouvido falar no acampamento, sem lhes ver nunca os bigodes, venhão aprender de mim o valor, e a disciplina..... Com estas duas joias chamo o inimigo para ó centro, tenho nos flancos aquelles bravos de capote que se me parecem com huns que cá vierão de capote branco: eu aqui por este lado conforme a natureza do terreno posso cortar-lhe a rectaguarda... Isto aqui não admite Cavallaria; não póde manobrar, mas caio-lhe nas ancas com o corpo da rezerva: Vim, vi, e venci.... Batem na porta.... moita tudo... A'brão... (*Retira-se.*)

Scena XVI.

Pitaval, Labieno, Patenio, Eufrazia e Clarimunda.

Pit. Meu Idolo, perdôe o incommodo; não sei se por engano me ficou cá o meu relojo, e não posso ficar sem elle para as horas dos meus estudos filosoficos: pelo amor, e confiança que me dá me resolvi a tornar atraz....

Euf. Ora essas satisfações não são de amante! Esta casa não he sua?.... Sim, bem éntendo, foi o indiscreto ciume que o atormenta; quiz ver se eu estava em companhia.... pois engana-se; a minha fidelidade he a toda prova...

Pit. (*Chega-se para a abraçar.*) Meu uni-

co thesouro... he verdade que eu me sentí roído dessa vibora; vem a meus braços..... *Agarrando-a com força.*)

Euf. Que he isto Pitaval!... Tu esganasme?...

Pit. Ah grandissima serpente! Tartaruga! Cascata infernal! já, já para alli as chaves da burra, mais...

Pat. (*E Labieno segurando Clarimunda.*) E a Sr.ª formosissima Clarimunda, tenha a bondade de não tugir, nem mugir...

Euf. (*Como engasgada.*) Ah ladrão! Ladrão! Estas são as arrhas para o meu casamento?...

Pit. As chaves da burra....

Euf. Aqui estão n'algibeira, ladrão!

Scena XVII.

Severiano, Balão, os Ditos, e Esbirros.

Bal. O sexto, o decimo, o quinto Corpo cá para fóra já!.... attaca!.... flanquea..... marcha mais a rectaguarda... (*Empurrando os Esbirros.*)

Sev. Que vejo!... meu Sobrinho!...

Bal. Cá no campo não ha parentes.

Sev. Céos! He esta a educação que tiveste! Estes os exemplos que viste na tua familia? Estes os fructos do teu estudo? Estes os principios de moral que te fizerão beber com o leite? Indigno! Monstro! Estas companhias te pervertêrão; a tua indole não he

mal formada; mas que se póde esperar desses domicilios da ociosidade, donde pela crápula se dá o primeiro passo para a libertinagem! Estes dois glosadores de outeiro são os teus mestres; estes te impellem para a tua ruina. Não, não considerarei o sangue que te gira nas veias; tu serás victima da vingança, e da justiça publica; hirás findar teus aviltados dias no mais remoto presidio de Africa, e servirás de exemplo á depravação da inconsiderada mocidade deste seculo . . . Senhora desaffronte-se; a Providencia lhe quiz abrir os olhos, escolhendo o instrumento deste honradissimo Soldado; eis-aqui hum digno defensor da Patria, e nelle póde mais a probidade natural sem cultura do que toda a cuidadosa educação deste monstro indigno...

Pit. Meu Tio! perdão....

Pat. Senhor, nós não sabiamos para que vinhamos...

Lab. O Senhor nos disse que lhe tinha cá ficado o relojo.

Sev. A justiça o saberá, e dará emprego á sua ociosidade. Levem-me estes scelerados da minha presença... Cadêa... (*Sahem os Esbirros com os tres.*) E Vmc. Sr.ª D. Eufrazia; lembre-se que he tres vezes viuva, que a sua leviandade he mais escandalosa pela sua muita idade...

Euf. Muita idade!... A minha Certidão reza....

Sev. A Certidão que lhe diz que tem se-

tenta e cinco, tambem lhe diz que tenha juizo, que viva com honestidade. Eu sou destinado, não só para vigiar os seus bens, mas a sua pessoa. Este Soldado que a salvou he hum digno herdeiro seu; e já que esta Rapariga a tem aturado tanto, mereça alguma recompensa; e devem entrar pelo matrimonio na posse dos seus bens: para estes he que deve ser o seu testamento; hum a salvou, outra a aturou.

Euf. Eu por mim cazem.. Aquelle ingrato!

Bal. Eu tenho licença do meu chefe; vá feito!

Clar. Ah Balão! o que era graça foi devéras: aqui tens esta mão.

Euf. Anda Balão, dá-lha... eu envejo a sua sorte São meus herdeiros!

Clar: (*Cantando.*)

Vou comtigo meu Balão
Já voando para o Céo,
Eia aperta-me esta mão
Sobre as aras do Hyminêo.

Bal. Eu juro constante
De ser teu amante.

Ambos. Eu juro etc.

Bal. He só meu thesouro,
E eu juro de ama-la
Em quanto huma bala
Não me entra no couro.

Clar. Eu te juro, ó meu Balão,
Até seguir-te na guerra,
Defendendo a Lusa terra
Cahir comtigo no chão.

Ambós. Ah! vamos ao campo
E vamos viver,
Alli saberemos
Amar, e vencer.

FIM.

